

*Manuel de Orizaga*

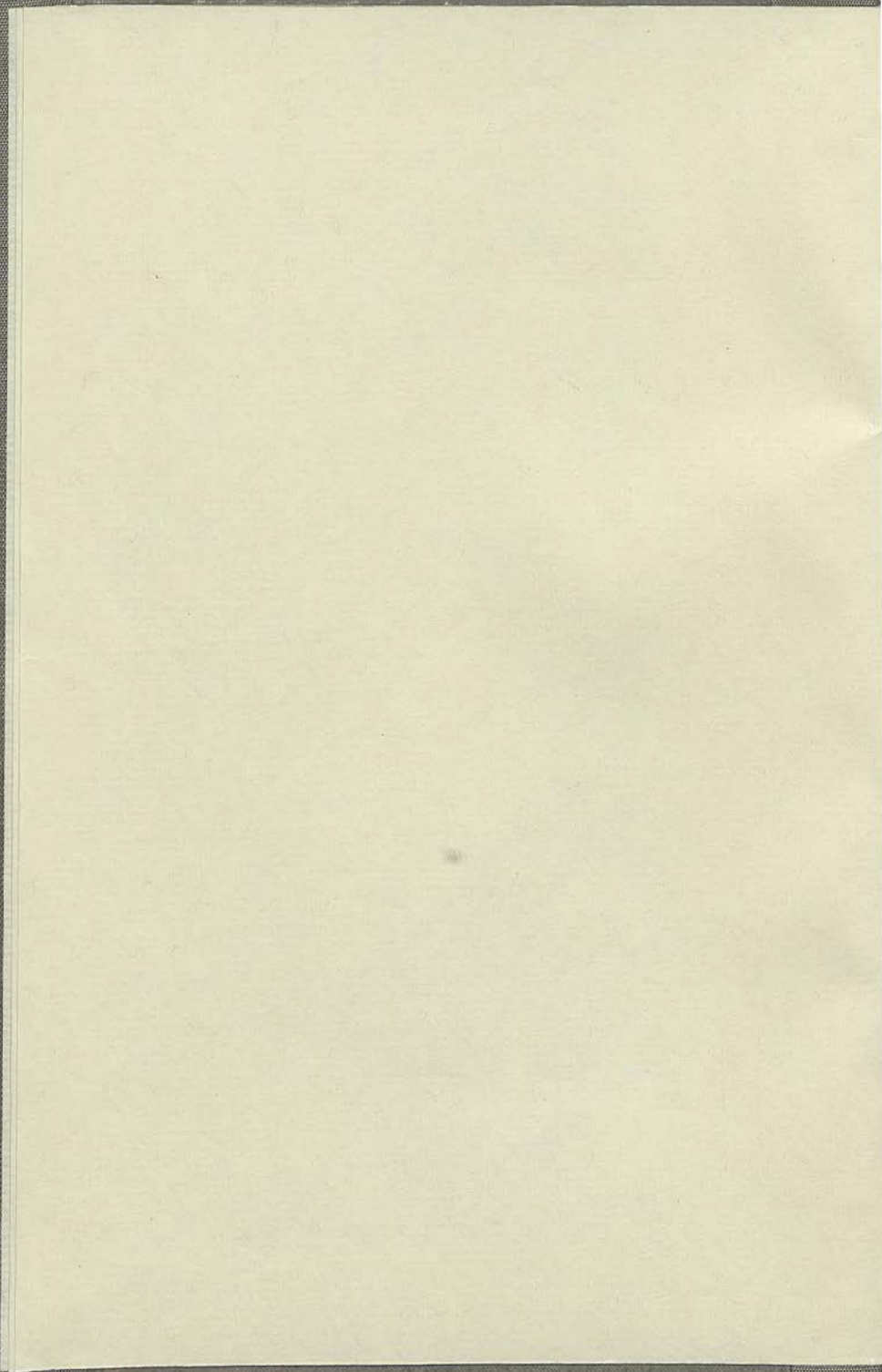


AS

FARPAS

VOLUME 6

EDITORA  
LISBOA





AS FARPAS







RAMALHO ORTIGÃO

# AS FARPAS

TOMO VI

19-84-

A SOCIEDADE



LISBOA

DAVID CORAZZI - EDITOR

Rua da Alfandega, 50, Lisboa

1888

Rua da Alfandega, 50





*Vidas da Cunha.*

I

Porque é que a Estatística nos não disse ha mais tempo o que sabia? Ter-nos-hia tirado o trabalho de procurar para tantos phenomenos as suas confusas causas metaphysicas. Agora que a Estatística da Alfandega Municipal se declarou explica-se tudo.

A referida Estatística diz:

Productos em carne limpa das rês abatidas para consumo da cidade de Lisboa no anno de 1874-1875.

De rês adultas.....	kil	5 284:195
De rês adolescentes.....	»	140:366
Da especie ovina e caprina.....	»	156:526
Total.....	»	<u>5.581:087</u>

Calculada em 300:000 individuos a população fixa e fluctuante de Lisboa, comprehendida a tripulação dos navios mercantes e de guerra que fazem no Tejo as suas provisões de carne, temos que dos referidos 5.581:087 kilogrammas de carne limpa das rês da especie bovina, ovina e caprina, adolescentes e adultas, castradas e não castradas, toca a cada habitante, por anno,— 18 kilogrammas.

De sorte que cada habitante de Lisboa recebe no seu estomago, desprezadas as fracções millesimas, de carne limpa das rês da especie bovina, caprina e ovina, adultas e adolescentes, etc., etc.,—kilo e meio!

Bem vêem que se explica tudo: cada habitante alimenta-se com kilo e meio de carne—por mez! É inutil accrescentar mais nada, porque suppomos que comprehendem bem...

Ha kilo e meio de carne para trinta dias.

No primeiro dia almoça-se e janta-se o kilo; no segundo dia almoça-se o meio kilo.

Ficam apenas 28 dias e meio por mez, 342 dias por anno, nos quaes o habitante de Lisboa não tem absolutamente carne de nenhuma especie, nem da bovina, nem da ovina, nem da caprina, nem para almoçar, nem para lunchar, nem para jantar, nem para cear, nem para comer fora de horas.



Desde o momento em que isto se precise bem, como acaba de ser feito, com cifras officiaes, authenticas, insuspeitas e infalliveis, Lisboa está definida :  
*Cidade com carne para dia e meio por mez.*

Em vinte e oito dias e meio por mez, em tresentos e quarenta e dois dias por anno, Lisboa padece esta doença perigosa : A nostalgia da carne.

E querem idéas, querem character, querem musculos, querem força, querem bom-senso, querem firmeza, querem vontade, querem opinião !

Ah ! querem tudo isso ? Dêem-nos carne.

Olhem-me para este habitante . . . Elle tem o angulo facial agudissimo, — de gallinaceo ; falta-lhe fronte e falta-lhe queixo ; o seu peito é estreito e concavo, as suas pernas estéticas e frageis : é o producto da hereditariedade em successivas gerações definhadas e nostalgicas. Este habitante tem os gostos estreitos : é pelo fato apertado, pelos estofos finos, pelas botas excessivamente agudas, pelos versos tristes, pelas arias molles, pelos quadros languidos. Ouvi o resultado dos seus estudos, das suas reflexões : o seu cerebro educou-se n'um mundo phantastico ; não tem uma só noção logica, nitida, pratica ; nenhum dos seus esforços o adeanta um passo na vida ; existe ao acaso, sem norma, sem methodo,

sem disciplina; não sabe o que é, nem d'onde vem, nem para onde vae, nem o que quer.

Elle vem simplesmente do dia primeiro do mez antecedente e dirige-se lentamente para o dia primeiro do mez seguinte; elle vem do ultimo jantar de carne, cuja memoria se lhe perde confusamente, ao longe, nas brumas da historia, e adeanta-se para o jantar de carne seguinte, occulto nas incertezas do futuro. Atravez de todo o seu trabalho mental, elle lembra-se vagamente de uma cousa, — a carne, a saudade eterna, a permanente e roedôra melancolia!

Enroupem este habitante n'um fôfo casaco assorroadado, de baetão, mettam-lhe no estomago uma boa fatia de lombo assado, despejem-lhe dentro um copo de vinho do Termo. Sigam este regimen durante um mez. Ver-se-ha uma transfiguração moral. O homem começará pouco e pouco a discriminar, a discernir, a comparar, a tirar illações, a produzir idéas. Estabelecendo-se-lhe ao mesmo tempo um methodo de estudo e de tarbalho, despontar-lhe-ha tambem a alegria, que é o musculo da alma.

Vejam esta pobre menina de dezoito annos:

Está na idade feliz da candura, da forte seiva, da fina pelle, das bellas gengivas escarlates, dos beiços humidos, dos dentes scintillantes. E todavia o



seu pescoçinho esguio está amarellecido e levemente engelhado como o de um peru sem pennas. A exiguidade dos seus ossos proíbe-lhe o ser mãe. As suas clavículas descarnam-se-lhe do peito como duas pequenas *étagères*. A sua estaturazinha parece a de um pintainho depennado dentro de um vestido de boneca feito de uma amostra de *tarlatana*. Ella recita ao piano, e os seus dentes são escuros. Ella sabe de cor as *Flôres d'alma*, e as suas gengivas são desbotadas. Ella sonha com o poeta Florencio, e o seu halito não tem frescura. Ella lê os folhetins do sr. Eduardo Vidal, e a sua cuia é immensa.

Pois bem! propinem-se-lhe tres costelletas por cada um dos tresentos sessenta e cinco dias que tem o anno, com mais tres costelletas supplementares para o exercicio dos annos bissextos, duas d'essas costelletas da especie ovina ao almoço, uma da especie bovina ao jantar, e ella desmedrará em sentimentalidade e em cuia tudo quanto ha de adquirir em cor e em sangue; a imagem do poeta Florencio só lhe apparecerá sob o aspecto de *cochemar*, e pode ser, se acompanhar o regimen das costelletas com um tratamento pelos calcareos, que ainda venha um dia a ser mãe, aos trinta annos.

Mas não se pode ter tudo: pão e circo, costelletas e ociosidade, desordem e bife!

As classes pobres em Lisboa consagram todas as suas economias no verão aos touros, no inverno aos bailes de mascarar. Além d'isso têm na primavera a feira das Amoreiras, no verão a feira de Belem, no outomno a feira do Campo Grande, no inverno arranjaram agora ultimamente os jardins de Whittoyne.

De modo que vem naturalmente a faltar-lhes um pouco de dinheiro e um pouco de tempo para realisar por mais de vez e meia por mez, esta singella e obscura operação caseira, burgueza, prosaica—todavia essencial—de reunir em volta da mesa, acender o candieiro, desrolhar as garrafas, distribuir o pão, empunhar o talher e atacar valentemente, em familia, o baluarte nacional da sôpa, vacca e arroz.

Pedimos, meus senhores e minhas senhoras, que reflectam um momento no que lhes vamos dizer.

O homem, producto da dupla influencia da natureza externa sobre elle e d'elle sobre a natureza externa, é principalmente dominado para os effeitos do seu temperamento, do seu character e da sua intelligencia pela qualidade dos alimentos que assimila.

Sendo a mais importante parte dos nossos elementos anatomicos formada chimicamente de quaternarios azotados, é indispensavel que principios analogos se achem em grande quantidade nos ali-



mentos destinados a reconstituir na nossa economia os principios dos elementos anatomicos que nós successivamente dispendemos. Assim o homem é fatalmente um animal carnívoro. Para ser impunemente herbívoro como o cavallo e o boi seria preciso que o homem dispuzesse de um alambique nutritivo especial, que infelizmente não possui.

O doutor Corvisart observa que na abstinencia todo o animal se torna carnívoro; consome os seus proprios tecidos, sabre-carrega-se-lhe o estomago com um succo gastrico roubado á economia e destinado a combinar-se com os alimentos ausentes. É a autopophagia.

Dada pois a necessidade inilludivel que tem o homem de comer carne, vejamos, por meio de dados estatisticos, por que modo actua no individuo a differença da ração que se lhe ministra.

Por occasião da construcção do caminho de ferro de Paris a Rouen, em 1841, empregaram-se n'essa obra alguns operarios inglezes que trabalhavam juntamente com operarios francezes. Os engenheiros constructores da linha observaram dentro de pouco tempo que dois operarios inglezes trabalhavam tanto como tres operarios francezes. Verificou-se que os inglezes absorviam grandes quantidades de carne e de cerveja, em quanto os francezes se alimen-



tavam quasi exclusivamente de legumes. Os empreiteiros do referido caminho de ferro resolveram então estabelecer um rancho commum e forçar francezes e inglezes a uma ração equal assim constituida: Carne — 660 grammas; pão — 750; batatas — 1000; cerveja — 2000.

Desde que este regimen se instituiu a desigualdade do trabalho desapareceu. Desde essa época até hoje esta notavel experiencia tem sido muitas vezes repetida, dando sempre identicos resultados. Actualmente nenhuma empresa ingleza acceita operarios estrangeiros sem os forçar ao regimen alimenticio dos operarios nacionaes.

No segundo anno da campanha da Criméa, quando terminaram as hostilidades regulares, o exercito francez havia perdido por doenças resultantes de uma alimentação insufficiente 20:868 homens sobre um exercito de 130:000, emquanto o exercito inglez perdera apenas 441 homens sobre o total de 50:000. Durante o primeiro anno da campanha, quando soldados francezes e inglezes recebiam uma alimentação equal, a mortalidade nos inglezes era muito superior á dos francezes! «Viu-se aqui, diz o doutor Shimplon, um facto unico na sua especie: um exercito, ameaçado de ser destruido pelas doenças, passar, quasi sem transição, por effeito dos alimentos, para o estado sanitario mais florescente, e isto sem-

pre nas mesmas circumstancias de guerra, de clima, de estação.»

O typo normal da ração de um homem está provado pelos physiologistas modernos que é o da ração ingleza acima indicada.

Menos de 600 grammas de carne por dia, fora o pão, os legumes, o vinho ou a cerveja, é insufficiente para a perfeita alimentação de um homem que trabalha.

Em França, onde a questão scientifica da alimentação, tão profundamente estudada na Inglaterra e nos Estados-Unidos, só ultimamente começou a ser attendida, os regulamentos administrativos prescrevem, ainda assim, que nunca nos lyceus seja inferior a 250 grammas de carne a ração de cada creança com doze ou quinze annos.

O doutor Le Bon, de cujo admiravel livro extra-himos alguns d'estes dados, conclue nos termos seguintes o importante capitulo da alimentação:

«Demonstramos já a influencia do regimen alimenticio na saude, na duração da vida, na resistencia ás enfermidades, na producção do trabalho. Não terminaremos sem nos referirmos á influencia da alimentação na energia moral, no character, na producção das idéas. Nos animaes esta influencia tem sido por muitas vezes provada. Os carnivoros quando são alimentados exclusivamente com vegetaes per-



dem as qualidades ferozes, que readquirem com a alimentação animal. Aprofundando este assumpto poderíamos demonstrar como os costumes e as idéas dos povos variam segundo a sua alimentação. Sob uma forma talvez paradoxal Liebig emite uma verdade profunda quando diz: «É certo que tres pessoas das quaes uma se satisfaz com carne e pão, outra com pão e queijo, e outra com batatas, considerarão sob tres pontos de vista inteiramente diferentes a mesma difficuldade que se lhes apresente. A acção dos differentes alimentos sobre o cerebro e sobre os nervos varia evidentemente segundo os principios particulares que contem.»

«Os philosophos, que julgam as faculdades independentes da organisação dos seres, difficilmente comprehendem estas verdades elementares para os physiologistas; é todavia em explicações d'esta ordem que se acha o segredo de muitos acontecimentos humanos. Nas suas cartas ácêrca das substancias alimenticias Geoffroy Saint Hilaire mostrou quanto um regimen excessivamente vegetal enfraquece a intelligencia e deprime a energia moral. «Quantos factos na vida dos povos, diz elle, a que os historiadores assignalam causas várias e complexas e cujo segredo está no seio particular da familia! Vêde a Irlanda e vêde a India! A Inglaterra não poderia reinar pacificamente sobre um povo devastado



se a batata, quasi só, não ajudasse esse povo a prolongar a sua lamentosa agonia. Cento e quarenta milhões de indios não obedeceriam a alguns milhões de inglezes se se alimentassem como elles. Os Brahmanes, como outr'ora Pythagoras, quizeram suavisar os costumes. É certo que o conseguiram, mas enervaram os homens.»

Veja-se como em Portugal todos os phenomenos confirmam a profunda lei biologica que os rege:

A estatistica diz-nos que Lisboa quasi não come carne. D'este facto deduz-se inteiramente o estado geral da sociedade em que elle se dá:

O habitante pacifico, tolerante, indolente, molle, incapaz dos serios trabalhos mentaes, incapaz dos fortes exercicios phisicos, sem iniciativa, sem perseverança, sem methodo, sem idéas fundamentaes, sem convicções de especie alguma, *sereno mas encravadado*;

A população decresce, sendo certo, segundo as admiraveis estatisticas colligidas por Quetelet, que de todos os agentes phisicos que affectam o crescimento das classes operarias, o mais activo e o mais universal é a alimentação;

O numero dos casamentos diminue, devendo-se notar, segundo Buckle, que os casamentos estão sempre em relação fixa com o preço do trigo, e pro-

vando-se pelas estatisticas feitas em Inglaterra durante cem annos, que o casamento não depende dos sentimentos pessoaes, mas sim do *preço dos alimentos* e da taxa dos salarios;

A arte decae e a litteratura ceva-se n'uma cançada inspiração de segunda mão, quer no theatro, quer na poesia, quer no romance, sem originalidade, sem tradição, sem estylo, sem philosophia, sem idéa, sem moral. O profundo Michelet justifica a poesia de Malherbe, o patriarcha da banalidade em verso, o metrificador do vácuo, o rimador a pão e agua, pela circumstancia de ser Malherbe o representante litterario de uma geração famelica, de uma sociedade em jejum. E Malherbe é ainda em Portugal um chefe de eschola, um modêlo de escriptores afamados!

Não sómente Lisboa mas o paiz todo offerece o que quer que seja do estacionamento indiano de que fala Geoffroy Saint-Hilaire. Quinet observou-o perspicazmente na sua viagem a Portugal. Ha uma riqueza pecuniaria resultante da emigração, riqueza trazida do Brazil, com a qual se affecta uma especie de actividade economica. Em todas as demais manifestações do progresso, o paiz, em condições normaes de liberdade e de paz não dá um passo.

Ha um facto extremamente expressivo para con-



traprovar a acção da lei a que nos estamos referindo sobre o desenvolvimento da sociedade portugueza. É a profunda influencia dos conventos no progresso intellectual do paiz.

Os frades tinham em Portugal a posse exclusiva dos altos estudos e constituíam a classe pensante da nação. Abolidas as ordens religiosas, sem uma poderosa organização do ensino secular que contrabalançasse a perigosa amputação realisada nas forças da sciencia pela extincção dos conventos, a nossa civilização liberal ficou acephala.

Invertendo deploravelmente a ordem por que se devem produzir os aperfeiçoamentos humanos para realisarem uma civilização harmonica, nós importamos os resultados exóticos da civilização ingleza e fundamos o nosso progresso politico exactamente no atrophiamiento do nosso progresso intellectual, quando seria ao contrario pelos successivos desenvolvimentos do progresso intellectual que nós devíamos ter lançado as bases de um verdadeiro progresso politico. Não é porém a lastimosa historia das viciadas origens do constitucionalismo portuguez que nós pretendemos recordar n'este momento. O que apenas desejamos notar é o facto indiscutivel da preponderancia intellectual do frade, preponderancia que nenhuma outra classe herdou das extinctas ordens monasticas, e accrescentar que perante



a physiologia a differença fundamental que distinguia os frades de todos os demais portuguezes era a de uma alimentação regular e perfeita.

N'estas circumstancias o governo subsidia a empresa lyrica de S. Carlos! a camara municipal projecta um *boulevard!* e funda um premio para o cavallo vencedor nas corridas de Pedrouços!

Ainda se os cavallos, depois de corridos, se comessem assados, nada objectariamos! E bem assim todas as empresas lyricas subsidiadas pelo Estado mereceriam os nossos applausos freneticos e os nossos bravos entusiasticos, se os tenores, pelo menos, fôsem da raça bovina, e se as damas em vez de derramarem na scena *um rio de perolas*, como dizem os poetas lyricos, derramassem bifes sobre as platéas estaticas!

Pungente e acerba ironia a um dilettantismo de assorda e feijão carrapato! a um *sport* de pão de ló e chá com leite!

## II

O *Diario de Noticias* publicava ha poucos dias as seguintes linhas :

«Desde que está em vigor o código civil têm-se proposto as seguintes acções de divorcio: No anno de 1868, 10, 9 intentadas pelas mulheres e 1 pelo marido; em 1869, 21, 17 intentadas pelas mulheres e 4 pelos maridos; em 1870, 25, 19 intentadas pelas mulheres e 6 pelos maridos; em 1871, 20, 14 intentadas pelas mulheres e 6 pelos maridos; em 1872, 30, 27 intentadas pelas mulheres e 3 pelos maridos; em 1873, 33, 21 intentadas pelas mulheres e 12 pelos maridos; em 1874, 25, 16 intentadas pelas mulheres e 9 pelos maridos; em 1875, 18, 15 intentadas pelas mulheres e 3 pelos maridos; e no presente anno, até hoje, 5, 3 intentadas pelas mulheres e 2 pelos maridos; total 187, ou seja 141 pelas mulheres e 46 pelos maridos.»

Estes numeros referem-se unicamente á Relação de Lisboa.

Nada mais grave do que o caso de que se trata. Cento e oitenta e sete divorcios nos ultimos sete annos denotam uma perturbação progressiva no principio da familia, o que equivale a dizer—na fonte da moral.

De todas as instituições portuguezas a unica definitiva, a unica estatica, a unica inviolavel é a familia. Se esta tende a dissolver-se, então, meus caros senhores conservadores, nada mais nos resta que conservar. Deante de tal catastrophe, a ironia emmudece, porque não tem força sufficientemente subversiva e demolidora. Pedimos para nos substituir—o terremoto.

Para comprehendermos como o divorcio sobrevem é preciso examinarmos como o casamento se contrae. A maioria dos casamentos em Portugal não se effectuam por accôrdo das familias ou como ordinariamente se diz, *por conveniencia*; tambem se não effectuam *por amor*. O casamento verdadeiramente portuguez é o casamento—*por namôro*.

O que é o namôro?

O namôro é a occupação predilecta, muitas vezes exclusiva, de uma quantidade innumeravel de individuos que, ao abrigo dos costumes e a salvo da policia, praticam por habito, por moda, por dever de



dandysmo, em plena impunidade, o attentado mais estúpido, mais grosseiro, mais ordinario, mais pe-lintra, que um homem de espirito e um homem de bem pode commetter em detrimento da dignidade, da honra, do culto e da religião domestica. Este acto consiste em attrahir e fixar n'um passeio, n'um theatro, n'uma egreja, o olhar de uma menina honesta; de a seguir até casa, como se segue uma *cocotte*, a ella, que vae ao lado de sua mãe, no meio de seus irmãos mais novos ou pelo braço de seu pae; de lhe dirigir no outro dia uma declaração de amor por intermedio de um jornal complacente ou de um creado brejeiro; de lhe pedir uma resposta, uma entrevista, um signal *de que lhe não é indifferente*.

A menina, para a qual toda a educação do espirito até ahi recebida tem sido uma preparação para esta crise e um annuncio do seu advento, ella, a quem já tardava a experiencia propria de uma d'essas aventuras que constituem o elemento principal dos livros que lhe têm deixado lêr, dos romances, dos poemas, das gravuras e das lithographias que tem visto, dos dramas e das operas que tem ouvido, ella, cujas amigas todas namoram, ella, a quem o proprio confessor perguntou já por duas ou tres vezes, em voz baixa, no mysterio sombrio do confessionario, por meio de um circumloquio da cartilha

se ella não namorava tambem, ella finalmente, que foi conduzida e guiada até a romanesca situação que repentinamente lhe apparece por todas as suggestões e por todas as influencias sociaes, pela litteratura, pela arte, pelos costumes, pela propria religião, — responde a esse homem, responde por uma carta, por um annuncio, por um signal, por um me-ro olhar agradecido: *que elle lhe não é indifferente.*

Começa então para os dois a convivencia clandestina dos namorados.

Ella illude a vigilancia carinhosa de sua mãe; evade-se aos reparos severos de seu pae; escreve ás escondidas; levanta-se de noite para apparecer a uma janella; confia o seu segredo a um cocheiro, a um lacaio, a um moço de recados; torna seus cúmplices a sua creada de quarto e os seus pequenos irmãos; inventa subterfugios, expedientes, suppostos convites, fingidas doenças; enreda, atraiçoa, mente; vive na hypocrisia, no fingimento, na indignidade; torna-se triste, nostalgica, cretinisa-se no espasmo cerebral da idéa fixa. Como ordinariamente a primeira aventura se dá ao sahir do collegio, ao completar os estudos elementares, ella em vez de proseguir no desenvolvimento d'esses conhecimentos embryonarios, principia a esquecer successivamente quanto apprendeu. Contrae o desgosto do trabalho, o tédio dos simples costumes domesticos, o odio á



serenidade prosaica da vida burgueza. Deseja as fortes excitações da musica sensual, dos livros prohibidos. Faz-se desvanecida e vaidosa. Tem o fetichismo da *toilette* e a adoração da sua propria pessoa. Chega a acreditar, ás vezes, que é effectivamente *uma rainha, uma deusa*, e que o seu olhar, que ella consulta ao espelho, pode talvez, como *elle* incessantemente lhe repete, *dar a morte ou dar a felicidade paradisiaca e suprema*.

Elle, pela sua parte, escolhe para representar deante d'ella, entre todos os galãs da legião romantica, o papel que lhe parece mais seductor, mais poetico, mais commovente. Como ella o não conhece, como ignora a historia da sua vida real, como o não vê senão de passagem na rua, no theatro, como lhe não fala senão de fugida no intervallo de uma quadrilha, durante uma volta de valsa, elle pode bem apresentar-se-lhe sob o character postico de qualquer personagem litterario. Resolve ser, por exemplo, *Antony*, o *duque Job*, o *marquez de Villemer*, o *conde de Camors*, e regula as suas opiniões, o seu estylo epistolar, a sua *toilette*, as suas maneiras pelo typo do personagem que adoptou.

Porque, enfim, o que elle pretende é deslumbral-a, commovel-a, seduzil-a! Ora não será confessando-lhe francamente que morre pela perna de carneiro com alho, que tem um fraco pelo queijo saloio,



que sofre uma tympanite e um callo de ôlho de perdiz, que lhe está a sahir um dedo do pé por um rasgão da meia, que ganha oito tostões por dia, que errou uma somma no seu escriptorio, que levou uma reprehensão do seu chefe de secretaria, que traz um peitilho postico sobre uma camisa suja, não será, em summa, apresentando-se-lhe tal qual é, — pobre diabo, sujo, poltrão, guloso, obscuro, com dividas, com caspa, com joelheiras nas calças, com uma nodoa no collete, com um vicio occulto, com uma doença escondida, com mau halito, — que elle mostrará merecer inteiramente os epithetos que ella lhe dirige: — *meu anjo! meu Deus! meu tudo!*

E é n'este fingimento, n'esta impostura, n'este lôgro, n'esta baixa idolatria reciproca, de estylo safado, dissolvente, abjecto, nojoso, torpe, alastrado em duas almas, como um pingo de azeite sobre duas folhas de papel mata-borrão, que esses dois entes desgraçados — que hão de ser um dia marido e mulher — se iniciam para a grande lucta pratica, para a grave e austera vida domestica!

Quinze dias, oito dias, ás vezes dois dias apenas, de intimidade conjugal, bastam para dar aos dois uma desillusão horrenda.

Não, elle não é o *conde de Camors*, o *marquez de Villemer*, o *duque Job*. Elle é um burguez bom homem, que se levanta ás oito horas, que calça as

suas chinelas, que toma as suas medicinas refrigerantes, que faz a barba em camisa de dormir, que quer, ás nove horas em ponto, dois ovos quentes, uma chavena de café com leite e duas fatias de pão torrado com manteiga; que, se lhe derem por qualquer d'estas cousas *um olhar, um longo olhar*, d'aquelles que dois dias antes davam *a vida, a felicidade suprema*, grita que prefere café com leite; que não ha de viver de sorrisos e de ternuras; que não é um ente imaginario e chimerico; que o que elle é — (e como tal o devem respeitar e distinguir) — que o que é, verdadeiramente (e então o declara pela primeira vez) é *um burro de trabalho!* que se maça para sustentar a casa; que precisa de comer ás horas, que quer os seus ovos quentes e o seu pão molle, justa compensação de tantas fadigas!

Ella comprehende então — ai! demasiado tarde! — que aqueceu no seu seio poetico a vibora envenenada da prosa. Tem um ataque de nervos, rasga o roupão de rendas, *á Margarida Gautier*, que mandara fazer na Aline, que perfumara com um *saché de opoponax*, com destino á lua de mel. Chorou todo o dia, rasgou cartas de velino côr de perola, perfumadas a *opoponax* como as rendas da sua *robe de chambre*, deitou á pia antigos ramalhetes de flôres sêccas e amores perfeitos esmagados entre folhas d'albuns.



Ao fim da tarde, ao jantar, quando elle chega, está feia — primeira contravenção do dever! Tem os olhos pisados, o cabello despenteado e sujo, está de sapatos achichelados, sem espartilho, sem collarinho, sem *toilette*, e sem banho. Elle acha-lhe um aspecto e sente-lhe um cheiro parecidos com o que ha á hora matinal do almôço em algumas casas vigiadas pela policia, e procura abafar no fundo do seu coração o primeiro movimento instintivo da repulsão e do desprezo.

Foi para isto que elles consumiram um ou dois annos de vida na falsidade e na mentira, sacrificando o trabalho, compromettendo o futuro, e pervertendo-se um ao outro!

Os que se não casam n'estas condições, os que não baseiam o casamento no namôro, partem de um principio igualmente errado: pretendem fundar no amor a felicidade conjugal.

O amor é um estado essencialmente transitorio. É como uma enfermidade. Tem a sua phase de incubação, o seu periodo agudo, a sua declinação e a sua convalescença. É este um facto reconhecido e ratificado por todos os physiologistas das paixões.

N'um capitulo intitulado *Morte natural da paixão*, o sr. Letourneau diz: «Depois de termos apaixonadamente desejado um bem ou um prazer, obtemol-o



e gosamol-o. Então geralmente a paixão diminue ou morre. Effectivamente a realidade é tão differente do ideal de perfeição, da felicidade gerada na imaginação do apaixonado, que elle desengana-se, e cura-se.»

Byron, um experimentado, diz nas suas *Memo-rias*: «Não pode haver uma vida toda de paixão como não pode haver um tremor de terra permanente ou uma febre eterna.»

Sempre que a paixão não diminue e se extingue, ou se converte n'outra paixão, ou persiste. N'este ultimo caso é o apaixonado que sucumbe—pela alienação mental.

O amor, que é uma paixão cerebral, de todas as paixões a mais passageira e a mais ephemera, obedece fatalmente á lei commum citada por Letourneau, confirmada por todos os psychologistas, por todos os observadores.

Ora, se o amor é uma crise de sua natureza transitoria, é claro que elle não pode constituir o elemento vital de um estado definitivo e permanente como é o casamento.

Os conjuges que esperam manter a felicidade conjugal na chamma viva do puro amor eterno, estão condemnados a receber do tempo um desmentido cruel.

Fundar o casamento no amor é simplesmente não

achar no entendimento e não achar no coração a diferença que existe entre a amante e a esposa. Foi seguindo essa errada opinião vulgar que a Igreja decretou o celibato ecclesiastico, como condição de *pureza*, — o que levou Proudhon a dizer que, pela comprehensão do casamento, a Igreja mostra que lhe falta uma cousa: falta-lhe religião; é naturalista.

O amor sensual é unicamente o amor livre. Disciplinado pela união eterna do homem e da mulher, o amor sublima-se, muda de natureza, muda de nome.

O nascimento do primeiro filho, quer assim o queiram entender quer não, é um fim de acto.

Principia depois uma vida nova, uma nova phase de *sympathia* mais pura, mais duradoura. É então verdadeiramente, a instituição do lar, o foco sagrado que tem de sobreviver-nos, e no qual o ponto de attracção deixa de ser o beijo da mulher para ser o sorriso do menino.

O casamento estabelece-se na razão, no sentimento da dignidade humana, no dever, no direito, na virtude, e no proprio interesse. As suas raizes internam-se ao mesmo tempo no que ha de mais elevado e no que ha de mais profundo na alma do homem.

O casamento é a identificação de duas pessoas imperfeitas n'um individuo completo.



A questão de desigualdade dos dois sexos foi julgada com lucidez inexcedível por Proudhon e por Auguste Comte. A mulher não é igual, nem inferior, nem superior ao homem; é-lhe equivalente. A fórmula proudhoniana é a seguinte:—o homem tem 8 em força e 2 em belleza; a mulher tem 8 em belleza e 2 em força. De sorte que o homem vale 8 mais 2; a mulher vale 2 mais 8.

A fraqueza feminil, a fraqueza que inibe a mulher de se *emancipar*, de viver independente do homem, é exactamente o defeito que lhe dá a sua qualidade eminente—o mimo,—qualidade de que o homem carece, e por falta da qual elle tambem não pode *emancipar-se*, não pode viver independente.

Só, a mulher acaba pelo descorçoamento e pela fadiga. Só, o homem acaba pelo embrutecimento e pela bestialidade.

O celibato é uma amputação nas forças e nas faculdades mentaes do homem. A intima convivencia da mulher revela na comprehensão do universo e do mundo moral noções que o nosso estudo não pode descobrir desalliado d'essa collaboraçã. Ha uma série de pontos de vista que só podem ser achados pelos dois, e são o resultado especial do *poder conjugal*, poder formado da combinaçã das faculdades do espirito feminino com as do espirito do homem. Na intelligencia de cada um dos sexos ha um gran-



de numero de substancias, para assim dizer, amorphas, que precisam de combinar-se com os elementos intellectuaes do outro sexo para terem o que chamariamos em chimica mineralogica a *crystallisação*, a forma regular, a expressão geometrica. As aptidões do homem reunidas pelo casamento ás aptidões da mulher são como os alcalis e os acidos que, combinados, produzem substancias novas.

Qual é a familia em que a educação da mulher não tenha sido completada pela educação do homem? e em que o homem, por mais eminente que elle seja, não deva licções profundas e serviços relevantes ao espirito de economia, ou aos habitos de ordem, ou á sagacidade scintillante da mulher, que, em certo dia, ou em muitos dias, o salvou com um dicto, com uma idéa, com um repente, de uma conjunctura difficil, dando-lhe a solução do problema que elle debalde procurara resolver sósinho?

Vejam-se os testemunhos de Michelet, de Guizot, de Stuart Mill! Veja-se o perfeito accôrdo da theoria de Proudhon com a realidade da sua vida domestica! Veja-se a influencia da familia na organização dos trabalhos litterarios de Victor Hugo, casado desde os vinte annos!

Nos *Ensaio de Demographia*, ultimamente apresentados pelo doutor Bertillon á Academia de Medicina de Paris, os resultados da applicação da es-

tatística ao estudo das collectividades humanas demonstram, sobre os grandes numeros da população da França, da Belgica e da Hollanda :

1.<sup>o</sup> Que nas pessoas solteiras a mortalidade é perto de duas vezes maior que nas pessoas casadas.

2.<sup>o</sup> Que o augmento de vida para os que se casam entre os vinte e os vinte e cinco annos de idade, é de cinco annos a mais do que para os solteiros.

3.<sup>o</sup> Que entre as pessoas solteiras ou viuvas, comparadas com as pessoas casadas, se dão annualmente :

Duas vezes mais casos de alienação mental ;

Duas vezes mais attentados contra a propriedade ;

Duas vezes mais homicidios e mais violencias contra as pessoas ;

Duas vezes mais suicidios.

Estas proporções mantêm-se egualmente para os dois sexos e em todas as edades.

Assim temos que, apesar dos enormes trabalhos da gestação e das suas consequencias, dos graves accidentes puerperaes, dos cuidados e das fadigas da amamentação, da creação e da educação dos filhos, a vida da mulher casada é muito mais longa que a da mulher solteira.

O homem, apesar do grande excesso de trabalho que contrae por via da responsabilidade da familia,



apesar dos innumerados encargos de que se rodeia, apesar do sacrificio da liberdade, do descanso e da riqueza, feito á mulher e aos filhos, apesar das difficuldades economicas da vida multiplicadas pelo casamento, resiste no entanto, mais poderosamente depois de casado do que em solteiro, ao vicio, á tentação criminosa, ao desalento, ao desgosto da vida, á fraqueza e á enfermidade.

O casamento é portanto a mais poderosa alliança que a creatura humana pode contrahir no meio da concorrência social.

E' a alliança contra a indisciplina, contra a desordem, contra a dissipação, contra a aberração mental, contra a perversidade, contra o embrutecimento, contra a degradação, contra a fragilidade, contra as doenças do espirito, contra as doenças do corpo, e, finalmente, contra a morte.

E' o pacto indissolúvel para a moral, para o bom-senso, para a justiça.

Bem vêem que seria subalternisar extremamente o casamento insistir ainda em consideral-o como a pura satisfação do amor.

Não é uma satisfação o casamento, é um sacrificio, e é precisamente como sacrificio que elle dá á consciencia a sancção moral que constitue a felicidade mais absoluta a que pode aspirar o homem,



—a felicidade de merecer a vida para a dedicação, e de merecer a morte como o descanço devido áquelle que cumpriu valorosamente no mundo a obra da boa vontade.

O governo dos Estados-Unidos acaba de collectar o celibato. Nunca o imposto assentou em base mais equitativa. O casamento é n'uma sociedade o mais importante serviço prestado á moral e á saude publica. O imposto sobre o celibato tem por fim equiparar, dentro dos limites da intervenção governativa, a contribuição proporcional de cada um para o proveito da commuidade.

Se os dramas e os romances, se os sermões e as praticas, se os catecismos da moral e os catecismos da religião, se todos os grandes agentes da nossa educação tivessem contribuido para dar-nos o justo criterio do casamento, o *namoro*, essa grande chaga, desapareceria dos costumes, e o homem aprenderia a honrar o amor, não como um passatempo frivolo ou como um disfarce do desejo, mas como um convite da natureza para a sua affirmação moral na dignidade perfeita, no completo dever, na grande verdade da vida e do destino humano.

Segundo os numeros citados pelo *Diario de Noticias*, entre os queixosos que requerem o divorcio é muito maior o numero das mulheres que o numero dos maridos,—o que prova que a culpa princi-

pal da dissolução da familia em Portugal cabe ao homem. Assim é effectivamente. O grande culpado é elle. Umas vezes como marido, outras vezes como amante, elle é o réo principal nos crimes domesticos.

A mulher portugueza, falsamente educada nos principios estheticos e nos principios religiosos mais dissolventes da energia do character e do senso moral, está tão desarmada para resistir ao adulterio depois de casada como para resistir ao namôro emquanto solteira.

Por outro lado as mesmas condições que a enfraquecem a ella aperfeçoam o homem no manejo de todas as tactics, de todas as astucias por meio das quaes se pode sitiari e combater a virtude.

Seria possivel resumir em poucas paginas o *manual do seuctor*. E' um systema, uma série de planos completos, em que tudo está previsto como na esgrima: a finta, a resposta, o golpe. Nenhuma das pessoas ignorantes d'essa moderna arte *de ser amado* pode nem de longe calcular a perfeição dos innumeraveis expedientes de que dispõe um *entendido*. A difficuldade maior no processo de seduzir consiste em descobrir na mulher um defeito capital. Se ella o não tem é invulneravel. Se o tem, applica-se-lhe o processo correspondente ao seu ponto fraco, e ella cae. O processo consiste no emprego assiduo,



insistente, continuo, de uma série de sophismas tendentes a fazer-lhe considerar o amor como a apothose do defeito que se lhe descobriu. Algumas vezes o processo é indirecto. Assim quando o defeito é a vaidade ou a inveja, a côrte de um verdadeiro entendido dirige-se á amiga intima da mulher que se requesta. Quando o culto simulado á que se tomou por *meio* gerou a humilhação e o despeito na que se tem por *fim*, o seductor offerece em sacrificio á segunda o desprezo immediato, profundo, eterno, para toda a vida, a trôco de uma palavra, que elle espera, aos pés d'ella, como á sua sentença de vida ou de morte.

De cem mulheres vaidosas, noventa e nove proferem essa palavra, que *elle espera, alli, aos pés d'ella, etc.*

E nem uma só comprehenderá, nem na hypothese referida nem em centenaes de outros casos que não temos tempo de indicar, que é victima de um jôgo indigno, de um frio calculo premeditado, de uma burla cruel!

No triangulo symbolico da culpa tal é a mulher e tal é o amante! Ella tem os defeitos fataes de uma educação viciada; elle tem a habilidade, o estudo, o talento, a mais lata premeditação do crime.

Vejamos agora o marido.

É-lhe tolerado o adulterio, que a sociedade absolve e que o código consente, menos nos tres casos previstos no parágrafo 2.<sup>o</sup> do artigo 1204: escandalo publico, inteiro desamparo da mulher, etc.

Perante os tribunaes, perante a sociedade, perante a physiologia, o adulterio masculino sem escandalo, sem abandono, é um facto sem importancia. Não succede porém o mesmo se o considerarmos nos seus resultados sobre a vida domestica e sobre a dignidade da familia.

A primeira consequencia do adulterio do marido é obrigar-o á mentira. A mentira é a prostituição do homem. Quando Stuart Mill pretendeu reorganisar em novas bases as relações do trabalho e do salario na sociedade ingleza, o principal argumento que adduzia contra o regimen vigente era que o operario por subserviencia ou por temor ao patrão adquiria o habito de mentir. Este habito, contrahido por uma classe inteira, Stuart Mill considerava-o uma catastrophe para a Inglaterra.

A mentira do marido adúltero é muito mais depressante e muito mais funesta que a do operario assalariado, porque envolve um facto mais grave do que o servilismo, envolve a traição. É uma catastrophe para a dignidade do homem. Dá-lhe a pouco e pouco o desgosto e o desprêzo de si mesmo. Avilta-o e relaxa-o.



Além de criminoso, o adúltero sente-se também ridículo, porque, no fim de contas, por mais que os romancistas e os poetas tenham procurado dramatizar este genero de situações, nada fundamentalmente mais irrisorio do que um pae de familia apaixonado.

Este conjunto de circumstancias faz do marido infiel a pessoa de mais detestavel convivencia, e explica o dasafogo do despeito de si mesmo por meio das *sevícias e injurias graves*, fundamento legitimo da separação de pessoa e bens allegado pela mulher que se desquita em juizo.

De outras vezes o divorcio é uma simples especulação de interesses. O conjuge pobre, casado por ganancia, promove as causas de separação legal para forçar o conjuge rico a desquitar-se abandonando-lhe metade dos seus bens,—iniquidade sanccionada pelo Codigo Civil.

Deploravel! immensamente deploravel!

Junho 1876.

## III

A somma total das diversas despesas a que deu origem o casamento de sua alteza o principe real, acha-se orçada por diversos jornaes em cêrca de 2:000 contos de réis.

Qualquer que seja a modificação que pelo futuro balancete da nossa divida haja de se fazer na importancia d'essa verba, pedimos licença para a considerar como inteiramente desbaratada e absolutamente perdida.

Se do que se tratava era de dar á princeza consorte, aos numerosos principes que a acompanharam, e aos jornalistas estrangeiros que por esta occasião vieram a Lisboa, o mais risonho e o mais favoravel aspecto do paiz e da civilisação portugueza, creio que na reconhecida falta de um museu ethnographico, de um museu agricola, de um museu industrial e de um museu commercial, o que deveriamos preparar seria uma série de exposições e de concursos publicos do trabalho nacional, em cuja organisação e em cujos premios o governo despen-



desse a quantia votada ás festas pelo orçamento do Estado, pela contribuição das grandes companhias, pela municipalidade, e pela subscrição voluntaria do publico.

Na bahia do Tejo far-se-hia a exposição maritima dos nossos vasos de guerra e das nossas pescarias.

Na leziria, a exposição das nossas boiadas, das nossas coudelarias e dos nossos rebanhos.

Na sala do Risco, ou em qualquer outro grande edificio, a exposição das industrias districtaes.

Na tapada da Ajuda e no jardim Zoologico, a exposição dos productos agricolas, a exposição das flôres, e exposição das aves, a exposição dos lacti-cinios, etc.

Um cortejo ethnologico, representando os diversos costumes populares do paiz, os typos physionomicos, os trajes, as ferramentas e as alfaias agricolas, incluindo-se n'este prestito as mais characteristics corporações de officios com os seus respectivos trophéos, como a dos oleiros, a dos tamanqueiros do Minho, a dos caldeireiros do Alemtejo, a das fiandeiras e das tecedeiras de Vianna, a das padeiras de Avintes, a das rendilheiras de Peniche e de Villa do Conde, etc., desfilaria pelas ruas de Lisboa, e completaria essa festa de civilisação, dando á joven princeza e ao seu illustre sequito um espectaculo nacional do encanto mais pittoresco e mais sympathico.

N'estas festas — não tão inverosímeis nem tão phantasticas que a detalhe por detalhe, as não tenha já consecutivamente promovido e realisado, por iniciativa de alguns cidadãos tão benemeritos como des-premiados, a Sociedade de Instrucção do Porto, e a Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães — todos os trabalhadores teriam obtido o applauso do seu trabalho; os setenta mil provincianos trazidos a Lisboa pelos comboios de recreio levariam da capital um grande augmento de conhecimentos adquiridos, de noções justas, de idéas praticas e de sentimentos generosos; a nova princeza, reservada talvez a exercer no futuro alguma influencia no destino da nação portugueza, apprenderia em um só dia a conhecer melhor este povo do que ha de conhecê-lo a vêr bailes, illuminações, corridas de cavallos e revistas militares durante toda a sua vida; os estrangeiros teriam tido elementos de analyse e de estudo para julgar com justiça um dos paizes menos estudados, um dos mais desconhecidos, e no fundo, talvez, o mais bello da Europa; nós todos, emfim, teriamos tido occasião de fortalecer em nossa convicção essa base fundamental da solidariedade patriótica, tão abalada nos caracteres contemporaneos, e que se chama — o respeito de nós mesmos.

Se, em vez de uma festa de civilisação, de nacionalidade e de patriotismo, o que se teve em vista



fazer, foi unicamente uma festa de magnificencia régia, os festejos de Lisboa foram n'esse ponto de vista da mais contristadora mesquinhez.

Comparados com a grande pompa castelhana da côrte de Madrid, com o luxo portentoso da côrte de Inglaterra, com o brilho artistico da côrte de Italia, com a opulencia cultural e asiatica da côrte da Russia, os festejos monarchicos do casamento do principe lembram a fabula da rã e do boi, e produzem nos convivas a desolada melancholia de um banquete para cujos gastos um amanuense de secretaria rebatesse seis mezes de ordenado, com o fim de deslumbrar o barão de Rotschild, por meio de uma merenda na Perna de Páu.

Para nos pouparmos a confrontos desagradaveis, teria sido util recordarmo'-nos de que ainda o outro dia se celebrou na Russia a festa da coroação do czar, á qual foram convidados os reporters de todos os grandes jornaes do mundo. Estes senhores, aos quaes nós mostramos com infantil vangloria a nossa igreja de S. Domingos e a nossa parada do Terreiro do Paço, viram as columnatas de porphyro e de lapislazuli e as cupulas de ouro das igrejas byzantinas de S. Petersburgo; viram o admiravel museu da *Ermitage*, um dos primeiros do mundo; viram passar em Moscow, caminho do Kremlin, os famosos coches de gala, pintados por Boucher e por



Fragonard; viram o mais temeroso dos exercitos, formando alas cerradas no percurso do imperial cortejo, n'uma extensão de cem leguas, ou seiscentos kilometros; viram entre esses soldados a divisão formidavel dos gentis-homens, cavalleiros guardas, organizada pela Imperatriz Catharina, e os soldados dos dois celebres esquadrões de Alexandre II, unicamente compostos de principes da Asia Central. E nós admiramo'-nos de que o sr. Xau, correspondente do *Gil Blas*, não houvesse precisamente cahido para a banda, de assombro, ao vêr desfilarem pelo Rocio artilheria 3, ou ao passar entre seis archeiros em alas á entrada da Ajuda!

Depois, para que a festa régia de Lisboa estivesse á altura do seculo, seria preciso que nos não tivéssemos esquecido de mandar vir nihilistas, de mandar vir fenianos, ou de mandar vir anarchistas.

Os simples fogos de Bengala já não dão commoção a ninguem. A phantasia moderna pede dynamite e pede *fulmicoton*. Que vem cá fazer o fogueteiro sr. Pain, de Londres? Atirar foguetes. Ora muito obrigado pela magnificencia. . . Na pyrotechnica das testas coroadas, os que hoje em dia se encarregam do *bouquet* final chamam-se Pedro Krapotkine, Valeriano Ossiuski, Demetrio Lisogub ou Vera Zassulic. Se o programma dos artificios de fogo não permite a esperança de vêr ir pelos ares um regimento,

uma estação de caminho de ferro, ou um palacio, esse programma não vale a pena de que a gente se chegue á janella.

Entre os pequenos povos pacificos, os reis constitucionaes e bemquistos, como o sr. D. Luiz I, procederiam avisadamente não buscando competir, n'esta ordem de pompas, com os grandes potentados da sôberania imperial. Convem desenganarmos de que o tempo do sr. D. João V passou ha muito, felizmente para todos nós.

A corôa já não tem as minas do Brazil, para lhes converter o miôlo em badalos de sinos que assombrem o mundo. A côrte portugueza é hoje uma tão modesta côrte, como a da moderna Grecia, que Edmond About tão finamente descreveu, e de cujo soberano elle disse: «Podendo viver digna e exemplarmente como um abastado fidalgo, prefere viver como um rei miseravel e irrisorio.»

Nas modernas monarchias canstitucionaes, o rei é um funcionario publico assim como qualquer outro, tem os seus vencimentos prefixos como um juiz da Relação ou como um verificador da alfandega; e toda a pompa que no custeio da sua casa exorbitar de um elegante e sabio conforto, bem equilibrado com o nivel dos seus rendimentos, é uma dissipação insensata, que nem sequer tem o prestigio da illusão; porque não illude ninguem, desacredita o bom



juizo do principe, e espalha entre os seus cortezãos e os seus subditos um contagio de prodigalidade e de desgoverno, extremamente grave e nocivo.

Quando os reis eram os senhores e os donos de toda esta cousa: quando a posse integral da terra passava em morgado de paes e filhos, indissoluvelmente vinculada ao privilegio da casta, e o povo não era mais do que uma certa especie de gado, arrolado no inventario geral dos bens da corôa e da nobreza, juntamente com os animaes de tosquia, comprehendia-se que a ostentação das riquezas fôsse uma gloria monarchica. A riqueza do rei era n'esse tempo a directa e genuina expressão da riqueza do paiz, e o luxo em que essa riqueza se traduzia, tinha um especial prestigio, porque era exclusivamente régio, era um privilegio dynastico, e estava acima de todo o confronto que d'elle se pudesse fazer com a misera riqueza do ignobil vulgo. Hoje, porém, não acontece o mesmo. No regimen da propriedade e da riqueza moderna, os reis não possuem senão o que as côrtes votam no capitulo orçamental da lista civil, ao passo que a riqueza dos simples trabalhadores attinge pela industria e pelo commercio desenvolvimentos illimitados e prodigiosos, que deixam a perder de vista tudo quanto se possa conceber de mais excessivo como ordenado de uma testa coroada.



Que importancia têm os pobres 360 contos de réis da lista civil em Portugal, comparados aos rendimentos fabulosos e incalculaveis que deram os inventos da locomotiva, da machina de costura, do tear de fição de Ricardo Arkuright, o qual permite a um só operario fabricar tanto fio como o que até ahi fabricavam com o mesmo tempo de trabalho quatrocentas fiandeiras, e o da nova fabricação do aço, que produziu n'esta industria uma economia de 500 milhões por anno, e deu ao seu inventor o metallurgista Bessemer 30 milhões de direitos de patente?

Na finança e no commercio temos, por exemplo, o simples sr. Nevada, cujo rendimento annual é de 4:500 contos, e o sr. Mackay, cujo rendimento é de quasi tres vezes o do sr. Nevada.

O apparatus militar, tendo por objecto fascinar a imaginação das massas, está perfeitamente no mesmo caso do luxo, e não vale francamente o sacrificio que custa. Como força, 6:000 homens, armados desde os dentes até os callos, não significam nada, desde que o cartucho da dynamite appareceu, desde que appareceu o tubo pneumatico, desde que se resolveu já com relação a determinadas distancias, e se resolverá em breve com relação a distancias illimitadas, a transmissão da força pela electricidade, sabendo-se que uma só das cataratas do Niagara põe

á nossa disposição 17 milhões de cavallos de vapor, força enormemente superior á de todos os soldados do mundo. Como brilho pittoresco de plumas, de galões e de ouropéis, eu peço licença para affirmar, em nome das artes scenicas, que nenhuma das *dansas pyrrhicas*, ao tempo presente intituladas *revisitas militares*, supporta comparação desapaixonada com qualquer das pantomimas ou dos bailados da *Alhambra*, em Londres. ou do *Eden Théâtre*, em Paris.

Ha perto de trinta annos que eu assisti em Lisboa ao casamento do rei D. Pedro V com a princeza Stephania.

Comquanto se tratasse então do consorcio de um soberano e não de um simples principe, as festas foram bem simples e bem modestas. Lembro-me de que, andando com Julio Cesar Machado a vêr os preparativos da illuminação, nos occorreu a lembrança de descrever os festejos, com uns apontamentos biographicos dos noivos e algumas considerações historicas, vendendo o todo por 2 libras a um editor corajoso e patriota. Não nos appareceu livreiro algum assaz arrojado para arriscar nove mil réis na compra do nosso folheto epithalamico, destinado a preencher a grande lacuna que os vindouros notarão com espanto na chronica dos régios hymeneus, no decurso do presente seculo.



Este simples facto basta para dar uma idéa da fria placidez do publico perante as festas d'esse tempo

Se alguém se lembrasse de propôr, para manifestar o regosijo de Lisboa pelo casamento do sr. D. Pedro V, a decima parte das despesas feitas por occasião do casamento do sr. D. Carlos, semelhante proposta seria recebida como um symptoma perfeitamente caracterisado de alienação mental. Ora o sr. D. Pedro V não era evidentemente menos amado que o sr. D. Carlos, e as condições financeiras do paiz, no periodo dos ultimos trinta annos, apenas variaram pela circumstancia de que a divida publica e a divida particular é hoje dez ou quinze vezes maior do que era então.

O que foi, pois, que nos passou pelo cerebro durante os ultimos dois mezes, abril e maio, do corrente anno? Foi um puro ataque de loucura, que me parece importantissimo estudar-se e para o qual nós, criticos, devemos chamar a attenção dos medicos.

Sabe-se que não é este um caso isolado de allucinação social.

A moderna pathologia historica tem mostrado numerosas relações da psychologia morbida com várias phases da civilisação europea.

Litré escreveu: A applicação da medicina á his-

toria lança luz sobre muitos motores obscuros que impelliram em diversos sentidos o genero humano. A demonologia teve um grande papel no mundo, e é hoje evidente que a demonologia não é mais que uma loucura diagnosticada pela razão contemporanea. Todo esse periodo do fim da Edade-Média em que dominaram os bruxos, em que as fogueiras devoraram tantos milhares de cerebros combalidos, apresenta um concurso de circumstancias que só pela medicina historica se explicam. O sr. Leuret nos seus *Fragments de psychologie* desenvolveu este ponto e poz fora de toda a duvida o character de alienação mental, de que se acharam atacados os pretendidos bruxos. No mesmo capitulo entram as aparições dos mortos, as visões de anjos, de demonios ou de genios, as communicações com os seres sobrenaturaes, as inspirações dos prophetas e as revelações das religiões. É evidente — conclue Littré, depois de numerosas citações — que a loucura exerceu uma grande influencia sobre os destinos dos povos.

O illustre alienista dr. Senna, no seu importantissimo livro *Os alienados em Portugal*, escreveu, no seu ponto de vista exclusivamente technico, esta pagina memoravel: «A ethiologia da loucura, quando sae da vida limitada de um doente para o corpo social, conduz o alienista a um resultado que muito



importa apontar. Um povo decompõe-se em camadas diferentes, com educação e aptidões deseguaes, isto é, com vida cerebral diversa! Aos diferentes graus de perfeição encephalica correspondem modos de ser diversos, e n'estes conta-se a vulnerabilidade em face das condições do meio como uma das qualidades que individualisam as diversas castas. No que diz respeito á loucura accépta-se como averiguado que as classes mais elevadas dão proporcionalmente mais alienados. O povo propriamente dicto, no sentido vulgar do termo, resiste mais, por menos sensível, por menos perfeição cerebral, talvez por menor receptividade ás causas que nas outras classes determinam a degeneração. Ha alienistas que levam esta lei ao extremo, affirmando que com o correr dos tempos todas as famílias derivadas do povo por differenciação social, se não morrem accidentalmente, acabam degenerando por alienação. Sem accéptar esta proposição, que pode reputar-se exaggerada, pode comtudo prevêr-se qual será o destino de uma nação que despreza systematicamente e rotineiramente as condições de existencia das camadas sociaes inferiores. No amortecimento continuo das qualidades nativas, operado pela miseria, pelo trabalho excessivo, por todos os obstaculos, em summa, que a sociedade oppõe ao desdobramento das energias de uma raça, guardadas no organismo sa-

dio do aldeão robusto, atrophia-se o tecido embryonario de que se formam por differenciação social as camadas superiores, que, inconscientemente geradas, esquecem o ponto de que partiram e a cujas qualidades devem comtudo suas condições actuaes. D'este modo se comprehende como se apaga n'um povo a luz da civilisação, que n'outra época brillou radiante para nacionaes e extranhos. A derivação continuou depois e segundo as mesmas leis. Formaram-se as classes em que as aptidões da raça se ostentam em todo o seu poder, nas artes, na industria, na sciencia, em todos os modos por que a actividade psychica se exhibe no meio social. Mas em todos os graus de differenciação se notam os effeitos inescureciveis da nodoa originaria, verdadeiro peccado original, que mancha todos os derivados organicos da um organismo decadente.»

O facto da pathologia social não é, naturalmente, um exclusivo da nação portugueza.

Em tórno da *grande nevrose do seculo* versa em Paris uma grande parte da arte e da litteratura contemporanea.

Um jornalista francez, referindo-se ha poucos dias a essa corrente morbida, exclamava: *Toqués nous le sommes tous.*

O dr. Canardison disse a um reporter: «Pedem-se leis sobre os alienados e sobre os directores de



asylos. É infelizmente inutil! a maioria da grande cidade está doida de pedras. Quasi toda a gente tre-lê. Que se lhe ha de fazer! Alargar os hospitaes é impossivel com o preço por que estão os terrenos. Quando a grande massa descobrir que toda a gente está doida menos nós, a loucura será declarada de utilidade publica, e os encarcerados serão os medicos.»

O dr. Berthier determina quasi a nevrose de cada profissão e descreve a das cozinheiras—caprichosas, irritaveis, cabeçudas, de genio desigual, insolentes, cheias de réplicas, desordenadas, palavrosas á mais leve excitação; embrutecem muito ao cabo de certo tempo de exercicio; algumas têm vertigens e estados cataleptiformes. Em consequencia de que? da vida sedentaria, das emanações de acido carbonico, do calor das fornalhas.

A degeneração da raça e, principalmente, a das castas superiores, predispondo para a loucura, é, como indico, um facto geral e indiscutivel na sociedade europea.

Não supponho, portanto, incorrer no desagrado da philarmonica *Primero de Dezembro* e de outras corporações patrioticas, permittindo-me repetir, como os meus confrades de Paris *Toqués nous le sommes tous*.

N'esta affirmativa envolve-se, de resto, uma espe-

cie de elogio ao desenvolvimento das nossas faculdades. A loucura é muito mais frequente nos povos civilisados que nos povos barbaros.

O grande Maudsley diz que uma organização mental mais complexa e mais delicada, tendo uma variedade e uma actividade de funcções mais consideraveis, fornece occasiões mais frequentes de desarranjo e que este será tanto mais grave quanto mais fino e mais delicado fôr o instrumento em que se dê.

O homem, na idade viril, entre os vinte e os cinquenta annos, está mais predisposto para enlouquecer do que o velho e a creança; o homem dado a trabalhos intellectuaes tem mais predisposição que o operario mechanico; as classes elevadas mais que as classes inferiores; o de sangue nobre, emfim, mais que o de sangue plebeu. As classes privilegiadas e aristocraticas — diz Maudsley — têm nos seus privilegios os elementos que conduzem á corrupção e á decadencia; e a degeneração, qualquer que seja a sua especie, tem fatalmente de apparecer e de se propagar n'essas classes. É incontestavelmente uma cousa boa e estimavel recompensar por meio de honras e privilegios um serviço eminente feito ao Estado. Que esses privilegios se transmittam sempre por herança aos descendentes, qualquer que seja o seu valor, eis um costume que, se fôsse iniciado hoje, provocaria provavelmente o espanto e a increduli-



dade geral. O facto torna-se ainda mais grave quando as honras, como algumas vezes succede, são conferidas por serviços que assignalam a deshonra de quem os presta.

Uma nação que deseja os seus interesses deverá ter por alvo reunir o seu povo pelos laços da unidade, da fraternidade e egualdade, e não dividil-o em categorias e em classes privilegiadas. É impossível dizer positivamente que parte de verdade encerra a opinião antiga de que a loucura era excessivamente frequente na aristocracia da Inglaterra e de outros paizes. Se ella é verdadeira, poderemos determinar-lhe como causa os casamentos consanguíneos muito chegados, extremamente frequentes entre individuos dominados pelo espirito de casta e sobretudo entre as familias reinantes.

Já vêem que ha uma certa distincção aristocratica no delirio. Toda a desorganisação mental affirma pelo menos uma organisação anterior — o que já não é máu. Emfim, não é doido quem quer.

O ultimo dos reis incluído na longa lista dos principes cahidos em alienação foi Luiz de Baviera. Não lhe applicaram a therapeutica santa, como antigamente era de uso em casos analogos. Não o exorcismaram, não lhe coseram á camisa o evangelho de S. João, nem lhe embrulharam a comida em os-

tias consagradas, como se fez ao duque João, filho de Guilherme e de Maria de Austria. Depois do competente exame medico, o ministerio bavaro nomeou uma regencia, e relaxou á clinica o pobre rei Luiz, o qual por si mesmo simplificou o tratamento do seu mal, suicidando-se por immersão no lago de Stamberg.

Meditemos nos principaes actos por meio dos quaes se revelou a affecção mental do rei Luiz, e veremos a extranha luz que d'elles se reflecte sobre a pathologia do espirito publico e do espirito governamental, na sociedade de Lisboa.

O rei Luiz da Baviera era melomano, e por muito tempo esta vesania lyrica, esta preocupação morbida dos destinos e da gloria da musica se considerou como série de actos magnanimos de um principe protector das artes. Conhecem-se as sommas fabulosas que elle dispendeu em subsidios de orquestras e de compañías lyricas, para ouvir a Patti e para ouvir a Nilson; em construcções de theatros, de decorações, de costumes, de accessorios, de machinismos scenicos de toda a especie, para fazer cantar em Beyreuth, com a mais extraordinaria pompa, as operas do seu amigo Wagner, um allucinado tambem, e—como não seria difficil demonstrar—um verdadeiro doido cujo erethismo psychologico, cuja acuidade mental, revelando-se pela mais anor-



mal originalidade das concepções, constituirão muito brevemente, decerto, um dos mais interessantes capitulos da symptomatologia pathologica do talento e do genio.

Além das suas extravagancias melomanicas (e aqui transcreverei verbo a verbo a narrativa do *Figaro* sobre a enfermidade do rei) «Luiz II da Baviera não sonha senão com Versailles e com Trianon. Quer eclipsar o rei Sol. Empreheendeu em sete ou oito logares, imitando-o ou excedendo-o mesmo nas suas dimensões, o palacio de Versailles. O real silencioso não faz edificar senão nas solidões mais occultas. Prodigalisa em todos os seus palacios um luxo desenfreado. Assim é que um gabinete de toilette, cujos objectos são todos de porcellana de Saxe, custou a bagatella de dois milhões.

«Cita-se um lustre gigantesco que a fabrica real de Meissen, perto de Dresde, acaba de concluir depois de quatro annos de trabalho, e que está avaliado em 700:000 marcos; um leito foi pago por mais de um milhão; uma só colcha, bordada na China, representa um valor de muitas centenas de mil francos.

«A maior parte d'estas cousas ficaram infelizmente por pagar, e essas despesas vão engrossar a somma das dividas do rei Luiz.»

Diriamos estar vendo um fiel retrato de D. João V,

em miniatura todavia, e consideravelmente favorecido no sentido da sensatez.

Como o rei da Baviera, D. João V imaginava refazer Versailles, e Odivellas não era em rigor mais do que um Trianon beato.

As dissipações do rei da Baviera não são cousa alguma, comparadas com as do principe que mandou fazer a capella de S. João na egreja de S. Roque e a capella-mór da Sé de Evora, que edificou o convento de Mafra, o paço das Vendas Novas, o paço das Necessidades, etc.

Só em festas de egreja, em officios, em oitavarios, em novenas, em beatificações e canonisações de novos santos, despendeu D. João V muito mais dinheiro do que Luiz da Baviera em todos os seus luxos.

O que é o leito, o gabinete de Saxe, o famoso lustre, a colcha bordada de que nos fala o *Figaro*, em comparação dos paramentos e das alfaias dos conegos da collegiada e da patriarchal, os sinos de 800 arrobas de pêso, os carrilhões mechanicos, os celebres castiças florentinos de 300 mil cruzados, os calices, as cruces, os relicarios, os tocheiros, as custodias de prata e de ouro, cobertas de pedrarias inestimaveis, as columnas de porphyro e de lapis-lazuli, os altares de agatha e de malaquite, etc., etc.?



Que esbanjamento de ouro, arrojado ás mãos cheias ao vento, pode entrar em confronto com o que D. João V nunca cessou de dar ao Papa, aos cardeaes, aos nuncios, aos conegos, aos frades, ás freiras, aos chantres, aos curandeiros, aos sineiros, á creadagem?

Quando foi ás Caldas, precedendo-o o cardeal Cunha, que foi adeante benzer as estradas para a passagem do soberano, D. João deu a cada medico 200 moedas, o habito de Christo, e uma tença de 100~~000~~ réis; aos creados, 60 moedas a cada um; ás communidades que o vinham saudar ao caminho, 600~~000~~ réis; aos enfermeiros que nas Caldas o met-tiam no banho, 200 peças de 6~~000~~400 e 60~~000~~000 réis de tença a cada um; e para distribuir pelos mendigos que viessem á estrada, levou comsigo, trocados em miudos, 24:000 cruzados.

O monarcha portuguez era melomano, como o da Baviera; e no livro de Joaquim de Vasconcellos—*Os musicos portuguezes*—encontram-se traços curiosos do empenho que houve em reunir no côro da Patriarchal, a pêso de dinheiro, os primeiros musicos do mundo.

Em summa, na *Historia de Portugal*, de Oliveira Martins, lê-se: «D. João V recebeu do Brazil: 130 milhões de cruzados; 100 mil moedas de ouro; 315 marcos de prata; 24:500 marcos de ouro; 700 arro-

bas de ouro em pó, 392 oitavas de pêso, e mais de 40 milhões de cruzados de valor em diamantes. Além de tudo isto, o producto do imposto dos quintos e o monopolio do páu do Brazil rendiam annualmente para o thesouro cêrca de milhão e meio de cruzados. Pois esta massa quasi incalculavel de riqueza não bastou para encher a voragem do luxo e da devoção do espaventoso e beato monarcha... Os dinheiros do Brazil iam para Roma para custear o preço de concessões valiosas. Era a elevação da capella do rei a patriarchado; eram as insistencias (sem resultado) para que se definisse o dogma da Immaculada Conceição de Maria; era a licença para os padres dizerem tres missas em dia de finados; eram os lausperennes, as reliquias, as canonisações, as indulgencias. D. João V não regateava o preço das cousas, imaginando espantar o mundo com o modo perdulario com que dissipava. Mais de duzentos milhões de cruzados foram para Roma. Não tem conta o que deu pelo reino ás egrejas, aos conventos de frades e freiras; e, na sua furia de ser esmolher-mór do catholicismo, lembrava-se de todos, ia derramar por toda a parte o ouro do Brazil: Santo Antão de Benavente, S. Francisco de Badajoz, a capella dos portuguezes de Londres, o presepe de Belem na Palestina, os templos de Jerusalem, para não falar nos de Roma. Alexandre de Gusmão apertava



a cabeça com ambas as mãos, exclamando: a fradaria absorve-nos, a fradaria suga tudo, a fradaria arruina-nos!»

Como claramente se vê, o caso de D. João V é, como *symptoma pathologico*, incomparavelmente mais grave que o do príncipe bavaro. E todavia ninguém, quer no seculo passado, quer modernamente, se lembrou de suppor que D. João V pudesse ter padecido um desarranjo mental!

Entre os historiadores contemporaneos ha ainda quem tome a serio, como *protector das artes*, o rei magnanimo que deu á patria os maiores badalos do mundo, reduzindo-a para esse fim á derradeira miseria. A causa d'este singular phenomeno não é outra senão que o paiz inteiro, e mais particularmente a sociedade de Lisboa, tem estado sempre, desde o seculo xvi até hoje, mais ou menos tocado da mesma enfermidade que transtornou o cerebro de D. João V.

O facto portentoso do descobrimento e da conquista do Novo Mundo produziu-nos um abalo cerebral semelhante ao que soffreu a Europa inteira com o movimento das cruzadas. D'esse abalo resultou nas hereditariedades e nos atavismos da nossa raça, na nossa constituição *psychologica*, a *mania de grandeza* ou a *megalomania* collectiva, pertencente ao grupo d'essas grandes vesanias epidemicas, que

por vezes desolaram uma parte da Europa, como a melancholia, a lycantropia, a demonopathia, etc.

Os grandes alienistas Esquirol e Pinel publicaram os mais importantes estudos sobre a importancia da Revolução Franceza na producção da loucura; e o movimento da communa em França, em 1870-1871, foi ainda recentemente objecto de um livro em que o sr. Lunier analysa a influencia d'esse facto no movimento da allucinação.

O descobrimento da India foi, pelas suas consequencias geographicas, politicas e economicas, uma das maiores revoluções sociaes que tem havido no mundo. A profunda deslocação de interesses, a repentina transformação de habitos, a subita renovação de idéas, a inevitavel sobreexcitação cerebral que trazia consigo o simples facto do regresso de Vasco da Gama, são outras tantas influencias de predisposição morbida, cujos effeitos a medicina portugueza não estudou ainda, mas de que a historia nos offerece o mais interessante quadro.

A acção do delirio epidemico, sob a forma de religião, é indiscutivel e palpavel em frequentes episodios da conquista e da colonisação, no estabelecimento dos tribunaes da fé, na perseguição dos judeus e dos christãos novos, na preponderancia jesuitica, nos infinitos processos da inquisição, nas



delações por escrupulos de consciencia, nas torturas, nos queimadeiros.

Esta forma de delirio systematico desapareceu com a hygiene da liberdade, com a larga lavagem das idéas operada pela controversia philosophica, pelo livre exame. Apenas de longe a longe a mancha primitiva reaparece ainda, passageiramente, ou seja em casos esporadicos de fanatismo, que se produzem em campos infestados pelas missões de alguns padres prégadores, ou seja nas regiões da litteratura, por um ou outro protesto de atheismo retardatario e grotesco.

Além da mania religiosa, ha porém outra de que fômos atacados com equal intensidade.

Refiro-me á *mania das grandezas ou megalomania*.

«A megalomania—diz Julio de Mattos no seu *Manual das doenças mentaes*—é uma affecção mental caracterisada pelo exaggero do sentimento da personalidade. D'este exaggero morbido resulta uma sobrecitação expansiva das faculdades e dos sentimentos, acompanhada de impulsões violentas e energicas, e de attitudes especiaes; idéas ambiciosas, preocupações de grandeza, absorvem o alienado, que perde a consciencia da sua posição social, para suppôr-se investido de poderes excepçionaes, ou identificar-se com grandes personagens historicos. O delirio dos megalomaniacos é profundamente caracte-

ristico. Como todos os delirios parciaes, elle move-se dentro de um circulo muito restricto de concepções, e é perfeitamente systematico. Mas a exaltação da personalidade imprime-lhe uma feição especial e inconfundivel. Idéas ambiciosas, qualquer que seja a sua natureza, dominam tyrannicamente o alienado, constituindo o delirio. O doente crê se rei, general, papa, santo, ou mesmo Deus. Crê-se possuidor de milhões, dispensador de cargos sociaes, de graças divinas, de privilegios. Se as idéas de sexualidade predominam, o alienado julga-se possuidor de bellezas excepcionaes, de graças e talento de seducção incomparaveis... O estylo dos megalomaniacos é caracteristico: apreciam as grandes phrases sonoras, o paradoxo, as antitheses, as comparações imaginosas, as expressões coloridas, por vezes (Dagonet) os periodos laconicos e imperativos... Se pensa estar destinado a fazer grandes reformas sociaes, o megalomaniaco passa os seus dias discursando ou escrevendo programmas politicos, constantes e utopicas proclamações, em que figuram invariavelmente largas phrases propheticas de um optimismo burlesco.»

No seu recente e bello livro *Garcia da Orta e o seu tempo*, o conde de Ficalho, tendo compulsado todos os documentos litterarios da historia do seculo XVI, dá-nos traços preciosos da predisposição de Lisboa



para essa epidemia mental, bem caracterisada por Affonso de Albuquerque na locução *os fumos da India*. «Em Portugal — diz o conde de Ficalho — o desequilibrio geral dos espiritos aggravava-se pelo desequilibrio enorme que existia entre as forças da nação e as suas empresas. Portugal batalhava então nos campos de Arzilla e de Azamor, nos muros de Diu, nas aguas do Malabar, no Bengala, em Malaca e nas Molucas; defendia-se dos corsarios francezes nas costas da Malagueta, em Africa, e na bahia de Todos os Santos, na America. Queria abarcar, não o céo, mas a terra com as mãos ambas; e abarcava-a mal. A vida nacional estava deslocada. () sangue affluia ás extremidades, e o coração, o reino, batia frouxamente... As rapidas fortunas desviavam as vontades das profissões pacificas, das existencias modestas, das longas carreiras, em que os pequenos ganhos se amontoam lentamente. Havia no ar uma febre de aventuras e de jôgo... A India exercia sobre os nossos uma lenta acção dissolvente. Não se tratava alli de uma colonisação ordinaria. Não se tratava de conquistar regiões incultas ou florestas virgens, desapossando algumas pobres tribus selvagens, como tantas vezes se tem feito por esse mundo, com maior ou menor rudeza, deshumanidade e injustiça. Na India o caso era diverso. Os europeus, e primeiro os portugue-

zes, acharam-se em frente de uma civilização completa. Civilização diversa da sua, inferior em muitos traços, superior em alguns. Esta civilização reagiu sobre elles. O contacto com o Oriente era perigoso. Aquelles thesouros fabulosos, accumulados no meio de populações que morriam á fome, ou viviam de um punhado de arroz; aquella opulencia a um tempo barbara e requintada; aquellas côrtes em que se viam passar as bailadeiras provocantes e se viam cahir as cabeças a um aceno do amo; aquella mistura de perfumes e de cheiro a sangue; aquella duplicidade cruel que provoca as represalias, e aquella baixa cobardia que as tolera; accordavam todas as ruins paixões dos dominadores. «Os nossos portuguezes que sabiam ser mais temperados que os laconios, vivem cá mui viçosa e desordenadamente» diz um escriptor da época. Os portuguezes saquearam a India: a India corrompeu-os. Ficaram pagos. A vida em Lisboa era o écho da vida da India.»

Como observa muito bem o conde de Ficalho, houve uma suspensão terrivel na corrente do trabalho tradicional, na actividade das *profissões pacificas*. Apar do luxo desenfreado das altas classes, era immensa a miseria do povo. O vasto commercio aberto com o novo mundo e com todos os grandes mercados europeus esmagava todas as pequenas industrias. Emquanto os fidalgos que voltavam ricos



da India, esterilizavam a terra, abatendo por orgulho as arvores de fructo, faziam apparatusas cavalgadas no Rocio e na Carreira dos Cavallos, ou bailavam em pagodes com mulatas, de sol a sol — como diz o poeta Ferreira; emquanto os burguezes impavam de fartura nos bazares da rua Nova, abarrota-dos de especiarias, de razos, de escarlatas e de aljofares, os escravos, mortos de miseria, eram lançados ao monturo, ás portas de Santa Catharina, onde os seus cadaveres, cobertos de môscas, apodreciam ao sol, ou eram devorados pelos cães. Nunca as fomes e as peſtes foram tão frequentes em Lisboa, como no decurso d'esse tão rico e tão glorioso se-culo xvi.

N'este momento da nossa historia, todas as aptidões nativas da raça se exaggeram, se supprimem ou se desordenam.

É o primeiro passo dado para a loucura, em todos os casos de pathologia cerebral. No meio de tão diversas e accumuladas causas de desequilibrio, de abastardamento, de degeneração, a preocupação do apparatuso exteriorisa-se em repetidos actos de uma exaggeração anormal, constituindo verdadeiros symptomas morbidos.

A exaggeração pomposa do sentimento da personalidade ninguem a levou mais longe que o rei D. Manuel. Esse sanguineo, ambicioso, sybarita, exal-

tado pela gloria, pelo mercantilismo, pela bajulação da litteratura palaciana; a quem os escrivães da puridade falavam de joelhos no chão; que punha uma vestimenta nova em cada dia; que comia, dormia e despachava sempre ao som da musica tangida nos tambores, nas charamelas, nas trombetas e nos atabales, por cantores e tangedores trazidos de todas as partes da Europa; sahia, a sangue frio, em passeio, nas ruas de Lisboa, precedido de cinco elephantes, do rhinoceronte, da ganga, da onça, do cavallo persa, de todas as grandes peças zoologicas que mais successo tiveram na memoravel embaixada de Tristão da Cunha.

A nobreza e a burguezia, comquanto não tivessem, como o rei, o rendoso monopolio da pimenta, acompanhavam-o inteiramente nos proporcionaes exaggeros da pompa.

O interessante depoimento de Cleynarts, tão espirituoso, tão sincero, tão bom homem, não deixa sobre este ponto a minima duvida.

Elle conta desinteressadamente ao seu amigo Latonius, professor na Universidade de Louvain, como todo o cidadão portuguez pretendia ser ou parecer, quando menos, um capitão da India: «Se uma immensa quantidade de estrangeiros e de belgas não exercessem as artes mechanicas, creio sinceramente que não teriamos barbeiros nem sapateiros.» O bom



flamengo queixa-se com amargura de que não pode pôr casa á moda de Brabante, porque não ha pessoa livre que consinta em ser creado ou creada. Todo o que não era escravo negro, era mandão e fidalgo. Para que o barbeiro consentisse em vir barbeal-o, conta o sabio e modesto professor que precisava de lhe mandar uma embaixada, e dois escravos para o seguirem com o gumil e as navalhas. Sem tal sequito, o artifice tinha por indecoroso para a sua jerarchia atravessar as ruas de Evora. «Se quizesse condescender com os costumes do paiz — acrescenta Cleynarts — começaria por sustentar uma mula e quatro lacaios. Mas como seria? Jejuando em casa enquanto brilhava fora; e teria o pesar de dever mais do que aquillo que poderia pagar. É o que bastaria para me constituir um perfeito cortezão.» Conta em seguida como se empregavam os lacaios de muitos fidalgos que não tinham de ordinario para jantar senão pão, agua e rabanetes: «Dois caminham adeante, o terceiro traz o chapéo, o quarto o capote se por acaso chove, o quinto pega na redea da vossa cavalgadura, o sexto apodera-se dos vossos sapatos de seda, o setimo de uma escôva, o oitavo mune-se de um panno de linho para limpar o suor do cavallo, enquanto o amo ouve missa ou conversa com um amigo, o nono offerecer-vos-ha um pente para alisar os cabellos, se tendes de cum-

primentar alguém de importancia. Não digo nada que não tenha visto por meus próprios olhos.»

O regimen dietetico dos rabanetes era tão frequente e tão vulgar, que o fiel Cleynarts abrange todos os illustres membros da aristocracia portugueza sob a designação generica de *faustuosos rabanophagos*; e, narrando ao seu amigo *como tudo aqui se passa, para que elle o auxilie com os seus conselhos*, o sabio estrangeiro conclue: «Eu não vejo deante de mim senão a necessidade de me ir estabelecer para outra parte, senão quizer submetter-me a alimentar-me a rabanos.»

Esta informação não pode ser nem mais fidedigna, nem mais formal, nem mais positiva. Se, em vez de ser um antigo humanista, Nicolau Cleynarts fôsse um alienista moderno, é evidente que, em vez de uma simples missiva a um confrade, elle teria mandado para a Universidade de Louvain uma memoria ácêrca de epidemia mental grassando na sociedade portugueza sob a forma de megalomania, para cujo diagnostico elle tinha na mão os mais perfeitos e os mais incontroversos elementos.

Comparem esta breve narrativa com a symptomatologia assignalada pelo illustre alienista Julio de Mattos, e digam-me o que lhe falta. Emmoldurem-me a simples e desinteressada narração do viajante belga na leitura de algumas paginas da historia do



tempo de D. Manuel e de D. João III, e veja-se se é ou não o mesmo *exaggero do sentimento da personalidade, a mesma sobreexcitação expansiva dos sentimentos e das faculdades, acompanhada de impulsões violentas e energicas e de attitudes especiaes*, se não são as mesmas *idéas ambiciosas*, as mesmas *pre-occupações de grandeza* absorvendo esta sociedade e fazendo perder a cada um a *consciencia social para se suppôr investido de poderes excepcionaes*; se, finalmente, em toda a acção historica a *exaltação da personalidade não imprime uma feição especial e inconfundivel* a esta época!

Desde então até hoje, na segunda metade do seculo xvi, no seculo xvii, no seculo xviii, a mancha viciosa da mentalidade portugueza reapparece sempre, intermittenemente e alternadamente, já na forma *mania religiosa*, já na forma *mania de grandeza*.

Ponho por agora de parte os symptomas de delirio religioso, tão pavorosamente accentuado nos typos verdadeiramente tragicos, shakespeareanos, de D. João III, doido sanguinario da mais terrivel especie; de D. Sebastião, mystico, lunatico do typo de Hamlet, não dissimulado como o principe da Dinamarca, e de D. Maria I, a mais intratavel, a mais azeda, a mais odiosa beata que Deus ao mundo botou.

Resumirei apenas alguns factos comprovativos da persistencia da megalomania incuravel no cerebro portuguez, e começarei por lêr a seguinte pagina de Oliveira Martins, ácerca dos preparativos da expedição africana de D. Sebastião.

«O luxo fazia um leito seductor ás aventuras amorosas, e, para se prepararem para a funcção, os fidalgos arruinavam-se; desbaratavam o que tinham, vendiam as terras, empenhavam-se, como o rei, que tambem empenhara por muitos annos os réditos do Estado. As mulheres gastavam o seu e o alheio, para se vestirem e adornarem com joias em profusão. Apareciam como idolos, carregadas de pedraria: fivelas e topes nos chapéos, collares, luas, gargantilhas e afogadores de ouro cravejados de diamantes de Dakar, de saphyras do Pegu, de perolas de Borneo, de camafeus da Allemanha, arrecadas nas orelhas, os dedos cobertos de diamantes. Vestiam as cousas mais preciosas: as martas e zibelinas de Moscow, os arminhos da Suissa, as sedas da Persia e da Italia; e nos encantados camarins onde recebiam os seus validos, reuniam tudo o que no mundo havia de precioso, desde os bufetes encastoados de marfim, até os tapetes da Persia, as colgaduras de damasco de Genova, os espelhos de Veneza, os vasos de porcellana da India ou de bronze do Japão... Os fidalgos tinham-se empenhado por apparecer bem



na côrte; e a porfia exaggerava o fausto até onde não fôra ainda, porque ninguem queria parecer menos do que o vizinho, nem fazer peor figura. Trajavam de gala, com gibões de velludo, de setim ou de damasco, ornados de alamares e rendilhas e passamanes de ouro: traziam nos chapéos tranças cravejadas de pedras rutilantes, e as capas bordadas de velludo e torçaes. Esmaltavam de ouro as esporas, e os arreios dos cavallos, as cabeçadas e estribeiras eram lavradas com borlas de ouro; as mochilas e cobertas, de velludo, franjadas de ouro ou prata. Os creados vinham vestidos de seda de côres, segundo o rito de cada casa; e nos corpos de aço brunido, os senhores traziam pintados os brazões em campos de côres diversas. Sobre as couras e colletes de anta assentavam as couraças de laminas em velludo e setim cravadas de ouro e prata. As armas eram objectos de arte: rodela tauxiadas, adagas com punhos esmaltados, montantes e terçados preciosos. Alguns tinham chegado a fazer de seda de côres as tendas de campanha, com grimpas douradas; e as bellas damas da côrte vinham vêr e admirar todo esse luxo, applaudindo, commentando, pagando com risos de approvação as loucuras dos seus namorados.»

E emquanto estas cousas se passavam, a usura levava a taes desvarios, que se promulgara uma lei prohibindo os emprestimos a premio sob pena de

confisco e degredo; e Jeronymo Osorio, na carta em que procurava dissuadir o rei da sua louca aventura, dizia-lhe: «Não fallo nos juros que a fidalguia tem vendido, nas joias empenhadas, nas lagrimas das mulheres, na pobreza da gente nobre, na miseria dos que pouco têm.»

No quadro de Oliveira Martins não ha um unico traço da phantasia do auctor, não ha um só pormenor que não seja escrupulosamente calcado no manuscripto coeyo existente na Real Bibliotheca da Ajuda e em tempo publicado em excerptos no *Panorama*, por Alexandre Herculano. N'essas memorias de um contemporaneo se encontra ainda a seguinte descripção da galé real em que D. Sebastião embarcou no Caes da Rainha, para se fazer conduzir á esquadra: «Só na pôpa, onde el-rei vae, se afirma que se gastaram mais de oito mil cruzados, porque é da mais estranha e singular invenção que jámais se viu. Toda era cosida em ouro, com muitas historias abertas no mesmo páu, com outros muitos vultos formosissimos e outros personagens de temerosos aspeitos, tudo obrado com maravilhoso artificio.»

Poucos annos depois, sepultada em Africa a independencia da patria, os de Abrantes empenham-se e arruinam-se de novo para receber com pompa nunca vista o rei hispanhol, que vinha ser coroado



nas côrtes de Thomar. E quando Filippe II fez a sua entrada triumphante em Lisboa, o fausto da recepção tocou ainda outra vez as raias do delirio, levantando-se incomparaveis arcos de triumpho cobertos de ouro e prata.

A megalomania, a vesania do luxo, apparentemente apaziguada em breves periodos, resurge intermittentemente ao menor pretexto que a promova e excite.

No tempo de D. Maria I, sob o torpor d'esse reinado padresco, em que todas as forças nobres e todas as faculdades brilhantes da nação parecem para todo o sempre extinctas debaixo de um apagador enorme de sordidez e de beatice, a mania do apparato lavra sempre, ainda que polvilhada boçalmente de incenso, de simonte, de poeira das touradas, de estrume de cavallariças, de cannela, de dôce de ovos.

O elegante e espirituoso lord Beckford, o fundador da admiravel quinta de Monserrate, foi expulso do reino, sem outra forma de processo, unicamente porque o seu teor de vida, custeada por uma enorme fortuna, deslumbrava e escurécia as galas da côrte, com os seus conegos, os seus padres prégadores, os seus bispos, os castrados da real capella, glabros e de voz aflautada, pesados e bojudos como patos gordos, seguindo nas recreações do jardim e

dos saraus intimos a amorosa ranchada das açafatas de sua majestade, pastoreadas por um prelado e escolhidas a dedo pela rainha entre as mais feias, as mais embiocadas e as mais hypocritas das suas subditas.

A casa do marquez de Marialva dá bem o genuino typo da especie de dissipação em que n'esse tempo se afundia a fortuna dos fidalgos portugueses.

Beckford viu o velho marquez regressar de uma romaria, e descreve assim o sequito que de ordinario o acompanhava n'essas devotas excursões :

«O clarão dos archotes e a bulha da agua batida dos remos attrahiram-nos ás varandas a tempo de presenciar uma procissão que de maravilha se terá visto desde o tempo de Noé; duvido que a sua arca abrangesse uma collecção de animaes mais heterogenea do que sahiu de um escaler de cincoenta remos, de onde desembarcaram o marquez e seu filho D. José, acompanhados de um enxame de musicos, poetas, toureiros, lacaios, frades, anões, e rapazes de ambos os sexos, phantasiosamente vestidos. Parece que todo o rancho voltava de uma romaria a certo santo da outra banda do Tejo. Primeiro saltou um anão corcovado assoprando uma trombeta, logo em seguida um par de capitães de guías, aparentemente commandados por um perso-



nagem fanfarrão, velho e burlesco, de uniforme aparatoso, e que me disseram ter representado a parte de uma especie de brigadeiro geral n'uma certa ilha; se fôsse a Barataria, Sancho o teria cêdo despojado do cargo; porque, a acreditar a chronica escandalosa de Lisboa, de raro apparece um truão mais parasita e ratoneiro. Logo nos calcanhares d'estes vinham, com affectação grave, um frade de aspecto selvagem, alto como Samsão, e mais dois capuchinhos pesadamente carregados ignoro de que provisões; após os frades um boticario muito magro e descorado, todo vestido de preto; seguia o um orate improvisador, que nos disparava uma esguichada de versos, ao passar debaixo da sacada em que estavamos encostados. Difficultosamente se podia ouvir, no confuso tumulto de aguadeiros e creados de servir, com gaiolas de passaros, lanternas, cabazes de fructas e capellas de flôres, caminhando aos saltos com grande deleite de uma quantidade de rapazes, que, para arremedarem os habitantes do céo, traziam azas resplandecentes e ondeantes pegadas aos hombros.

«O marquez velho é loucamente amigo d'estes anjos, com elle estão noite e dia, e assim participa de todos as vantagens que uma constituição physica decadente pode tirar do fôlego juvenil e innoxio; o patriarcha dos Marialvas tem seguido este regi-

men ha muitos annos, e tambem alguns outros que serão custosos de acreditar.»

Á merenda do marquez, acuculada de leitões assados e de enorme cópia de gulodices, serviram n'esse dia mais de cincoenta creados, sendo muito maior o numero dos domesticos.

Na crise sobreaguda por que acabamos de passar, e a cujo estudo tenho consagrado o desenvolvimemto d'este capitulo, os symptomas da megalomania persistente no organismo portuguez desde os meados do seculo xvi não podem ser nem mais claros nem mais expressivos.

Vimos que enormes sommas de dinheiro se despenderam em Lisboa, durante tres mezes, desde a vinda da Patti até o fim das festas do feliz consorcio de Sua Alteza: em camarotes negociados por dez vezes o seu preço ordinario; em palanques e pavilhões absolutamente inuteis; em novos uniformes militares, que serviram uma vez e que uma commissão trata já de reformar; em *toilettes* de baile de um conto de réis para cima, algumas de cinco e de seis contos; em interminaveis fogos de artificio; em lanternas, mastros e bandeiras importadas da Inglaterra; em carruagens, em librés, em uniformes de cõrte.

No armazem de trajes de carnaval de um chamado



Cruz, alugaram-se quantas fardas de moço-fidalgo e de fidalgo cavalleiro havia no guarda-roupa.

No *Diario de Noticias* appareceram annuncios de outras fardas á venda em segunda mão.

A circumstancia de se haverem empenhado 60 pianos na occasião das festas deixa reear que muitas familias se submeteram a sacrificios consideraveis para *apparecer bem*, e que n'essas familias o regimen alimenticio não seria muito mais substancial do que no tempo de Olivares.

Desde meados do seculo que nós resolvemos trarmos-nos todos por *excellencia*, cousa enorme, sem analogia em paiz algum do mundo.

O numero dos *parvenus* ennobrecidos com diplomas de accesso na cõrte é de tal modo extraordinario, que nos dias de baile na Ajuda não ha onde metter os convidados.

Reconheceu-se por experiencias feitas que muitos d'elles nunca entraram em nenhuma outra sala a não ser as do Paço, e que ahí abusam com escandalo, já pela incontinenencia das bebidas, já pelo desbragamento das maneiras, do ensejo que a régia munificencia lhes faculta de ir á sociedade uma boa vez na vida.

No baile do casamento do principe julgou-se util dividir a nobreza por categorias, collocando as damas de serviço, as damas honorarias e o corpo di-

plomático na primeira sala, as simples condessas na segunda, não sei se as viscondessas na terceira, e, finalmente, os simples commendadores da Conceição, com as suas respectivas esposas, na escada ou perto d'ella.

Poderia ser uma attenuante, mas nem assim se evitou a confusão mais grosseira e mais desastrada.

Cortezãos famintos e desvairados cahiram sobre a ceia, ao abrir do bufete, e fugiram com os perús, com os pavões e com as galantines, que outros cortezãos lhes disputavam ao longo dos corredores e das salas, em luctas medonhas, deixando dispersos pelos moveis e pelas alcatifas as vitualhas espatifadas.

Outros nobres penetraram por baixo das mesas nos apartamentos reservados da copa e da garrafeira, e fizeram uma razzia nos vinhos.

Ao findar do sarau era consideravel o numero dos ébrios.

Demonstrou-se ser indispensavel á decencia do palacio, que a côrte deixe de dar bailes, ou que se crie uma nova e vasta subdivisão de convidados, além da ultima sala e da escadaria, dando energicas instrucções ao mestre de cerimoniaes, para que uma grande parte da nobreza do reino com exercicio no Paço não passe das cavallariças, — tão espantosamente grande é o numero de fidalgos sahidos



não se sabe porque especie de differenciação de todas as camadas sociaes!

Por occasião do casamento de Sua Alteza a legião aristocratica foi accrescentada com mais 21 grão-cruzes, 10 condes, 3 marquezes, 1 duque, 63 commendadores, e não sei quantos viscondes, conselheiros, officiaes, veadores, cavalleiros, etc.

Um jornal de Lisboa, *O Imparcial*, computa em mais de mil as mercês honorificas conferidas no decurso dos ultimos seis mezes!

Outro symptoma não menos expressivamente caracteristico é o do estylo na litteratura e na conversação familiar.

A phrase requintada e pretenciosa tornou-se tão geralmente familiar ás pequenas burguezas, ás costureiras, ás cocottes, ás creadas de sala, que as senhoras bem educadas consentiriam antes em exprimir-se no calão dos fadistas do que na lingua das bem-falantes. A uma senhora da mais alta distincção e do mais delicado espirito ouvi eu, ha pouco, que teria muito menos repugnância em dizer o *gajo* do que em dizer o *cavalheiro*.

Na litteratura, a emphase, a redundancia, a tumidez da phrase, a pretensão de dandysmo sobretudo, tão manifesta n'essa esmerada secção de todos os nossos jornaes — o *high-life*, a *carteira do high-life*, a *gazeta do high-life*, o *carnet mondain*,

os *salões*, etc., tornaram-se uma das grandes chagas da publicidade em Lisboa.

Noticiarista que se preze não cita jámais o nome de uma senhora sem o acompanhar de algum adjectivo que garanta a sua intimidade nas relações mundanas: a *interessante*, a *graciosa*, a *elegante*, a *patricia*, a *encantadora*, etc.

Na arte, a narrativa mais simples é entrecortada a todo o momento de languidas romanças descriptivas de interiores sumptuosos, alcatifados de tapetes de Smyrna, scintillantes de crystaes, de porcelanas, de marfins, de esmaltes, de todo o *bric-à-brac* do estylo catita e patego.

A mania da grandeza na linguagem é — como já um dia tive occasião de notar — tanto maior quanto mais pequena é a localidade do escriptor. Assim, o do Porto é mais grandiloquo do que o de Lisboa, o de Braga mais que o do Porto, e o de Estarreja mais que o de Braga.

Não! por qualquer lado que encaremos as suas diversas manifestações sociaes, a megalomania epidemica não pode ser nem mais manifesta, nem mais óbvia, nem mais profundamente caracterisada.

Aquelles dos meus leitores menos versados na moderna pathologia do espirito, cumpre-me advertir que a denominação de *megalomania* é antiquada na medicina psychica ou psychiatria. Para os effei-



tos clínicos, principalmente, a *megalomania*, como todas as variedades da monomania, desapareceu como elemento de diagnóstico.

Entenda-se, portanto, que quando emprego essa velha expressão, eu não pretendo classificar uma enfermidade, mas sim exprimir a forma episódica que mais frequentemente affectam os nossos accessos de desordem mental. O mesmo Maudsley observa que, se não houvesse uma classificação methodica dos symptomas, um auctor seria forçado, de cada vez que tivesse de descrever uma variedade de desordem mental, a dar o detalhe dos symptomas em vez de os designar pelo nome geral da classe a que pertencem, e o seu trabalho seria interminavel. Ha necessidade, pois, de reduzir a um termo geral a concepção de um certo syndroma de symptomas, e por esse motivo a antiga classificação da pathologia mental resiste ás classificações modernas, apesar da pretensão que estas têm a ser mais scientificas.

Para o medico, o maniaco, seja qual fôr a variedade da mania, é sempre um simples *degenerado*, um *deshumanizado*, representante do movimento regressivo da especie, em que se geram *productos variadissimos, de uma certa fixidez, com faculdades procreativas, podendo por esse facto*—como diz o dr. Senna—*dar uma certa physionomia ás familias, ás povoações e ás raças.*

Em Portugal, onde ha muito poucos annos eram quasi inteiramente ignoradas as grandes questões relativas á physiologia e á pathologia dos centros nervosos superiores, appareceram recentemente e quasi consecutivamente tres grandes alienistas, ou, para me servir do neologismo em curso, tres *psychiatras*: o Dr. Senna, o Dr. Julio de Mattos, o Dr. Bettencourt Rodrigues.

Estou convencido de que algum d'elles virá a tratar um dia do interessante ponto de medicina social em que hoje toco, com a superficialidade de um ignorante e passageiro chronista. Este estudo é para os referidos medicos tanto mais importante, quanto é muito mais difficil penetrar por informações incompletas na vida de um individuo do que penetrar pela historia na vida de uma raça, para o fim de deslindar os parentescos pathologicos, as heranças nevroticas, os desequilibrios ancestraes, que lentamente e latentemente preparam a exteriorisação de todas as vesanias.

Pelos medicos saberemos qual a prophylaxia d'esta enfermidade social e qual a parte de responsabilidade que no desenvolvimento e na propagação d'ella cabe ao regimen social, ás instituições religiosas e aos methodos de governar.

Para que cada um de nós se imponha o dever de resistir pelo maior esforço possivel, embora appa-



rentemente inutil, contra a corrente geral, basta-nos conhecer esta grande e consoladora lei biologica :

Que, assim como no animal os habitos adquiridos frequentemente se convertem em instincto nas gerações seguintes, assim no homem a lucta da vontade, ainda que desigual e improficua contra a fatalidade do meio, pode vir a ser no filho uma nova energia organica, congenita, susceptivel de mais altos desenvolvimentos e de mais decisivos triumphos, porque se toda a tendencia morbida se transmite, egualmente se transmite toda a tendencia progressiva.

É certo— diz Maudsley— que ninguem tem o poder de modificar as tendencias fundamentaes da sua propria natureza ; aquelle porém, que combate em si mesmo a tendencia nociva, aquelle que, á semelhança do heroe na tragedia grega, em lucta com a fatalidade e predestinado a cahir, não esquece esforço algum para ganhar uma victoria impossivel, pode modificar gradualmente e em parte o seu character, e, até certo ponto, dar á constituição dos seus descendentes a aptidão destinada a equilibrar-os no conflicto de tentações analogas.

## IV

A sociedade portugueza n'este derradeiro quartirão do seculo pode em rigor definir-se do seguinte modo:—Ajuntamento fortuito de quatro milhões de egoismos explorando se mutuamente e aborrecendo-se em commum.

Chamar patria á porção de territorio em que uma tal aggregação se encontra seria abusar reprehensivelmente do direito que cada um tem de ser metaphorico. O espaço circumscripto pelo cordão aduaneiro, dentro do qual sujeitos acompanhados das suas chappelleiras e dos seus embrulhos ou tomaram já assento ou furam aos cotovellões uns pelo meio dos outros para arranjar logar nas bancadas, pode-se chamar um *omnibus*—e é exactamente o que é—mas não se pode chamar uma patria. A patria não é o sitio em que nos colloca o acaso do nascimento, á mão direita ou á mão esquerda de um guarda da alfandega, mas sim o conjunto humano a que nos liga solidariamente a convicção de um pensamento e de um destino commum.



Já um sabio o disse: *Ubi veritas ibi patria*. A patria não é o solo, é a idéa.

Para que haja uma patria portugueza é preciso que exista uma idéa portugueza, vinculo da cohesão intellectual e da cohesão moral que constitue a nacionalidade de um povo.

Sabem dizer-nos se viram para ahi esta idéa?...

Nós temol-a procurado de aventura em aventura, de jornada em jornada, n'uma peregrinação de vinte annos atravez d'esta sociedade, como Ulysses, vagabundo atravez da Odyssea, em busca do fumo-zinho ténue e amigo que adeje no horisonte por cima da primeira cabana de Ithaca.

As manifestações culminantes da mentalidade collectiva de um povo são: a Religião, a Politica, a Moral, a Arte. Vejamos rapidamente se em alguma d'estas esphas da nossa elaboração mental se revela a unidade de pensamento por meio da qual se affirma a existencia de uma nação.

Em religião os cidadãos portuguezes dividem-se em uma infinidade de categorias diversas.

Temos em primeiro logar os livres pensadores, que nunca pensaram cousa alguma sobre este ponto, apesar da liberdade com que se dotaram para esse fim.

Temos depois os indifferentes, que se subdividem

pelos diversos graus de medo que têm ao Inconoscível sempre que ha epidemias ou tremores de terra.

Seguem-se os deistas, que acceitam Deus como entidade abstracta pela qual se explica a ordem do cosmos, no qual Deus figura como machinista, e egualmente se explicam as justiças da historia, nas quaes o mesmo Deus se manifesta sob a forma de dedo,—o bem conhecido *dedo de Deus*.

Vêm depois os christãos, e por ultimo os catholicos. Estes separam-se uns dos outros por tantas diferenças de opiniões quantos são os individuos agremiados na Igreja. Ha os que crêem na infalibilidade do Papa e os que não crêem em tal infalibilidade; os que vão á missa e os que não vão á missa; os que se confessam de tudo, os que se não confessam senão de certas cousas, e os que de todo em todo se não confessam.

Uns encabeçam a divindade no Senhor dos Passos da Graça e, com suas opas rôxas e suas cabelleiras anediadas pela bandolina do culto no bairro oriental, olham com despeito para os devotos afrancezados de Nossa Senhora de La Salette, divindade de chic suspeito ás devoções da Baixa.

Os escolhidos do alto clero, que se gargarejam em suas tribulações com agua de Nossa Senhora de Lourdes, garantida, verdadeiro João Maria Farina,



da Gruta, sorriem de desdem pelos que ainda cuidam expurgar-se do peccado e clarificar-se para a protecção divina com a velha agua benta de mendigo de porta de Egreja, preparação de Santo Ignacio, hoje desprestigiada e choca.

Aquelles proprios que são por um mesmo e unico santo têm entre si dissidencias acrimoniosas de detalhe.

Nós mesmos vimos ha tres annos, na volta da ro-magem de Nossa Senhora do Cabo, dois cirios, que vinham já de muito longe a rosnar, engalfinharem-se afinal um no outro ao chegar a Cacilhas. Foi uma cousa feroz. Os clerigos cessaram interinamente de tomar pitadas para se desancarem uns aos outros com as tochas e com os cabos das lanternas, desalmadamente. A Senhora, do alto do seu andor pousado no chão, as mãos cruzadas no seio, assistia ao debate com uma neutralidade terrorosa e commovedora. As sobrepellizes e as capas de asperges, que regressavam do arraial ennodoadas de vinho, de chapadas de melão e de areia vermelha, desfiavam-se pela fricção das bordoadas; nas cabeças quebradas atavam-se á pressa lenços ecclesiasticos; e no theatro d'esta devoção ficou bastante sangue e muito rapé derramado pelos sacerdotes.

Devemos mencionar ainda os philosophos espiri-tualistas, que em religião cultivam a *duvida* com o

mesmo ardor de vesania com que alguns hollandezes manicacos cultivaram em tempo a tulipa.

A duvida d'estes philosophos versa sobre os diferentes feitios que pode tomar pelo infinito fora a cousa a que elles, á força de não saberem o que seja, deram o nome de *eterna essencia*.

Emquanto a gente vae em cada manhã tratar da sua vida, esses individuos vão duvidar na solidão, ou seja nas trevas de um quarto escuro em seus domicilios, ou seja á beira do oceano, chupados e amarellos como cidras, com os olhos esbugalhados para a banda do Bugio. É até onde a ociosidade pode levar meia duzia de vadios sem mais que fazer! Tivessem elles em que cuidar e não haveria perigo que a *eterna essencia*, o *increado*, o *absoluto* e todas as mais queixas de cabeça que os affligem continuassem a remoel-os. Officio para as costas, uma enxó e um formão para as mãos, com a obrigação de ganhar oito tostões por dia para sustentar mulher e filhos, e verão os philosophos como a cruel duvida se lhes desencasqueta que é um gôsto, e lhes sae pela cabeça fora para a roupa suja com a primeira camisa que suarem a puxar pelo corpo para ganhar a vida, assim como até aqui têm puxado pelo juizo para dar cabo d'ella.

Em conclusão: ou seja como ponto de controversia, como motivo de briga ou como assumpto de



teima, a religião em Portugal é um elemento de desunião, que não só perturba as relações sociaes mas destróe tambem muitas vezes a alliança da familia.

Passemos á politica.

N'este campo não ha idéa propriamente nacional — é evidente.

Perdendo a pouco e pouco a consciencia da sua tradição historica, Portugal, politicamente, não tem hoje papel na civilisação. Está desempregado. Figura no congresso das nações europeas como um paiz sem modo de vida. Perante o progresso não tem profissão. A missão que elle desempenhou na Renascença pela obra magnifica dos seus sabios, dos seus navegadores, dos seus commerciantes e dos seus artistas, as excellentes condições da sua situação geographica e a paz interior de que tem gosado enquanto a Hispanha se dilacera a si mesma nas eternas luctas intermittentes de desaggregação e de unificação das suas provincias, davam a Portugal o direito e o dever de assumir n'este seculo a preponderancia hegemonica dos estados peninsulares, a direcção espiritual da civilisação iberica. Em vez d'isso Portugal descança desde o seculo xvi sobre os monumentos immortaes da sua passada energia, e acha-se no movimento moderno da raça latina como

uma nacionalidade com licença illimitada para tomar ares. Os seus filhos mais intelligentes e mais fortes, uns perseguidos, outros desprezados, abandonaram-o aos reis, aos estadistas, aos padres, aos persevejos, ás môscas, e foram uns para os Paizes-Baixos fundar e enriquecer a Hollanda e botar á luz Spinosa; outros foram para a America Austral fundar, agricultar e enriquecer o Brazil. O resto é o que ahi está ha duzentos annos sentado ao sol n'uma ponta de banco do mappa-mundi, a cabecear, a coçar os joelhos e a ouvir ranger o calibre á nora da cousa publica, puxada pelo governo, velho boi, d'olhos tapados, afeito ao cêrco peguinhado do pôço sem bica, tornando a deitar para baixo a agua que traz para cima, e não sabendo o proprio governo, nem sabendo ninguem porque ninguem se importa com isso, se é já o pau da nora que empurra de traz o animal ou se é ainda o animal que tira para deante o pau da nora.

Os differentes partidos que ha muitos annos se succedem no exercicio do poder têm por chefes dois ou tres individuos, cujas personalidades, absolutamente destituidas de idéas correlativas ou concomitantes, representam as duas ou tres phases por que successivamente vae passando e repassando em circulo sobre o mesmo carreiro a rotação governativa.



Os personagens alludidos têm as intenções mais puras e mais honestas d'este mundo. Ter outras, deshonestas e impuras, dar-lhes-hia maçada, e para ahí é que elles não vão.

Diz-se tambem que são todos mais ou menos fortes n'essa arte, velha e atrazada, que se chama a eloquencia, e que tem por objecto desfazer pela exaggeração artificial das palavras a justa proporção das cousas.

São ainda—affirma-se geralmente—habeis parlamentares, o que quer dizer que possuem o talento de dominar as assembléas por meio de transigencias reciprocas e de concessões mútuas, rasoirando os parlamentos pelo nivel de uma mediocridade discreta, tão ôcca como esteril.

Por baixo d'essas virtudes, que reconhecemos e veneramos, os homens que ha vinte annos se revezam no governo carecem das idéas geraes de que procede na sciencia o ponto de vista governativo. As assembléas das duas camaras, revezando-se ora para a direita ora para a esquerda, dão ou tiram a maioria dos votos a cada um d'aquelles senhores, consagrando-se exclusivamente a defendel-os ou a impugnal-os, sem portanto sahirem nunca da orbita dos principios que elles representam, principios a que não correspondem systemas diversos e que se distinguem apenas uns dos outros pelos signaes phy-

sionomicos dos estadistas que os têm no ventre, podendo-se dividir assim: principios governativos calvos, principios governativos d'olhos tortos e principios governativos de cabellos tingidos.

N'estes esforços successivos das grandes massas intelligentes da nação vêmos dessorarem-se gerações e gerações consecutivas de deputados, fortes temperamentos alguns, solidos provincianos de boa fé, que de tres em tres annos o parlamento recebe vivos e honrados do interior das provincias para tres annos depois lh'os devolver anniquilados para toda a especie de iniciativa, corrompidos pelo habito de serem mandados, castrados na dignidade pela disciplina imposta pelos seus chefes, pôdres no character pela fermentação da intriga, indelevelmente marcados para toda a vida pelo ferrete official, com uma pelintrice austera e miseravel na figura, com uma côdea veneranda de solemnidade prudhommesca, estúpida e impenetravel, no cerebro.

É pela mais justa e pela mais completa comprehensão do seu destino social que tanto os individuos como os povos se disciplinam, se fortalecem e se aperfeiçoam. Em Portugal a incapacidade governativa produziu, primeiro que tudo, este resultado funesto: fez perder ao paiz a noção historica do seu destino; cortou o fio da tradição nacional, lançando o espirito publico n'uma existencia de acaso como



a das tribus bohemias. Depois o predominio da incompetencia scientifica na direcção dos negocios dissolveu a pouco e pouco a liga que deveria estreitar a convergencia de todas as actividades para um fim commum, e pela separação dos interesses operou a separação das energias.

É assim que em pleno seculo XIX, quando está exuberantemente demonstrado que todos os factos do universo, assim na ordem physica como na ordem social, se encadeiam uns nos outros por leis imprescriptiveis de contiguidade e de correlação, nós vemos em Portugal exercer-se a acção do poder no estudo dos phenomenos tratando-os isoladamente, n'um ponto de vista fetichista, de preto botucudo, como se cada um d'esses phenomenos, regido por uma lei especial e divina, fôsse a causa e o effeito de si proprio.

Com mil exemplos se podia comprovar a affirmação que fazemos. Mas basta-nos um qualq'uer, tirado ao acaso do monte, para pôr essa affirmação em evidencia de facto.

Veja-se como em cada legislatura se propõe e se discute uma das poucas questões graves de que o parlamento ainda se occupa. Referimo'-nos á cousa a que, no calão official em que tem degenerado a lingua patria, se chama — *a questão da fazenda*.

*recuperar, abuseram, em*  
*prova*

Reunidas as camaras e aberto perante ellas o orçamento do Estado, começa-se invariavelmente por constatar, n'um trémolo elegiaco de symphonia funebre, que continua a existir o *deficit*. Cada um dos tres governos, a quem a corôa alternadamente adjudica a mammadeira do systema, encarrega-se de explicar aos tachygraphos essa occorrença — aliás desagradavel, cumpre dizel-o — mas de que elle, governo em exercicio, não tem a culpa. A responsabilidade cabe ao governo transacto, bem conhecido pelos seus esbanjamentos e pela sua incuria.

Para cada um d'esses tres governos successivamente encarregados de trazerem o *deficit* ao regaço da representação nacional, o governo que immediatamente o precedeu n'esse mesmo encargo é o ultimo dos imbecis.

Tal é o conceito formidavel em que cada um dos referidos tres governos tem os outros dois!

A corôa pela sua parte — e é este o mais augusto de todos os seus privilegios — é successivamente da opinião de todos os tres ministerios; e depois de haver retirado, com sincero nôjo, a sua confiança aos imbecis do grupo n.º 1, n.º 2 e n.º 3, a corôa torna a restituir a citada confiança, com uma effusão de jubilo tão sincero como o nôjo anterior, a cada um dos grupos de imbecis já referidos mas collocados chronologicamente em sentido inverso d'aquelle em



que estavam, ou sejam, por sua ordem, os imbecis n.º 3, n.º 2 e n.º 1.

Trocadas as descomposturas preliminares sobre a questão da fazenda, decide-se que é indispensavel, *ainda mais uma vez*, recorrer ao crédito, e faz-se um novo emprestimo. No anno seguinte averigua-se por calculos cheios de engenho arithmetico que para pagar os encargos do emprestimo do anno anterior não ha outro remedio senão recorrer *ainda mais uma vez* ao paiz, e cria-se um novo imposto.

Fazem-se emprestimos para supprir o imposto, criam-se impostos para pagar os juros dos emprestimos, tornam-se a fazer emprestimos para atalhar os desvios do imposto para o pagamento dos juros, e n'este interessante circulo vicioso, mas ingenuo, o *deficit*—por uma extranha birra, admissivel n'um ser teimoso, mas inexplicavel n'um mero saldo negativo, em uma não-existencia,—augmenta sempre atravez das contribuições intermittentes com que se destinam a extinguil o já o emprestimo contrahido, já o imposto cobrado.

Assim como os alforges dos antigos pobres das feiras e das extinctas ordens mendicantes, o *deficit* tem dois saccos, um para deante outro para traz, ambos destinados a receber o vácuo. N'um dos saccos mette-se a divida fluctuante, no outro mette-se a divida consolidada. De quando em quando ha um

relampago de jubilo, porque parece por um momento que o alforge do *deficit* está vazio, isto é, que está sem vácuo dentro: é a divida, que se achava em estado de fluctuação no sacco da frente, que passou no estado de consolidação para o sacco de traz.

A alegria fugaz mas intensa que provém da illusão d'esta gigajoga vale o dinheiro que custa, mas custa sempre alguma cousa, porque de todas as vezes que elles mexem na divida, seja para o que fôr, mesmo para a mudar de sacco, ella cresce.

Pela parte que lhe respeita o paiz espera. O que? O momento em que pela boa razão de não haver mais cousa que se collecte, porque estará collectado tudo, deixe de haver quem empreste por não haver mais quem pague.

No emtanto o problema de augmentar a riqueza — unico meio de prover aos encargos — é considerado como absolutamente extranho á *questão da fezen-da*. E todavia nem toda a gente ignora que a riqueza não augmenta senão pelo desenvolvimento progressivo do trabalho e que este se acha ligado aos progressos da industria.

Ora emquanto á industria... Mas este novo ponto pode ficar para outra vez. O feliz encyclopedismo das inaptidões do Estado proporciona-nos a facilidade de poder comprovar a sua incapacidade com um só facto qualquer, demonstrando que no paiz



collocado sob o patrocínio de um tal governo, não pode dar-se senão uma especie de cohesão politica: — a liga dos governados para o desprêzo convicto dos que governam.

Na moral estamos como na religião. Cada um tem a sua, feita á fôrma do seu pé como as botas por medida, com a concavidade de uma cupula moldada á protuberancia de cada callo.

Ha em primeiro logar as duas grandes circumscripções—da moral publica e da moral privada, inteiramente diversas uma da outra. D'ahi a distincção casuistica entre a honestidade politica e a honestidade pessoal. Em virtude d'essa distincção o mesmo individuo pode ser cumulativamente o mais honrado dos cavalheiros e o mais abalisado dos velhacos. Na politica ha carta branca para tudo: para mentir, para intrigar, para calumniar, para trahir, para furtar. No terreno politico o sujeito pode ser refalsado, impostor, venal, infiel, servil, cobarde. Todos os vicios e todas as abjecções se acobertam com esta virtude absolutamente latitudinaria—*a fidelidade ao partido*.

Está assentado e decidido para todos os effeitos que as nodoas da vida publica não distinguem sobre o character pessoal. O cavalheiro que pela manhã leu nos jornaes, ou ouviu nas camaras, sem as com-

bater e sem as refutar, as ultimas injurias que podem ferir o homem no que elle deve ter de mais caro no seu character ou no seu coração, na sua familia, na sua honra, na sua probidade, no seu pudôr, no seu brio, vae á noite jantar regosijado e tranquillo na mais santa paz da consciencia no aconchego immaculado do lar, na estima inalteravel da amizade; e com a gravidade austera, convicta e bondosa, de um patriarcha, estende a mão suja das suspeitas mais torpes aos seus amigos, que lh'a apertam, e dá a beijar á sua filha, risonho e calmo, a face esbofeteada pelas accusações mais vergonhosas.

Um dos principaes caracteriscos da integridade moral de uma pessoa está no accôrdo das idéas com as palavras e das palavras com as obras. Na intriga constitucional, cujo vicio congenito é a pusillaniedade e a hypocrisia, esse accôrdo é uma chimera. No parlamento portuguez ninguem diz inteiramente o que pensa, qualquer que seja a questão de que se trate. Os negocios em discussão são debatidos por dois aspectos radicalmente diversos, na sala e nos corredores da camara. Cá fora diz-se a verdade. Lá dentro faz-se o discurso, o que é uma cousa inteiramente differente e ás vezes opposta. A eloquencia parlamentar é a instituição official da ficção sob a forma litteraria de nenia, de cantata, de sermão, de estopada ou de descompostura.



A influencia do regimen politico sobre a moralisação geral dos caracteres é profunda e fatal. A eschola evolucionista tem demonstrado por meio de razões experimentaes que a faculdade a que geralmente se dá o nome de *consciencia* se forma pelo desenvolvimento de duas tendencias combinadas posto que apparentemente oppostas: a tendencia egoista e a tendencia *sympathica*. Depois da applicação da fecunda theoria biologica de Darwin ao estudo e á renovação das sciencias sociaes ficou perfeitamente estabelecido que a moral, cujo objecto é o equilibrio entre o instincto pessoal da conservação e o instincto social da *sympathia*, tem por base, mais ou menos remota, mais ou menos disfarçada, o interesse.

Nota Spencer que aquelles que sempre tiveram saude são pouco compadecidos com as doenças dos outros. A piedade é a lembrança ou a imagem antecipada de um soffrimento, imagem que, produzida em nós pelo aspecto de um soffrimento alheio, nos causa uma dôr analoga.

O interesse assim definido é effectivamente a base de todas as moraes. A propria moral do Evangelho o que é senão a mais lucrativa das transacções entre o homem e o infinito?

Em uma sociedade const tuida as tendencias *sympathicas* estão portanto naturalmente em proporção

e em harmonia com as tendencias egoistas determinadas pela constituição do meio.

Um governo ignorante, vivendo na trapaça, no favoritismo eleitoral, no cômpadrio, nas dependencias aviltantes do dinheiro, fazendo carreira aos mediocres humilhados, empecendo o exito no mundo official ás inflexibilidades energicas e fecundas, dissolve a moral publica porque, corrompendo os interesses legitimos da communitade, abastarda correlativamente as sympathias dos individuos.

Vejamos a litteratura e a arte.

O senso esthetico, com quanto não dependa em nenhum modo do senso moral, é todavia em grande parte juntamente com elle o producto de influencias communs. A educação do gôsto desenvolve-se ou deprime-se sob os mesmos agentes sociologicos que fortalecem ou que atrophiam a educação do character. Onde a noção do dever se perturba a noção do bello abandalha-se.

D'esta correlatividade resulta que a cada face da evolução politica e economica de uma sociedade em movimento corresponde em cada seculo uma forma de arte, que lhe é particular e na qual se espelha o modo de sentir de cada época.

A arte portugueza no seculo xix não tem character



nacional. As tradições artísticas estavam perdidas desde muito tempo pela indiferença das classes dirigentes, absorvidas nos interesses de sacristia. O povo era e é nas pequenas industrias caseiras, immobilisadas na rotina, o unico depositario da arte nacional. Os homens da revolução liberal não tinham tempo nem tinham, sobretudo, educação apropriada para fecundar os germens originaes da nossa inspiração artistica, trabalho de que apenas se encontram vestigios na obra de Garrett.

Depois do terremoto, que subverteu muitos monumentos de arte preciosos para a educação esthetica do povo, a dictadura grosseiramente utilitaria do marquez de Pombal, primeiramente, e o burguezismo liró do regimen constitucional, depois, deram á producção artistica da moderna época liberal o caracter pelintra, ao mesmo tempo pretencioso e chato, de padre catita, de jesuita amanuensado, de sargento victorioso, caracter que distingue a arte portugueza de 1830 para cá, e que deu o estylo de bambolina de panninho, de balaustre azul e branco, de festão de murta, e de areia encarnada, a que podemos chamar na historia da decoracão—*o estylo furriel dos batalhões da carta*.

Onde está ahi o artista em cuja obra se ache reflectida a influencia do antigo genio portuguez? Onde está o escriptor que se possa considerar o inter-

prete legitimo do gôsto, das idéas, das convicções dos sentimentos do publico?

Os escriptores contemporaneos podem-se dividir em quatro grupos. O grupo academico official, o grupo dos convulsionarios, o grupo dos insubmissos e o grupo dos domesticados.

Os escriptores do primeiro grupo são os velhos caturras coroados pelo laurel das commissões retribuidas, semsaborões emeritos accommodados pelo governo em confortaveis cadeiras de caixa, destinadas a receber para o Estado os fluxos da litteratura classica. Nunca ninguem no vasto publico pôde jamais apreciar a obra d'esses sabios, porque tudo quanto elles desassimilam em forma de prosa passa em padiolas, circumdadas de respeito, dos prelos das typographias para o gorgulho dos archivos e só depois de se ter o gorgulho compenetrado por espaço de muitos annos do teor d'essas producções é que ellas chegam ás casas particulares sob a forma de involucro de generos alimenticios, como as salchichas, ou de simples aromas culinarios, como o cravo da India e o colorau picante.

Os convulsionarios, que são os mais numerosos, denominam-se republicanos, e julgam-se auctorisados, sob esse estandarte de revolta, para se collocarem em berrata furibunda e em dissidencia entusiasmada com tudo: com a monarchia, com a



religião, com a grammatica, com os mesarios da freguezia das Chagas, com os verbos, com as hostias, com as luvas, com os breviarios, com a syntaxe, com o imposto, com o Senhor dos Passos, com o dictionario, com o codigo e com o senso commum. Nada escapa á dissidencia fundamental d'estes escriptores terriveis. Estão em combate acerrimo com tudo. E com o resto estão em contradicção. São o *cliché* negativo do mesmo estado mental de que o governo é a estampa, vista em sentido inverso. São o Estado posto de cabeça para baixo a andar nas mãos em vez de andar nos pés. São o conselheiro Arrobas virado pelo avesso, e invertido, com uma concavidade concernente a cada bossa, e com uma protuberancia relativa a cada buraco da sua natureza.

Os insubmissos, desagremiados da massa, são dez ou doze solitarios apenas, que reagem ás correntes do movimento geral por meio de algumas razões experimentaes postas em verso ou em prosa, e reduzidas a algumas paginas de poema, de romance ou de historia.

A honesta sinceridade d'estes escriptores, geralmente confundida com um cynismo de *pose*, com um charlatanismo de originalidade, é antipathica ao publico, que todavia os lê com uma certa avidez, impellido pela curiosidade que attrae a multidão

gulosa do anormal para os livros d'elles, assim como para as barracas de feira em que se mostram vitellas com duas cabeças, das quaes uma de papelão, ou meninas gordas com seis barrigas, todas postiças.

Os domesticados representam o elemento inofensivo e ameno das lettras a que chamaremos simplesmente *burguezas* para as distinguirmos por uma *nuance* das lettras consagradas, a que chamamos já *officiaes*.

Os escriptores d'esta classe acceitam docilmente tudo quanto se acha em vigor no regimen vigente para não terem o incommodo de inventar nem o desgosto de se comprometterem com as familias particulares ou com os poderes publicos por meio de novas exhibições, aliás inuteis para a marcha regular do intellecto lusitano a través dos meandros macadamisados da Baixa.

Elles vão para as glorias da posteridade, assim como os gatos para as aventuras de telhado, — pelo cheiro uns dos outros. Quando lhes não fareja outro que tivesse passado primeiro, hesitam em sua marcha, tremem-lhes as pernas, e acocoram.

Têm convicções profundas ácerca de tudo aquillo de que estavam profundamente convencidos os seus maiores, e a sua vocação, irresistivel e indomavel, é para fazer tudo o que já está feito.



Em religião são catholicos apostolicos romanos; em politica são monarchicos liberaes; em philosophia são ecleticos da eschola do grande Cousin; em litteratura são pelos modêlos classicos modificados pelo estro dos grandes mestres pacatos da geração moderna, Mendes Leal, Thomaz Ribeiro, Possydonio da Silva e Brito Aranha; em *toilette* são pelo afamado Keil; em theatro pela grande Emilia das Neves; e em culinaria pela lampreia de ovos de fio com cidrão.

Têm ás vezes graça, mas sempre fina, de luva branca, propria de cavalheiro culto, com uso de sala, dentro do campo da civilidade e nos limites da Carta. Ha no vocabulario innumeras palavras, aliás perfeitamente boas e honradas, que elles morreriam mil vezes antes que ousassem escrevel-as. Por exemplo: Com relação ao logar em que a hypocrisia costuma receber os pontapés que o bom senso lhe applica, nenhum d'esses escriptores domesticados diria com simplicidade casta—*o traçeiro*. Porque? Porque, pela muita pratica de salão que elles têm, sabem perfeitamente que as «*madamas*», ao ouvirem um tal vocabulo, immediatamente se retiram fugazes das assembléas, tirando por conclusão do emprego d'esse substantivo masculino que o cavalheiro é cynico.

Em compensação ha outros termos—os termos

proprios de sociedade, que elles nunca empregam sem os ampliarem por meio de adminiculos decorativos. Quando escrevem *natal*, accrescentam sempre — *do Redemptor*, e para *cabeças* dizem as *louras cabeças*, sempre que ellas sejam de creança; sendo de vitella, ainda que egualmente louras, retiram-lhes o adjectivo para o não sevandijarem com os contactos incivis do gado vaccum.

O publico derrete de justo entusiasmo por estes escriptores mansos, que, á semelhança dos elephantes ensinados, extendem a tromba para o regaço das familias, em procura do biscoito caseiro com que a gratidão humana folga sempre de remunerar os carinhos dos pachydermes doces.

Os nomes d'elles nunca se imprimem senão enraibichados a um epitheto obsequioso: o *sympathico*, o *festejado*, o *modesto*, o *cordato*, o *bom*. Apesar do quê, pouca gente os lê, por que esses bons rapazes de profissão, modestos por modo de vida, para o fim de evitarem o conflicto de opiniões contrárias, embiocam-se frequentemente de mais n'um genero de litteratura retrospectiva, que é a mais anodina, a mais sôrna, a mais bestificante cousa por meio da qual um escriptor pode actuar sobre o somno dos seus contemporaneos.

Se são profundas e insanaveis as nossas dissidencias religiosas, e as nossas dissidencias politicas, são



ainda mais insanaveis e mais profundas as nossas dissidencias estheticas.

Estamos tão seperados uns dos outros pelas nossas convicções como pelos nossos gôstos. Os mesmos artistas, os nossos poetas, os nossos musicos, os nossos pintores detestam-se reciprocamente por odios figadaes, de folhetim e de eschola. Estes odios, mal reprimidos nas conveniencias mútuas da camaradagem, rebentam de momento a momento, periodicamente, em brigas renhidissimas, que são um dos mais decisivos symptomas da decadencia e da dissolução do meio intellectual. Temos de anno em anno como outras tantas vegetações do charco a *questão dos poetas*, a *questão dos jornalistas*, a *questão dos pintores*, a *questão dos musicos*.

Quando alguma d'essas questões se faz esperar no tempo dado á sua periodicidade, o burguez em expectativa exclama:—A canalha d'esta vez ainda se não pegou; é que está mais cara a vinhaça!

De cima abaixo, como vêem,—na religião, na politica, na moral, na arte—esphacelamento geral. Por qualquer lado que se lhe pegue, a sociedade portugueza deixa um pedaço na mão que lhe toca. Tudo se desgruda, tudo se esbandalha no aggregado portuguez a que falta a cohesão da idéa portugueza.

52

N'esta superficie social, inconsistente, molle, despolida, em que nem um só traço nitido adhire, só as nodoas se embebem, alastram e aprofundam como gôttas de oleo n'um papel passento.

No espirito publico, inerte e estagnado como agua apodrecida no fundo de um pôço, cada immoralidade que cae dentro abre circulos concentricos de vibrações mephiticas, que se alargam do ponto ferido até a circumferencia do repositorio.

De cada vez que o Terreiro do Paço annuncia que tomará de aluguer mais uma consciencia, o paiz todo, até a raia, põe escriptos.

Foi em face da situação cujas linhas mais proeminentes acabamos de esboçar que alguns homens de extranha boa fé se lembraram de promover ha dois annos a celebração nacional do centenario de Luiz de Camões.— *E a prova do espelho posto á bócca do moribundo para o fim de verificar se elle ainda respira ou não*— disseram então esses homens ingenuos. E, sem receio do terrivel sentido ironico que se poderia ligar ás suas palavras antigas, elles tomaram arrojadamente esta divisa:— *Vereis amor da patria não movido de premio vil.*

Para se julgar imparcialmente da acção das *Farpas* nos successos que narramos, é conveniente recordar uma pequena particularidade: O individuo



que propoz, redigiu, explicou e defendeu perante a assembléa dos escriptores de Lisboa o programma do cortejo civico do jubileu camoneano, tal como elle se realisou depois de oficialmente amputado, no dia 10 de junho de 1880, foi precisamente o mesmo bohemio que escreve estas linhas.

Este simples detalhe absolutamente insignificante e inutil á historia do centenario, é importante para a historia das *Farpas*. Por isso ellas, ainda que immodestamente, o registam.

Foi essa a primeira vez—será provavelmente a ultima—que a redacção d'estes pequenos livros exorbitou da esphera especulativa da critica para a esphera da acção, levando directamente á rua uma idéa.

Se algum dia a moralidade das *Farpas* houver de ser julgada na opinião, este facto será fundamental no processo, porque é pelo accôrdo ou pelo desacôrdo entre as idéas litterarias e os actos publicos de um escriptor que este deve ser definido para a absolvição ou para o desprêzo dos seus semelhantes.

As *Farpas* produziam gracejos periodicos desde o mez de maio de 1871. Nove annos de ironia persistente prostam de tristeza o temperamento mais solido. Rir de tudo ou de quasi tudo aquillo que todos os outros respeitam e veneram é fazer da alegria um exilio e da gargalhada um carcere.

Não ser de nenhuma seita e de nenhum partido, de nenhum club, de nenhum gremio, de nenhum bo-tequim e de nenhum estanco, não ter eschola, nem irmandade, nem roda, nem correigionarios, nem companheiros, nem mestres, nem discipulos, nem adherentes, nem sequazes, nem amigos, é possuir a liberdade, é ter por amante a rude musa *aux fortes mamelles et aux durs appas*, cujo beijo clandestino e ardente põe no coração a marca dos fortes, mas queime nos beiços o riso dos engraçados.

Além da grande e amada tristeza, que já S. Paulo lastimava,—a tristeza de ser só,—na alma das *Farpas* havia ainda, a melancholia da descrença sobre a efficacia dos seus meios artisticos, empregados para pôr verdades em evidencia.

Onde ha uma corporação que se intitula *União e capricho*, onde ha outra que se chama a *Incrível Almadense*, onde ha *Os prussianos ao Seixal* e a *Ávan-te incrível canecense*, onde existe a *Academia dos Fenians* e a sociedade de soccorros denominada *Parturiente funebre familiar*, onde um collegio de educação põe na taboleta *Novo methodo intuitivo*, onde um jornal de noticias toma o titulo de *Santo Antonio de Lisboa*, onde uma camara municipal propõe a substituição do nome de *Aldeia Gallega* pelo de *Linda Aurora do Tejo*, onde uma loja de bebidas, alliando á beberoca barata o mais illustre nome da



poesia contemporanea, se intitula *A Casa Garrett*, onde todas estas cousas se dão, assim como se dá a um homem o titulo de *Visconde de Marmeleiro*, sem espanto, sem estranheza, sem sobresalto, o povo perdeu a noção do ridiculo, e não ha já ironia que lhe faça mossá. As agudezas da arte não o penetram. É preciso uma broca.

As *Farpas* necessitavam de descançar movendo-se, vindo á praça publica, indagando se havia para ellas um lugar entre a multidão, mostrando-se uma vez participantes no movimento do seu tempo.

Quando a commissão dos escriptores reunida para celebrar o centenario, publicou o programma que nos encarregou de fazer, a cidade inteira riu durante tres dias com tres noites.

—É a cerração da velha ou é o enterro do balcão?—perguntava-se aos chás de familia, nas casas particulares, nos botequins, nos paços dos nossos reis e nas estalagens.

A nação inteira, congrassada no preito de uma idéa commum, representada n'uma enorme procissão civica, com os andores dos santos substituidos pelos symbolos e pelos trophéos do trabalho e da intelligencia do homem; reunidas pelo abraço da solidariedade patriotica todas as classes sociaes, que nunca até esse dia se haviam encontrado juntas em tórno do mesmo interesse commum e da mesma

sympathia reciproca; os estandartes de todas as profissões e os pendões de todos os partidos, os mais radicalmente oppostos e adversos, baixando-se juntos pelo mesmo impulso perante a honra, e a gloria da patria; o rei á frente entre os socialistas mais intransigentes e entre os republicanos mais vermelhos, os cortezãos e os officiaes de officio, os sabios e os cavadores de enchada, os juizes com as suas becas, os generaes com os seus uniformes, os doutores com os seus capellos, os campinos com os seus cavallos á rédea, os pescadores, de pernas nuas e pés descalços com uma véla em triumpho, os pastores, de tamancos com calções de pelle de cabra, abordoados aos cajados, os soldados com as bandeiras e as espingardas coroadas de oliveira, os cidadãos todos, emfim, fraternizando n'um sentimento e n'uma idéa, era effectivamente o espectaculo mais proprio para fazer coegas debaixo dos braços á nação e para desengonsar pela gargalhada as mandibulas do publico.

Apesar d'isso porém o programma, depois de devidamente modificado pelo governo, como o pedia o decoro da corôa e a dignidade do exercito, cumpriu-se, e a procissão civica não foi inteiramente o *enterro do bacalhau*, como se predizia; muitos lhe chamaram o *enterro da monarchia*.

Nenhum outro facta a não ser a apothese de Luiz



de Camões, seria possível invocar como trégua das divergências que nos desunem, para a coesão social do espirito portuguez.

Em nenhuma outra litteratura existe um poeta cuja personalidade se ache como a de Camões tão profundamente e tão indissolúvelmente ligada ao genio, á historia e ao destino do seu paiz. *Os Lusíadas* são a patria portugueza affirmada na forma indestrutível e sagrada da arte, são a nacionalidade de um povo manifesta e comprovada por todos os seus direitos á vida historica, direitos immortalisados pela unção de uma poesia eterna.

A celebração solemne do centenario de um tal artista podia ser para a sociedade portugueza o que a leitura dos *Lusíadas* foi para os grandes cidadãos nas crises de decadencia nacional,—um estimulo supremo de energia e de revivescencia patriotica.

Repellindo com uma boçalidade grosseira por meio de uma estupidez verdadeiramente cornea, esta occasião unica de revincular a tradição historica da alliança do rei com o povo, o governo monarchico lavrou o documento mais formal da sua incompetencia organica para continuar a dirigir os destinos do paiz. Este simples facto demonstra do modo mais evidente que as fontes do systema representativo que presentemente nos rege estão profundamente viciadas e insanavelmente corrompidas.

Um ministerio que procede de tal forma, em opposição radical com o espirito da nação, e que depois d'isso continua a manter-se no poder com o beneplacito da camara, constitue a prova irrefutavel de que a soberania nacional é uma pura farça dentro de tal regimen, que a delegação dos poderes é uma mentira, e que o chamado governo constitucional é uma fraude torpe, uma disfarçada usurpação hypocrita.

Ha poucos dias ainda um deputado proferiu em pleno parlamento a seguinte phrase:

*A camara aguarda as determinações do governo*  
Este eloquente e arrojado tribuno do povo falou bem. *Multa in paucis*. Toda a philosophia da representação nacional portugueza no presente momento historico se encerra n'essa synthese sublime e immorredoura:—«A camara aguarda as determinações do governo.»

A subserviencia do soberano ao dominio de espiritos tão garantidamente nullos e tão perfeitamente chatos como os que o aconselharam no centenario de Camões prova-nos que o cerebro da dynastia se acha tocado pelas fatalidades atavicas inherentes a um organismo em tórno de cuja massa encephalica gira sangue do sr. D. João VI.

Das manifestações publicas a que deu origem



o centenario de Camões parecia poder-se deduzir:

*Primeiro*—Que o systema monarchico representativo vigente, corrompido pela viciação do suffragio, deixando de representar a soberania da nação, perdera por esse facto a razão de ser,—o que de resto elle proprio mostrava comprehender, principiando a brilhar pela ausencia além do muito que já brilhava pela inanidade.

*Segundo*—Que o espirito do publico em Portugal estava adeante das instituições e que tinha portanto de as substituir ou de as desprezar.

*Terceiro*—Que o principio de associação, pelo desenvolvimento enorme que attingira no decurso dos ultimos annos, teria de ser tomado por base de toda a reforma por que houvesse de passar no paiz a ordem politica assim como a ordem social e a ordem economica.

Admittidas essas hypoteses, o progresso consistiria:

*Primeiro*—Em minar systematicamente as instituições, approximando d'ellas subtilmente todos os reagentes que pudessem contribuir para as dissolver mais depressa: idéas, argumentos, logica, sabão e verdade.

*Segundo*—Em educar o espirito publico por meio de bons livros e de bons jornaes, systematisando as idéas, coordenando as aspirações, elevando o gôsto, e transformando assim a pouco e pouco a concorrência de actividades desunidas em convergencia de forças combinadas.

*Terceiro*—Em confederar as corporações de todas os trabalhadores associados—duzentos mil homens, mandando em cada anno os seus deputados a um congresso livre em que se defendessem os deveres das classes trabalhadoras, os seus direitos, os seus interesses, a sua situação perante a continuidade historica e perante a solidariedade social, o estado das suas relações economicas e moraes com a politica interior e com a politica exterior do paiz, fundamentando assim os alicerces de um novo regimen de liberdade efficiente, contraposto ao velho regimen de auctoridade inutil,—especie de iniciação pacífica e fecunda para o advento de uma verdadeira democracia, para um systema de *self-governement* ou de federalismo economico á Proudhon.

Que é que se tem feito no espaço de dois annos decorridos desde o centenario até hoje para o fim de encaminhar as idéas no sentido d'essas soluções?

Fundou-se a associação dos escriptores com tre-



sentos e cincoenta associados, dos quaes tresentos e quarenta, pelo menos, não são escriptores, porque se não pode com precisão technica dar esse nome aos individuos que por meio das letras não cultivam uma sciencia, uma philosophia ou uma arte. As letras só de per si são puramente um meio. Todo o pretendido escriptor que não tem dentro um sabio, um philosopho ou um artista, não é bem um escriptor, é um escrevente, e isto ainda na hypothese de que tenha orthographia e boa letra. Faltando-lhe esses dois predicados nem escrevente é, é um esvaziador de tinteiros em prelos e de prelos em papel de impressão, o que verdadeiramente se deve chamar um *troca-tintas*, apenas.

N'esta associação dos escriptores começou um socio, professor de instrucção primaria, por annunciar um *curso de leitura para analphabetos*. Como epigramma a si mesmos devemos confessar que é este o mais espirituoso que os litteratos reunidos têm botado aos quatro ventos do seculo.

Os srs. Consiglieri Pedroso, Adolpho Coelho e Joaquim de Vasconcellos têm feito na sociedade dos escriptores prelecções importantes sobre historia universal, sobre linguistica e sobre critica de arte. Cremos porém que estes bellos e desinteressados serviços á sciencia tanto poderiam ser prestados por aquelles cavalheiros na sala da associação dos escri-

ptores como na sociedade *Luç e Caridade*, na *Parturiente Funebre Familiar*, ou na de *Maria Pia Protectora dos Portuguezes*,—nova cousa que os do Porto abriram agora á gargalhada do mundo, e á necessidade que os protegidos sentiam n'aquella cidade de jogar a bisca juntos sob a egide de uma mesma princeza.

Como corpo collectivo a associação dos escriptores tem evitado toda a especie de contacto com o movimento social ou com os interesses intellectuaes da classe, por meio de um melindre de sensitiva e de uma pudicicia de vestal velha.

Na qualidade de corporação registada no governo civil e com estatutos approvados pelo governo, os escriptores têm apenas produzido luminarias, dois jantares, um passeio fluvial e algumas assembléas geraes.

Em vista de tal esterilidade, os dramaturgos, bem avisados, separaram-se ultimamente da corporação e fizeram panella á parte.

Estreitados por este novo vinculo e aguilhoados em suas imaginações pela paixão ardente das artes scenicas, os escriptores dramaticos não principiaram ainda a primeira peça, feita em collaboração ou separadamente, mas vão já no quarto ou quinto jantar mensal comido de sucia. Bom appetite para o resto de carreira tão briosamente encetada é o que



do fundo da alma desejamos a estes espirituosos filhos de Melpomene.

Emquanto a livros destinados a lançar alguma luz sobre o atoleiro tem havido pouco tempo para os fazer. O sr. Antonio de Serpa foi o que projectou mais clarão. Este notavel estadista fez o favor de nos revelar na sua ultima obra que um ministro em Portugal não tem tempo para tratar das questões. Todo o dia de um ministro é pequeno para parlamentar e para ouvir requerentes. Ainda bem que por este lado ao menos está o negocio liquidado. O livro do sr. Antonio de Serpa, que foi ministro por muitos annos, não deixa o menor vislumbre de incerteza sobre esse ponto.

Ahi temos o portico da publica governação com os seus ministros dentro, — Truz truz truz!

— Quem é?

— Está em casa o governo?

— Que lhe ha de querer? Se é peditorio, pode entrar; se traz problema, s. ex.<sup>a</sup> sahiu n'este mesmissimo instante para palacio.

Ficamos sabendo, em summa, e de uma boa vez para sempre, que o governó se não occupa das questões. É inutil suggerir-lh'as, expender-lh'as, propôr-lh'as, explicar-lh'as, amenisar-lh'as, impôr-lh'as na ponta de um cajado, ou mandar-lh'as a casa n'u-

ma travessa com ramos de salsa á roda e com limão em cima. O governo o que não tem é tempo. Bem! não se lhe fala mais n'isso. O tudo é haver quem expilque as cousas!

Varios jornaes com tendencias mais ou menos revolucionarias appareceram, desappareceram ou permaneceram depois que o centenario de Camões se celebrou, mas em todos esses periodicos tem feito reconhecida falta alguem que serenamente nos dê dos phenomenos do tempo presente explicações tão cabaes como aquellas em que timbra o sr. Antonio de Serpa.

Resta-nos do movimento emergente da celebração do jubileu camoneano o congresso das associações confederadas.

Para julgarmos do estado das idéas que vão ser debatidas n'esse parlamento, cuja realisação cumpre confessar que se deve principalmente á iniciativa e á tenacidade de um unico homem, o sr. Theophilo Braga, para apreciarmos de antemão a orientação mental e a systematisação de principios que as diferentes classes sociaes terão de revelar na reunião da dicta cooperativa a que nos referimos, a festa do centenario do marquez de Lombal, ultimamente celebrada, figura-se-nos ser um symptoma culminante e preciosissimo.



Antes porém de examinarmos como foi comprehendida pelo publico a importancia historica do marquez de Pombal sobre a civilisação portugueza, temos de indicar a traços largos a physionomia do heroe canonisado pelo enthusiasmo popular.

O marquez de Pombal é um estadista, um governante, — o que quer dizer: a mais pequena das cousas que um homem grande pode ser.

Buckle... — pois que é bom citar auctoridades extranhas sempre que se deseje adduzir opiniões desinteressadas e argumentos insuspeitos — Buckle, um dos primeiros escriptores modernos que fundou em bases positivas as leis da civilisação e do progresso, affirma, perante os factos evidentes, superiores a toda a controversia, que todos os interesses da sociedade foram sempre na Inglaterra gravemente compromettidos por todas as tentativas que os legisladores fizeram para os auxiliar. Nenhuma grande reforma, quer legislativa quer executiva, foi jámais em paiz algum a obra d'aquelles que governam. Os governos constituidos não podem fazer em bem do progresso senão uma cousa: dar-lhe possibilidade. Os unicos serviços que um governo pode prestar á civilisação reduzem-se a manter a ordem, a impedir os fortes de opprimir os fracos e a tomar algumas precauções para o fim de assegurar a saude

geral. Todo o governo que transpõe estes limites ultrapassa o mandato e é criminoso perante a historia. — Não somos nós que o dizemos é Buckle na sua *Introduccção á historia da civilisação em Inglaterra*.

Guizot, apesar de todo o seu doutrinariismo, confessa que é effectivamente um erro grosseiro o acreditar no poder soberano da machina politica.

Bastiat diz: O Estado não é mais que uma grande ficção atravez da qual toda a gente se esforça por viver á custa de toda a gente.

Bagehot, o illustre critico que mais exactamente soube adaptar as leis scientificas da evolução biologica aos estudos sociaes, pensa que a liberdade «é o poder que fortifica e desenvolve, é a luz e o calor do mundo politico. Se algum cesarismo conseguiu jámais patentear alguma originalidade de espirito, proveio isso de que soube apropriar-se dos resultados obtidos pela liberdade ou em tempos passados ou em paizes vizinhos Mas ainda em taes casos essa originalidade é fragil e pouco duradoura, e desaparece sempre dentro de um breve espaço de tempo, depois de experimentada por uma ou duas gerações, exactamente no momento em que principiaria a ser necessaria.»

Herbert Spencer explica pela acção physica das martelladas sobre a bossa de uma chapa de ferro os



effeitos produzidos sobre o complexo aggregado social por essa força accidental que se chama o governo. Para achatar a empola na chapa de ferro o empyrismo bate-lhe em cima com um martello: o resultado correspondente a este esforço é que a bolha recalçada para baixo cada vez incha mais para cima, e a lamina não sómente se torna mais barriguda do que estava no ponto defeituoso mas contrae ainda defeitos novos e imprevistos, começando a arrebatar pelas extremidades. É como a d'este martello a acção dos governos sobre a reformação das sociedades.

Referindo-se á inutilidade dos homens que governam com relação aos destinos dos que são governados, o mesmo Herbert Spencer escreve:

«Adão Smith ao canto do seu fogão impoz ao mundo muito mais consideraveis mudanças do que qualquer primeiro ministro. Um general Thompson, que forja as armas necessarias para a guerra contra a lei dos cereaes, um Cobden e um Bright, que as aperfeçoam e que se servem d'ellas, contribuem mais para a civilisação do que qualquer porta-sceptro. O facto pode desagradar aos estadistas, mas é indiscutivel. Calculem-se todos os resultados adquiridos já pelo livre cambio, juntem-se lhes os resultados muito maiores ainda que elle nos promette, não sómente a nós, mas a todas as nações que ado-

ptarem o nosso principio, e vêr-se-ha que a revolução emprehendida por esses homens excede em grandeza tudo o que jámais fez um potentado. O sr. Carlyle sabe-o bem: aquelles que preparam verdades novas e que as ensinam aos seus semelhantes são em nossos dias os verdadeiros poderes, os *legisladores não reconhecidos*, os unicos reis. Os que se sentam nos thronos e os que compõem os gabinetes — toda a gente o sabe — são simplesmente os servos d'aquelles homens.»

Muitos outros exemplos se poderiam accrescentar aos que são referidos por Spencer.

Os mais complicados problemas sociaes, como o do augmento da riqueza e o do augmento dos braços, são resolvidos no fundo de uma officina por simples trabalhadores.

O metallurgista Bessemer por meio da fabricação do aço dota as nações civilisadas com uma economia de dinheiro que o *Scientific American* calcula sobre bases precisas, sómente com relação á produção do aço bruto, na quantia de noventa mil contos por anno. Tomando em conta o excesso de duração, adquirido nos artefactos pela substituição do ferro pelo aço, e devido á invenção de Bessemer, a economia realisada pela Grã-Bretanha, unicamente, na duração dos rails dos caminhos de ferro, eleva-se a um rendimento de quinhentos e sessenta e cinco



mil contos. Qual é a medida governativa que jámais produziu um tal resultado?

Em 1781, no mesmo anno em que o marquez de Pombal exclamava: *Agora é que Portugal vae á vé-la*, Watt descobria a applicação do vapor. Decorreu apenas um seculo depois da invenção do vapor applicado ao movimento de uma arvore de rotação, e as ultimas estatisticas do sr. Bresca mostram-nos que, sómente em França, a força productiva inventada por Watt se acha representada por um milhão e cem mil cavallos de vapor. Calculada em doze homens e meio a paridade de força de cada cavallo de vapor, temos quatorze milhões de homens correspondentes ao milhão e cem mil cavallos. Esses vinte e oito milhões de braços de aço, trabalhando mais do que outros tantos milhões de braços humanos, augmentam a força muscular da França, pela dádiva de um simples e modesto operario, em quantidade muito maior do que a força destruida nas guerras pelo imperador Napoleão.

O problema scientifico, n'este momento em resolução, da transmissão da força pelos conductos pneumaticos e pelos fios electricos, põe a catarata do Niagara ao serviço do trabalho universal, e segundo uma memoria do sr. Siemens, apresentada recentemente ao *Iron and Steel Institute*, só a força do Niagara é superior á de todo o carvão que hoje se

queima no globo, se todo elle fôsse exclusivamente empregado em produzir trabalho.

Os homens que mais reconhecida e decisiva influencia têm tido nas reformas economicas e sociaes do nosso tempo não são nunca os homens de Estado, mas sim os homens de estudo, simples jornalistas como João Baptista Say e Carlos Dunoyer, um obscuro cirurgião como Quesnay, um modesto professor como Adão Smith.

Aquillo que se chama propriamente um *governante* não é mais que o resto anachronico de uma velha liturgia hoje extincta. O vulto grosseiro d'esse dictador que se chamou Sebastião José de Carvalho, levantado em triumpho como um symbolo de progresso e de liberdade, com a sua cabelleira de rabicho, com os seus autos do Tribunal da Inconfidencia e os seus cadernos da Intendencia da Policia debaixo dos braços, faz-nos o effeito de um velho monstro paleontologico, desenterrado das florestas carboniferas e reposto, com palha dentro, no meio do espanto da flora e da fauna do mundo moderno.

Que significa uma semelhante festa dos filhos da liberdade ao representante do despotismo? Que sentido absurdo se pode ligar no fim do seculo XIX a esta nova e inesperada *Declaração dos direitos do governo*, depois que a Revolução Franceza nos fez



presente a todos nós da *Declaração dos direitos do homem*?

Desde 1789 até hoje todos os esforços dos povos cultos têm tendido precisamente a enterrar o principio que nós resuscitamos com a apotheose solemne de um estadista. Todo o immenso trabalho da reconstituição social durante este seculo tem consistido para todos os homens livres em negar aquillo que a memoria do marquez de Pombal affirma, em eliminar a acção do Estado sobre os actos dos individuos, reivindicando sobre os restos das velhas tyrannias auctoritarias todas as liberdades proclamadas pela Revolução, a liberdade de imprensa, a liberdade de cultos, a liberdade de ensino, a liberdade de associação, a liberdade de reunião, a liberdade de commercio, a liberdade de industria, a liberdade de trabalho.

A personalidade de um estadista da eschola do marquez de Pombal representa a negação expressa de todas essas liberdades, representa a revivescencia do antigo despotismo monarchico, a coerção do homem sobre o homem, quando o que todos nós pedimos desde Danton para cá, em nome da dignidade da especie, rehabilitada pela sciencia na posse de si mesma, é o livre exercicio da acção do homem sobre a natureza.

Os unicos povos do globo que ainda hoje acci-

tam, não diremos com os regosijos de um triumpho, mas simplesmente sem discussão, sem protesto ou sem revolta, o principio da auctoridade representada pelo arbitrio de um individuo, são os selvagens; são os aschantis, cujo rei, herdeiro unico e forçado de todos os seus subditos, tem 3:333 mulheres e um numero proporcionado de filhos, com o direito de saque sobre toda a commuidade; são os katungas do Valle do Niger, onde ninguem se approxima do soberano senão com as mãos no chão e a cabeça arrastada na lama; são os abyssinios, que nascem todos escravos do rei seu dono; são os malanesios, cujo chefe tem o tratamento de *Deus*; são finalmente os cafres, os botocudos, os topinambas, os patagonios e os esquimaus.

Na Europa já não ha d'isso.

Com a emancipação intellectual dos governados acabou o prestigio dos governantes.

A Hispanha, a Italia, a França, a Inglaterra, a Allemanha celebram com religiosa piedade filial os centenarios dos seus poetas, dos seus artistas, dos seus philosophos, dos seus paes espirituaes, dos seus bemfeitores. Em região nenhuma do mundo arrodeada pela civilisação se celebra o culto do estadista, agente ephemero de estados sociaes transitorios, especie sempre brutal se triumphha das resistencias, sempre impura se se concilia com ellas, engenho



destinado a condensar poder e a segregar leis, tão passageiras como o aparelho de que procedem, e todas más sempre que não têm por objecto a revogação de outras que as precederam.

A sciencia anthropologica confirma inteiramente o instincto popular no seu desdem pelas faculdades dos chamados homens de estado.

O sr. Wechniakoff, emprehendendo recentemente n'uma obra de anthropologia psychologica a historia natural dos *grandes homens*, divide estes em tres grupos: os monotypicos, os polytypicos e os philosophos. No primeiro grupo entram as altas intelligencias monocordes como as dos poetas, dos pintores, dos musicos, dos engenheiros, dos astronomicos, etc. O segundo grupo compõe se dos espiritos de natureza multipla cuja actividade se exerce nos trabalhos mais variados, cujos resultados elles são todavia impotentes para coordenar em conjunto. Pertencem a esta familia Haller, poeta, naturalista, physiologista, auctor de 576 obras e de 12:000 artigos bibliographicos; Humboldt, que apprendeu philologia aos setenta annos de idade e publicou a ultima parte do *Cosmos* dos oitenta e um aos oitenta e oito annos; Bernardo Palissy, Plater, Alberti. O terceiro grupo, subdividido em grupo philosophico transitorio, consta na primeira parte de individuos como Augusto Comte, Leibnitz, Lagrange,

e na segunda de Newton, Grove, Daniel Bernouilli, etc.

Em nenhuma d'essas categorias se comprehendem os estadistas, porque a anthropologia, psychologica não acceita como grandes homens senão os creadores da arte, da sciencia ou da philosophia.

Determinada a especie, passemos agora a examinar o individuo.

Durante o seculo xviii, — diz Michel Chevalier — vêmos successivamente passar na direcção dos negocios na maior parte dos Estados, ou seja como rei ou como primeiro ministro, um reformador applicado a destruir a supremacia da nobreza e do clero, com o fundamento de que a nobreza tendia a attribuir-se uma parte das prerogativas do governo em detrimento da realeza e por vantagem propria, emquanto o clero aspirava a dirigir a sociedade ficando elle unicamente sujeito a um soberano estrangeiro, que com uma triplice corôa na cabeça se considerava o rei dos reis. N'este presupposto era como senha dada e geralmente obedecida suscitar por meios mais ou menos artificiaes, á falta de outros mais convenientemente entendidos e mais efficazes, o desenvolvimento da agricultura, do commercio e das manufacturas, afim de augmentar a riqueza dos povos e os recursos do Estado, de que



o príncipe dispunha arbitrariamente. Parecia util espalhar a instrução, porque ella contribue para formar uma opinião publica que pode contrabalançar a auctoridade do clero sobre os espiritos. Quanto ao mechanismo do governo punha-se completamente de parte a liberdade. A divisa era: O Estado é o príncipe. Todos o pensavam com quanto o não proclamassem como Luiz XIV. Esta feição geral encontra-se em graus diversos, sob formas differentes e com accessorios apropriados aos logares e ás circumstancias em varios Estados durante uma ou outra parte do seculo XVIII. No norte essa expressão é brilhante na côrte do grande Frederico e da grande Catharina; no centro da Europa na côrte de José II. No sul apparece em Pombal, e, em grau menor, nos dois hispanhoes rivaes um do outro Campomanes e Florida Blanca.

D'esta exposição tão clara do systema geral de reformas governativas na Europa durante a primeira metade do seculo passado, exposição devida a uma auctoridade tão insuspeita como a do economista Michel Chevalier, deduz-se immediatamente que o talento politico do marquez de Pombal carece de originalidade.

Esta circumstancia destroe em grande parte o intuito patriotico, que geralmente se lhe attribue, de pretender, n'um ponto de vista nacional, reformar e

reconstituir a sociedade portugueza dissolvida por duzentos annos de despotismo monarchico e catholico. O arrojado ministro do rei D. José era apenas um reformador de segunda mão. Como revolucionario a sua carreira é de pé posto no circulo feito em tórno das realezas estremecidas por todos os dictadores que se haviam seguido a Richelieu no governo das monarchias modernas.

As reformas de Pombal não são o producto puro de um talento pessoal mas sim os ultimos effeitos de uma corrente contagiosa de idéas, ao tempo d'elle quasi todas já envelhecidas e refutadas.

O que elle representa na civilisação não é a personificação de um genio, mas sim o advento de um novo poder, que o enfraquecimento das raças reinantes tornava necessario, que então apparecia pela primeira vez, e que Augusto Comte denominou o *poder ministerial*.

Este facto exprime um consideravel progresso politico, de que Pombal é a funcção. O estabelecimento do poder ministerial é a reversão, ao valor, da auctoridade até ahí adstricta ao nascimento.

Antes de assumir a dictadura em que o investiu o rei D. José, Pombal viajara, residira como embaixador na Inglaterra e na Austria, conxivera com homens de espirito iniciados nas idéas da philosophia franceza, mas nem da revolução intellectual da



França, nem da revolução economica da Inglaterra elle comprehendeu o mechanismo. Unicamente os processos da politica austriaca, de uma meticulosidade italiana e de um rigor allemão o penetraram inteiramente.

A imperatriz Maria Thereza, que envolvida nos mais altos negocios da politica internacional européa funda *commissões de castidad* para salvaguardar as esposas das infidelidades maritaeas, sem que todavia isso a empeça de escrever epistolas ternas a Madame de Pompadour, amante de Luiz XV, dá bem o modelo da politica pombalina, policiando tudo no reino, desde os primeiros segredos da diplomacia até ao ultimos mysterios das alcôvas.

Na côrte de Vienna encontrou o marquez de Pombal, em elaboração, as idéas que pouco depois deviam constituir o programma politico do imperador José II, cuja impetuosidade de caracter Maria Thereza procurara conter em quanto viva e cujos projectos de reforma eram tão semelhantes áquelles que o marquez realisou em parte como primeiro ministro na côrte de Lisboa.

Abolição da escravidão, do direito de primogenitura, dos dizimos, da caça privilegiada; reconhecimento dos judeus e dos protestantes como cidadãos; todo o cidadão considerado capaz de alcançar qualquer emprego; supressão dos conventos inuteis

transformados em hospitaes e em estabelecimentos de instrucção; desenvolvimento das universidades e das academias; protecção das pautas á industria nacional: tal é a parte do programma de José II que o ministro portuguez procurou pôr em execução no seu paiz.

Mas José II ia um pouco mais longe, e a declaração completa da sua politica ao subir ao throno, pouco mais ou menos pelo mesmo tempo em que Pombal cahia, mostra-nos que este não apprendera inteiramente a licção que as suas convivencias e as suas ligações austriacas lhe haviam ministrado.

O imperador José II declarou que *reinar sobre homens livres era a sua unica paixão como rei*. Pombal, preocupara se pouco, com a liberdade conferida aos cidadãos que governara. Esta differença fundamental entre o reformador austriaco e o reformador portuguez reflecte-se na obra de cada um por meio dos effeitos mais expressivos.

Assim, emquanto o marquez de Pombal confere o tratamento de majestade ao *tribunal da Inquisição* e funda o famoso e terrivel *tribunal da Inconfidencia*, José II substitue a todas as jurisdicções, ecclesiasticas e feudaes, tribunaes civis de várias instancias emergentes de um unico tribunal supremo. Emquanto Pombal funda a Real Mesa Conso-ria, José II transfere para os membros das acade-



mias e das universidades a censura até então exercida pelo clero. Enquanto Pombal reserva para a corôa o direito de nomear e de demittir sem mais forma de processo todos os funcionarios da nação, José II funda a lei dos concursos. Enquanto, finalmente, Pombal manda suppliciar n'um auto de fé, com cincoenta e tres condemnados, o pobre cretino Malagrida na idade de setenta e tres annos, José II estabelece o principio da tolerancia, conferindo a toda a aggregação religiosa de tres mil almas, de qualquer seita que sejam, o direito de edificar um templo e de subsidiar um pastor.

Nas praticas administrativas Pombal é da escola de Colbert, refutada em Inglaterra desde o meiado do seculo. O systema protector pombalino e o systema colbertista, de que elle é cópia, dão em Portugal e em França resultados semelhantes. Pombal, que recebera da administração de D. João V um cofre em que nem havia com que pagar o enterro do rei, entrega a D. Maria I o erario com uns poucos de milhões, um exercito numeroso e uma boa esquadra. Colbert escrevia ao soberano em 1662: «Os rendimentos estavam reduzidos a 21 milhões, e ainda esses comidos por dois annos; hoje estão em 50 milhões. Então o rei pagava 20 milhões de juros; hoje não paga um *sou*. Então o rei, dependente dos financeiros, não podia fazer despesa alguma extraor-

dinaria; hoje, depois da compra de Dunkerque, a Europa vê-o bastante rico para comprar o que quiser. Então não havia marinha; hoje vinte e quatro naus acabam de ser construídas, etc.»

A prosperidade de um povo não pode porém ser aquilatada pelo dinheiro que o príncipe possui no erário á sua disposição, nem pelo numero das baionetas dos soldados ou das bôccas de fogo dos navios que elle tenha á mão para fazer guerras. O Estado é um aparelho, não é uma individualidade. O Estado tem funções e não tem mais cousa nenhuma, nem bens, nem crenças, nem opiniões.

O Estado tem obrigação restricta de ser pobre, exactamente como tem obrigação de ser atheu. Onde o Estado enriquece, a communitade está roubada, porque se lhe extorquiou mais em imposto do que se lhe deu em serviços, e as relações dos individuos com o Estado, tendo por base a troca, não podem ter por fim o lucro do mesmo Estado, representado pelo príncipe, pela côrte, pela nobreza ou por qualquer outra classe privilegiada.

Quando o Estado se constitue protector torna-se objecto de uma superstição grosseira e perigosa. A fé posta na protecção do governo é uma derivação da fé no milagre. Essa fé dissolve todas as aptidões, todas as iniciativas, todas as forças de uma sociedade. Os que acreditam na acção providencial dos es-



tadistas sobre os desenvolvimentos da riqueza e da prosperidade dos povos perturbam tudo pela confusão dos poderes de que abdicam, delegando-os no governo. Os proletarios pedem a abolição dos direitos de importação dos cereaes e dos tecidos para terem o pão e o vestido mais barato; os cultivadores e os industriaes requerem direitos prohibitivos de concorrência para venderem mais caro os productos da terra e os das fabricas; os operarios requerem augmento de salario; os patrões solicitam augmento de trabalho. E todo o accôrdo, desde que o Estado intervem, se torna impossivel entre aquelles que produzem e aquelles que consomem.

Nenhuma das industrias que o marquez de Pombal fundou na protecção lhe pôde sobreviver na liberdade. Todas as grandes companhias de industria ou de commercio instituidas por elle desapareceram sem o menor vestigio na prosperidade ou na riqueza publica, — a companhia do Maranhão, a de Pernambuco, a dos Vinhos do Douro, a da pesca da baleia, a da pesca do atum. Todas as fabricas que elle montou cahiram successivamente umas depois das outras. A razão é que a industria não é um artigo de importação mas sim um ramo da sciencia applicada. O unico meio de suscitar industrias e de crear commercio é introduzir sciencia e dar liberdade.

O vasto plano do marquez de Pombal tendente a

uma completa e total reconstrucção social é, pela sua mesma natureza absoluta, a negação do seu talento politico. Tendo por fim condensar os esforços da progressão social, toda a politica efficaz tem necessariamente de ser tão lenta como essa progressão. O sr. Oliveira Martins chama ao governo do marquez de Pombal um terremoto. Effectivamente o enorme conjunto d'essas disposições legislativas e policiaes destinadas a refazer de um jacto uma civilisação, representam uma força tão poderosa e ao mesmo tempo tão irracional como o abalo de terra que em alguns minutos destroe uma cidade.

O sr. Dubost, apreciando na *Revue de Philosophie Positive* as altas qualidades de Danton como homem de Estado, diz que o character principal da sua politica consiste na necessidade que elle comprehendeu de renunciar deliberadamente a intentar a reconstrucção total da sociedade franceza, mantendo-se energicamente em uma obra relativa, consistindo em permittir a elaboração dos elementos que por si mesmos hão de gradualmente produzir a reconstituição. Pombal desconhecia completamente essas leis fundametes da politica, que subordinam as funcções governamentaes á independencia do meio social, não permittindo medida alguma que a opinião não solicite, que a vontade publica não reclame.



Condorcet na sua biographia de Turgot, de quem elle foi o amigo e o collaborador, diz: «Deve-se evitar na reforma das leis: 1.º tudo quanto possa perturbar a tranquillidade publica; 2.º tudo quanto produza grandes abalos no estado de um grande numero de cidadãos; 3.º tudo quanto encontre de frente preconceitos ou usos geralmente recebidos. Algumas vezes succede que uma lei não pode produzir todo o bem que promette ou não se pode pôr em execução porque a opinião lhe é adversa; n'esses casos *cumpre começar por mudar a opinião.*»

Para o ministro do rei D. José não havia senão uma opinião—a d'elle, e o publico não era mais que uma grande massa passiva e bruta, que elle se julgava destinado a modelar sob varios aspectos mettendo-a em fôrmas como se faz aos pudins.

Derivando todas as liberdades da pessoa do rei, elle recalcou sempre pelo terror todas as reivindicações de independencia collectiva ou pessoal. Nunca nos Estados modernos da Europa o despotismo assumiu um character mais cruel, mais sanguinario, mais implacavel que o do regimen pombalino em Portugal. Proudhon diz que a tyrannia está sempre na razão directa da grandeza da massa dominada. A administração do reinado de D. José I é uma excepção a esta regra. Em tão pequena familia tão grande oppressão como aquella de que a sociedade

portugueza deu o spectaculo durante o ultimo quartirão do seculo xviii foi o espanto e o horror do mundo civilisado.

A tremenda catastrophe do terremoto lançara o panico, o horror, a confusão, o desequilibrio em todos os espiritos, em todas as relações sociaes, em todos os interesses economicos. A catastrophe nacional derivada d'essa revolução geologica prepara o advento da dominação pombalina, assim como o terror na revolução franceza prepara o advento da dominação napoleonica. Em França como em Portugal a sociedade havia perdido sob o golpe de uma desgraça esmagadora a faculdade de resistir. No meio do desfallecimento geral que por algum tempo se succedeu á violencia da crise, Pombal pretendeu reconstruir a sociedade perturbada exactamente pelo mesmo processo por que reconstruiu a cidade em ruinas: ao esquadro e á régua, como um pedreiro cabeçudo e valente, tomando a symetria pela ordem, — sem respeito algum pela dignidade das idéas e dos sentimentos; sem a menor noção da elevação e da belleza moral; sem arte, sem graça, sem elegancia, sem gôsto; n'uma feroz teimosia de omnipotente sapador, alinhando, razoirando, espalmando, achatando, estupidificando tudo. São os brutaes aruamentos quadrangulares da Baixa prolongados a toda a ordem social.



De cima abaixo, de norte a sul, de este a oeste, tudo arruado! Para alli os algibebees, para alli os professores, os bacalhoeiros, os poetas e os capellistas; para acolá os retrozeiros, os latoeiros, os artistas e os philosophos. Para os sapateiros aqui estão as fôrmas; para os philosophos aqui estão as idéas; para os artistas aqui está a natureza, a sensibilidade, o temperamento e a paixão!

Elle só giza, mede, talha, corta, almotaga, esposteja, aquartilha, taberneia, baldroca, amezinha e a apilúla tudo, — o arroz, o vinho, a manteiga, o bacalhau, o briche, o oleo de ricino, o ensino publico e particular, as missas, a poesia, a architectura, a musica, a esculptura, a philosophia, a historia, a moral e a cannela.

A cada um o seu regulamento e o seu arruamento, com quatro forcas e com ruas direitas, parallelas, rectilineas, vindo todas dar á grande praça central com a besta de bronze ao meio, sustentando em cima, vestido á romana com um sceptro na mão, um pulha inepto, de bronze para pensar, de sêbo para resistir.

Nos patibulos, que servem de signos geodesicós á triangulação do systema, nunca durante dez annos deixou de pernear alguem para recreio do principe e escarmento dos subditos.

Toda a reclamação, ainda a mais moderada, con-

tra medida promulgada pelo omnipotente ministro era considerada crime de lesa-majestade e alta traição.

O supplicio dos Tavoras e do duque de Aveiro e o auto de fé do padre Malagrida são monstruosos de mais para que façamos d'elles argumentos de historia. A ferocidade levada a um tal requinte deixa de pertencer á critica; está fora da historia assim como está fora da humanidade; é uma reversão ao cannibalismo, cujo estudo compete á psychologia pathologica.

Explica-se geralmente pela necessidade politica de abater e de humilhar a nobreza esse processo caviloso e infame, em que o ministro de D. José I é ao mesmo tempo juiz e parte, e em que os réos são julgados sem defesa e sem exame de provas sob a accusação de uma tentativa de regicidio, em que hoje se sabe achar-se completamente innocente a familia Tavora; assim como estava innocente o marquez de Gouveia, exauctorado do seu titulo, officialmente infamado, e preso nos carceres sem ar e sem luz do forte da Junqueira desde os dezoito annos de idade até os trinta e sete; assim como estavam innocentes o marquez de Alorna, encarcerado no mesmo forte; a marqueza de Alorna e suas duas filhas, presas no convento de Chellas; D. Manuel de Sousa Calhariz, avô do duque de Palmella, encarcerado na Torre do Bugio, onde morreu; e a



infeliz duqueza de Aveiro, a qual, depois de sequestrados todos os seus bens, perseguida até o seu ultimo suspiro pelo odio do marquez de Pombal, morreu no convento do Rato, servindo a cozinha das freiras como creada de pé descalço.

Singular modo de aviltar uma classe, sagrando-a assim pelo martyrio!

Decorreram mais de cem annos sobre a carnificina cannibalesca de 13 de janeiro de 1757. Povoam ainda as nossas imaginações e vivem eternamente immortalisadas pelas nossas lagrimas as dôces e legendarias figuras d'esses fidalgos: a marqueza de Tavora, de uma physionomia tão elevada e tão elegiaca, alta, magra, severa, envôlta na sua longa capa alvadia, assistindo no patibulo á descripção do supplicio por que vae passar a sua familia, comprimindo no silencio da dignidade toda a explosão da dôr, e dobrando, sem um grito, sobre o cepo, a cabeça coroada de cabellos brancos que o carrasco fere de um golpe de machado pela nuca, fazendo-a pender por um instante segura ao busto pela pelle da garganta. O altivo e marcial marquez de Tavora, macerado e encanecido, contemplando os cadaveres da sua mulher degollada, do seu filho com os ossos esmigalhados pelo maço de ferro que um momento depois lhe ha de bater no peito, em que elle cruza os braços, deixando rolar nas faces duas grossas la-

grimas mudas e tragicas, unico protesto contra o holocausto necessario para desatrarancar dos empecos de familia o caminho que conduz á alcôva da amante do seu rei. O joven José Maria de Tavora, finalmente, com vinte e um annos de idade, bello, gentil e amado, vestido de velludo preto e meias de seda côr de perola, os cabellos annellados e louros presos por um laço de fita.

E na saudade dolorosa que nos desperta esse quadro do pretendido aviltamento da aristocracia portugueza ninguem comprehende os tres plebeus creados do duque de Aveiro, egualmente supplicados por terem acompanhado seu amo na emboscada da Ajuda sem todavia haverem participado na aggressão ao principe.

Esses tres innocentes, João Miguel, Braz Romeiro e Manuel Alvares Ferreira, compareceram no patibulo por ordem do juiz supremo Sebastião José de Carvalho, em camisa e calções, de pernas nuas e pés descalços, despreziveis e grotescos, despoetisados para a legenda sentimental da morte pelo julgador egualmente plebeu que, para se extrahir d'esta miseria truanesca da simples canalha, se condecora a si mesmo com o direito de morrer com meias de seda, encorporando-se alguns dias depois com o titulo de conde de Oeiras na mesma nobreza que pretendia aviltar e destruir.



É a isto que os apologistas de Sebastião chamam o nobre intuito democratico de elevar a plebe e de constituir a burguezia!

Mais expressivo e mais concludente que este extranho methodo de egualisar as condições sociaes, é na historia da administração pombalina o systema geral de perseguição sanguinaria a toda a manifestação de liberdade, de castigo tremendo a toda a transgressão da lei escripta. Chega a não ser preciso desobedecer, basta não gostar completamente do regimen em vigor para ser immediatamente punido. Em 1756 o marquez de Pombal decreta uma gratificação de 400 mil cruzados a todo o delator d'aquelles que disserem mal do seu governo. No mesmo anno, como lhe desagrade, não se sabe porque, o seu collega no ministerio Diogo de Mendonça Corte Real, manda-o sahir de Lisboa dentro de tres horas e prende-o na praça de Masagão até que, cedida essa praça aos marroquinos, é transportado para as Berlengas, onde morreu esquecido e abandonado. Semelhante sorte teve o successor de Diogo de Mendonça, Thomé Joaquim da Costa, que o marquez enfasiado mandou, sem culpa formada, como o outro, para o castello de Leiria, onde morreu. Em 1753, como a Mesa do Bem Commum representasse humildemente em nome dos commerciantes de Lisboa contra o privile-

gão exclusivo do commercio do Maranhão e de Grão Pará conferido a uma companhia, encarcera no Limoeiro, sem outra forma de processo, todos os commerciantes peticionarios e o advogado João Thomaz de Negreiros, redactor da petição. Este foi degredado por oito annos para Masagão. Todos os negociantes foram deportados por mais ou menos annos. Em 1777, em consequencia da assuada popular a que deram motivo os monstruosos vexames da Companhia dos Vinhos do Alto Douro, manda ao Porto a famosa alçada, que enforca vinte e um homens e cinco mulheres, e condemna a degredo, a confiscação e a multa 211 pessoas de ambos os sexos. Em 1776, para o fim de castigar alguns refractarios ao serviço militar refugiados na Trafaria, manda incendiar de noite as cabanas d'essa pobre aldeia de pescadores, e espera n'um cinto de baionetas caladas os desgraçados que fogem ás chammas espavoridos e cegos.

Ninguém podia contar com a vida, nenhuma cabeça se considerava segura nos respectivos hombros. As cartas eram abertas e lidas n'uma repartição especial montada para esse fim. O tribunal da Inconfidencia e a Intendencia Geral da Policia devassavam todos os segredos. Era-se perseguido, preso, condemnado rapidamente, summariamente, sem appellação nem agravo, por uma carta a um



parente, por alguns versos, por uma palavra, por um sorriso, por uma simples suspeita. As prisões estavam cheias. No forte da Junqueira, a que verdadeiramente se pode chamar a Bastilha portugueza, morrem o conde de Obidos e o conde da Ribeira. O coronel Thomaz Luiz, accusado de haver recebido em sua casa, na provincia de Minas Geraes no Brazil, um jesuita secularizado, morre na forca em Lisboa, provando-se mais tarde que nem o supposto crime de que o accusavam era verdadeiro. O diplomata Antonio Freire de Andrade Encerrabodes, accusado de haver escripto em uma carta particular a um amigo uma phrase desagradavel para o Marquez, é desterrado para a Costa d'África. O conde de S. Lourenço e o visconde de Villa Nova da Cerveira, unicamente por terem sido os familiares do Santo Officio encarregados por esse regio tribunal, reconhecido e auctorizado, de prenderem o intendente da policia, são sepultados, o primeiro no forte da Junqueira, o segundo no castello de S. João da Foz, onde morreu. Na Junqueira estiveram ainda os tres filhos do conde de Alvor, o lettrado Francisco Xavier, mais tarde degredado para Angola; o desembargador Antonio da Costa Freire, que morreu no forte; e muitos outros.

A disciplina militar do conde de Lippe lembra as arias do general Boum, em que a cada phrase cor-

responde um tiro. Os famosos artigos de guerra, em que os fusilamentos apparecem com tanta frequencia como as virgulas, seriam dignos da musica de Offenbach, se não tivessem sido na realidade um opprobrio da dignidade humana. Pelas culpas mais leves o soldado era mettido ao tornilho, carregado de armas, amarrado nu a uma espingarda e zurzido á chibata ou moído ás pranchadas.

Na vida civil o mando fazia lei indiscutivel e absoluta como na vida militar. Por occasião das famosas festas da inauguração da estatua equestre *ordenou-se* aos ourives e aos particulares que cedessem as suas alfaias para servir á ceia dada á custa do povo pelo senado de Lisboa, cujos amigos comeram tresentas arrobas de dôce em tres dias.

Da historia geral das reformas comprehendidas pelo marquez de Pombal cumpre separar dois factos culminantes de especial importancia no progresso: a expulsão dos jesuitas e a reforma da instrucção publica.

A extincção da Companhia de Jesus foi, no marquez de Pombal assim como nos demais reformadores regalistas da sua eschola e do seu tempo, o resultado de um equivoco.

Toda a gente sabe que a obediencia absoluta e cega é o fundamento da ordem instituida por Santo



Ignacio de Loyola, assim como é o fundamento de todo o despotismo monarchico. O fim da Companhia de Jesus foi sempre, desde a sua fundação até hoje, oppôr ás idéas de livre exame, de discussão e de governo livre, a monarchia absoluta e o direito divino. O immenso e insubstituivel poder espiritual sobre o qual se fundamentava principalmente o poder temporal dos reis era o poder dos jesuitas. Sem elles as monarchias absolutas careciam de base no espirito e na consciencia dos povos. O marquez de Pombal, tendo por unico intuito politico fortalecer e affirmar indestructivelmente e para todo o sempre o dominio absoluto do despotismo monarchico, errou portanto do modo mais pueril, como todos os estadistas monarchicos seus contemporaneos, mimando por meio da perseguição aos jesuitas os alicerces da sua propria fundação. Nunca um espirito verdadeiramente superior e penetrante, como por exemplo o do sr. de Bismarck, cahiria n'um tal des-acerto.

Imaginem um architecto que depois de haver construido um palacio de marmore sobre estacas de madeira cravadas no fundo do oceano, rematasse a obra serrando as pilastras que a sustinham. Foi precisamente o que fez Pombal, construindo o mais solido regimen despotico sobre os principios da obediencia e do direito divino, e tirando-lhe em segui-

da debaixo o jesuita, que era o sustentaculo intellectual e moral d'esses mesmos principios.

Auguste Comte, cujo alto e poderoso genio philosophico lança sempre uma tão intensa e viva luz sobre todos os problemas historicos em que põe a mão, escreve sobre a queda da Companhia de Jesus, facto que elle considera como o primeiro dos tres grandes agentes que dirigiram a crise revolucionaria do fim do seculo xviii, as seguintes palavras: *A abolição da Ordem dos Jesuitas mostrou a decrepitude de um systema destruindo pelas suas proprias mãos o unico poder susceptivel de lhe retardar a queda.*

A extincção da Companhia de Jesus é certamente um dos mais fundamentaes progressos adquiridos para a liberdade e para a civilisação moderna. Attribuir porém e agradecer essa acquisição liberal ao espirito do retrógrado e ferrenho ministro do sr. D. José I é cahir n'um contrasenso tão absurdo como seria agradecer a destruição de uma machina infernal ao artifice que a construia e em cujas mãos ella rebentou por um erro de fabrico.

A perfeição no modo consciente e raciocinado de eliminar do progresso a influencia jesuitica consistiria em destruir o jesuitismo mantendo pela tolerancia a independencia do jesuita. A prova manifesta de que o marquez de Pombal não tinha con-



sciencia alguma do serviço que contra sua vontade prestou á liberdade está no facto evidente de que, em vez de atacar os princípios da instituição que condemnava, elle não fez mais do que perseguir os homens que a serviam, expulsando-os do reino e sequestrando-lhes os bens, punindo-os e expoliando-os.

Os jesuitas foram-se, mas o jesuitismo ficou. Ficou encarnado e vigente na pessoa do proprio marquez de Pombal, o qual deante da liberdade não é mais do que um Loyola leigo, um Santo Ignacio de casaca de seda e espadim, um pouco mais limpo talvez, mas incomparavelmente menos grande do que o antigo, com menos piolhos mas com muito mais teias de aranha na cabeça.

Expulsor dos Jesuitas, o marquez de Pombal fez do jesuitismo secularizado todo o seu programma de poder.

Santo Ignacio tinha dicto: «Se me parecer que o meu superior me prescreve ordens em opposição com a minha consciencia, acreditarei n'elle, e não acreditarei em mim.» Na Constituição da ordem diz-se; «Pareceu-nos em Deus nosso Senhor que nenhuma disposição pode induzir obrigação de peccado mortal ou venial, a menos que o superior em nome de Jesus Christo ou em virtude de obediencia o não ordene.» Na *Medulla theologiae moralis* o

padre Busenbaum prescreve no tomo 4, capitulo v: *Quum finis est licitus, etiam media sunt licita.*

Todo o systema governativo de Pombal assenta na pratica d'esses principios definidos pela Companhia. Para elle todo o meio é licito quando lhe parece licito o fim, e, substituindo a invocação ecclesiastica de *Nosso Senhor Jesus Christo* pela fórmula civil de *El-Rey meu amo*, elle arvora a obediencia cega, irraciocinada, absolutamente bruta, em lei fundamental da nação, assim como era lei fundamental da Ordem.

A tão decantada reforma da instrucção publica não é mais do que uma das formas do jesuitismo applicado ao ensino.

A instrucção primaria, cultivada sobre a cartilha de Padre Mestre Ignacio, continuou como estava subordinada á Igreja. Os mestres eram obrigados ao receber os ordenados no fim de cada mez a exhibir certidão do parochy attestando que o professor tinha ido á missa com todos os seus alumnos nos domingos e festas de guarda.

Na instrucção superior a sciencia é escrupulosamente decilitrada pelo legislador a copinho por copinho, como a geropiga do saber abodegada no casco por conta do lavrador. Nem o alumno pode beber nem o mestre pode propinar senão precisamente a dóse e a qualidade de licor prescriptas no regula-



mento d'este monopolio. Os Estatutos da Universidade são uma especie de Estatutos da Companhia dos Vinhos do Alto Douro adstricta á cepa torta da intelligencia.

Qual era o vicio capital do ensino jesuitico? Era a subordinação do phenomeno ao dogma, era a sujeição da observação, do exame, da experiencia e do raciocinio ao arbitrio da auctoridade imposta.

O vicio organico da instrucção pombalina é precisamente o mesmo. Em toda essa legislação do ensino publico, o professor é seguido passo a passo atravez de todas as disciplinas que tem de leccionar. Elle não pode communicar uma só noção que préviamente lhe não houvesse sido suggerida pelo legislador. O mestre, segundo Pombal, é uma pura machina de moer artigos de programmas com corda dada pelo Estado para o exercicio de cada anno lectivo.

Que importa, para os resultados finaes de um tal modo de instruir, o maior ou menor numero de faculdades includidas nas academias, o maior ou menor numero de materias introduzidas nos programmas? Onde faltam os livres methodos experimentaes falta toda a especie de ordem positiva na coordenação das idéas, e diz o sr. Herbert Spencer que, quando não ha ordem na instrucção de um homem, quanto mais cousas elle souber tanto maior será a confusão do seu cerebro.

A instrucção de um povo não pode nunca ser aquilatada pelo numero dos bachareis formados que as ordens religiosas ou os institutos officiaes derramam em cada anno sobre a massa da população, para o fim de a explorarem pela chicana juridica ou de a embahirem pelo palavrão dogmatico ou metaphysico.

A verdadeira instrucção nacional tem por base a vulgarisação geral das idéas transmittidas pela maxima liberdade do pensamento, e tem por fim o emprego das faculdades intellectuaes de todos os cidadãos no exercicio dos seus direitos politicos e dos seus direitos civis.

Quando a instrucção publica assenta pelo contrario em um campo de doutrina arbitraria imposta por um legislador em nome de um regimen politico, de uma eschola philosophica ou de uma seita religiosa, ha uma cousa muito mais util do que ministrar essa instrucção, e é não ministrar instrucção nenhuma. A falsa instrucção é um veneno inoculado no homem. A simples ignorancia, pela sua parte, é uma das grandes forças do espirito. Se não fôsse a santa ignorancia, pura e convicta, que resistiu pelo bom senso ás differentes epidemias eruditas de cada seculo, a escholastica e a metaphysica teriam dado cabo da humanidade.

Concluindo pois, repetimos que o marquez de



Pombal, expulsando os jesuitas e reformando os estudos, não extinguiu o jesuitismo, secularisou-o apenas, deslocando-o da ordem religiosa para a ordem civil, arrebatando-o aos padres para o encabeçar nos agiotas, nos desembargadores, nos generaes e nos doutores de capello.

O jesuita é perfeitamente odioso e repulsivo pela acção sinistra que durante tresentos annos tem exercido sobre a immobilisação da intelligencia, sobre a depressão da dignidade do homem; mas o jesuita é pelo menos coherente e logico consigo mesmo; sabe nitidamente o que quer, tem perfeitamente correlacionados os seus meios com os seus fins, e vae ao seu destino preconcebido com uma exactidão geometrica, com uma firmeza implacavel; sem uma unica tergiversão de linha, sem um unico erro de calculo. O jesuita cae dentro dos seus proprios principios como na antiga tactica militar os generaes vencidos cahiam dentro do quadrado,— com todas as baionetas voltadas para o inimigo.

N'esta maneira de acabar ha um ar de grandeza que nos obriga a nós outros, revolucionarios vencedores n'este momento historico, a tirar o chapéo e a saudar a coherencia dos vencidos.

Os estadistas da monarchia absoluta, com as suas leis, os seus exercitos e os seus principes, morrem

feridos pelas suas proprias armas, morrem pela discordancia entre os fins propostos e os meios empregados, morrem por haver abraçado, em vez da taboa de salvação em que fluctuariam, o trambolho de chumbo que os afunde.

As catastrophes assim determinadas pela insufficiencia intellectual n'uma classe dirigente, tornam a derrota comica e a ruina grotesca.

O historiador sr. Henri Martin pergunta: «O que é que faltou á Companhia de Jesus para que ella conseguisse realisar os seus planos dictados pelo genio?» E o mesmo historiador responde: «Faltou-lhe a *rectidão*, faltou-lhe a *franqueza*, faltou-lhe o espirito verdadeiramente religioso, o qual unicamente podia restituir á natureza os seus direitos sem attentar contra as leis eternas do bem e da verdade.»

O marquez de Pombal, expulsor dos jesuitas e successor d'elles, cahiu por modo mais ridiculo mas por eguaes causas. O que faltou no plano pombalino, concebido, como temos obrigação de o acreditar, no intuito de accelerar o progresso e a prosperidade da patria, foi a *rectidão*, foi a *franqueza*, foi esse espirito de abnegação e de magnanimidade que na egreja se chama *religião* e na sociedade se chama *justiça*.

A sociedade portugueza refeita á bordoadada pelo despotismo pombalino offerece o aspecto servil e



vergonhoso de um Paraguay burguez, incondicionalmente aforado a uma burocracia tarimbeira, governada por um dos mais antipathicos mandões que ainda viu o mundo.

Solida natureza mesquinha mas atarracada, reforçada pelos quatro couros sobrepostos do merceeiro, do esbirro e do cabo de esquadra, Sebastião de Carvalho — feliz nome onomatopaico de que parece rever uma rigidez de cacete e uma espessura de baluarte — fez de Portugal á força de leis e de sentenças de açoite, de sequestro, de prisão, de degredo e de morte, um paiz de seminaristas e de recrutas, subserviente, medroso, imbecil.

Viu-se o que essa sociedade miseravel tinha dentro logo que por morte do dictador ella se julgou desaffrontada e começou a desabotoar-se ao sol.

O reinado de D. Maria I é toda a influencia pombalina virada com o de dentro para fora, e mostrando o miolo de que o reinado anterior fôra a casca.

Nunca a moral, a arte, o gôsto, os caracteres, os costumes attingiram um mais sordido rebaixamento.

Levantaram-se as calumnias mais torpes contra o ministro demittido e desgraçado, e uma alluvião de escriptos em prosa e em verso, da mais chilra insipidez, inundou as salas da aristocracia e da burguezia aristocratisada, onde as senhoras merendavam e rezavam a noyena aninhadas no chão, esconjurando

o Ante-christo desterrado em Pombal, entre as gragolas dos padres e dos bobos, n'uma atmospherá toureira e beata, cheirando a insenso, a estrume de cavallo, a ureia de batina e a ovos molles.

O marquez não deixara um só homem de pulso, um unico amigo fiel e generoso que o defendesse na adversidade. A monarchia a que elle submettera tudo, tornando-a absoluta, discrecionista e omnipotente, escorraçava-o e perseguia-o,—que é sempre assim que os reis pagam aos plebeus cuja força os assombra embora os mantenha e os sirva. O marquez de Pombal acabou como Colbert, o qual ao annunciarem-lhe, já moribundo, a visita de um enviado de Luiz XVI, recusou recebê-lo exclamando: «Não me deixará esse homem acabar de morrer em paz? Se eu tivesse feito por Deus metade do que fiz por elle, estaria certo, n'esta hora, da salvação da minha alma, e assim não sei o que será de mim.»

O governo pombalino, pelo terror que conseguiu inspirar e por meio do qual dobrou ao arbitrio do seu programma todas as energias nacionaes, produziu em ultimo resultado esta catastrophe enorme— a obediencia geral.

Toda a obediencia é uma diminuição de valor e de dignidade. Onde a liberdade existe não ha nunca obediencia, ha apenas accôrdo. A obediencia é dos fructos do despotismo o mais venenoso. O homem



que obedece avilta-se; o povo que obedece deprava-se e dissolve-se.

Os individuos que por occasião do centenario do marquez de Pombal se encarregaram de encarecer os louvores d'este estadista, não cessaram um momento de nos explicar que os actos d'elle se não podem julgar com justiça pelas nossas idéas de hoje, mas pelas idéas do seu tempo; e insistem n'isso de um modo proprio para fazer reear que, á força de procurarmos idéas antigas, tenhamos talvez, para ser justos, de julgar este personagem sem idéas nenhuma.

Se quizerem fazer o favor de nos conceder que Turgot foi um contemporaneo do marquez de Pombal — o que aliás a chronologia parece demonstrar com uma imparcialidade indiscutivel — nós permitir-nos-hemos contrapôr algumas idéas do ministro de Luiz XVI ás do ministro de D. José, e o leitor julgará d'essa breve approximação de factos se o estado geral das idéas no fim do seculo XVIII é sufficiente para explicar o atrazo das doutrinas economicas e dos principios moraes com que nos governou o marquez de Pombal.

Turgot não crê na acção das monarchias absolutas sobre a felicidade dos povos, e ao mesmo tempo em que Pombal eternisa pelo bronze da estatua equestre o despotismo de D. José, o ministro fran-

cez diz a Luiz XVI: *La cause du mal, sire, vient de ce que votre nation n'a pas de constitution.* Na mesma época em que o ministro de D. José mandava annullar por apocrypho o livro de Velasco de Gouveia, no qual se enunciava o principio da soberania nacional, e exauctorava o presidente do Desembargo do Paço, Ignacio Alvares da Silva, por que elle expozera a doutrina de que a lei civil em materia de casamento só podia ser alterada pelas côrtes da nação, Turgot instiga o herdeiro de Luiz o Grande, o Rei Sol, a reconhecer os direitos do povo firmando com elle o pacto constitucional.

Turgot punha acima da subserviencia aos thronos e da superstição dos altares a confiança no genio bemfazejo do homem. Foi n'essa convicção que elle escreveu sob um retrato de Franklin a epigraphe famosa, que sob o regimen pombalino o teria feito condemnar pelo Santo Officio ou pela Mesa Sensoria: *Eripuit cælo flumen sceptrumque tyrannis.*

A prosperidade nacional que Pombal procurou fundar no monopolio, na coerção e na tyrannia, procurou Turgot estabelecê-la na liberdade, *creando as municipalidades, separando a Igreja do Estado, decretando a liberdade da terra (1775) a liberdade da industria e do commercio (1776), a liberdade da razão (1777).*

Emquanto Pombal intentava cegamente firmar a



monarchia absoluta nos excessos de rigor que deviam contribuir para a aniquillar mais depressa, Turgot previa pela tolerancia tudo quanto podia tornar progressiva a acção da realza, poupando á humanidade os rios de sangue que ella havia de ter que derramar para chegar ao progresso apesar dos obstaculos que governos como o de Pombal lhe opuzeram.

Condorcet, que já citamos, diz na sua biographia de Turgot: «As leis que preparam as mudanças necessarias podem ser diferentes para os diferentes povos, porque são feitas contra abusos e contra abusões que não têm nem a mesma origem nem os mesmos effeitos; mas as leis que, em seguida a essas, estabelecem a ordem mais util á sociedade devem ser as mesmas, pois que devem ser fundadas sobre a natureza do homem.»

A differença capital entre o ministro de Luiz XVI e o de D. José I é essa: que a politica de um, fundando-se *no poder absoluto dos reis*, atrazava para muito tempo a liberdade do povo; a outra, fundando-se na *natureza do homem*, auxilia, quanto o pode auxiliar um estadista, o progresso moral da humanidade.

Voltaire, aos oitenta annos de idade, mo momento em que Paris o acclamava e o cobria de corôas no meio do maior triumpho de que ainda foi obje-

cto um homem de espirito, apeou-se em publico da sua carruagem forrada de setim azul e cravejada de estrellas de ouro, e dirigindo-se a Turgot perdido na multidão, cahiu de joelhos banhado em lagrimas aos pés d'elle, e disse-lhe: *Deixe-me ter a gloria de beijar a mão que assignou a salvação do povo.*

A mão do marquez de Pombal, cheirando a sangue como a de Lady Macbeth, envenenaria os beijos que lhe tocassem. Por isso elle triumphante não teve nunca, como Turgot vencido pela intriga de Maria Antoinette, a consagração augusta do livre espirito da humanidade representado por Voltaire. Teve apenas as honras de um centenario contradictorio celebrado em nome da liberdade pelos representantes de todos aquelles que elle opprimiu em nome do despotismo: pela industria que paralysoou deslocando-a da tradição historica e baseando-a em elementos exoticos e postiços; pelo commercio que entrou por meio dos monopolios; pela arte que abastardou tyrannizando-a pelo mais chato mau gosto; pela democracia que esmagou sob condemnações de açoite, de carcere, de deportação, de degredo e de morte; pela mocidade emfim, de cujas altas e desinteressadas aspirações elle foi a negação acintosa e brutal, porque o seu espirito de odio, de cavilação e de mentira, era um espirito organicamente velho,



marcado de nascença pelo vicio da senilidade ingênita.

Estamos cansados de ouvir dizer de todos os lados, por todos os oradores e por todos os articulistas da festa pombalina, que é absolutamente preciso, para nos pormos á altura de admirar com o devido respeito o vulto do marquez de Pombal, collocarmo'-nos no *devido ponto de vista*. Em desconto dos erros que tenhamos commettido, cumpre-nos declarar, terminando, que ignoramos completamente qual é o tal ponto de vista em que é necessario que a gente se colloque.

Para escrever estas linhas nós collocamo'-nos simplesmente n'uma cadeira, em frente do vulto e de um caderno de papel. Visto n'essa situação tranquilla, a ôlho desarmado e sereno, o unico effeito que nos fez o vulto, apparementado com o seu calção e meia, a sua grande casaca de seda, as suas fivelas, a sua luneta e o seu rabicho, foi o de se parecer com o dos chéchés. E é o que francamente te communicamos, na honrada sinceridade de bom homem para bom homem, ó leitor amigo.

Emquanto á estatua do reformador, em que se fala como complemento do centenario a cuja celebração acabamos de assistir, ella seria, se a fizessem, o monumento funebre elevado á morte da democracia e á do senso commum na sociedade por-

tugueza. Mas não a farão nunca. É já de mais a do Terreiro do Paço para consignar a estima d'este povo pelo charlatanismo dos seus tyrannos.

O rei D. José é absolutamente indigno de estar posto por meio de uma peanha não só acima do nivel mas á simples altura de qualquer cidadão honrado. Mero heroe das alcôvas dos outros, esse principe rufião está abaixo do proprio Luiz XV, de apodrecida memoria. Luiz XV teve um merecimento pelo menos no seu reinado, teve por amante a encantadora amiga de Diderot, Madame de Pompadour, a cuja ligação o rei de França deveu a honra de poder cear algumas vezes em *petit comité* com alguns dos homens de espirito que escreveram a *Encyclopedia*. D. José nunca exerceu o seu donjuanismo senão entre beatas insipidas, mais pobres ainda de talento que de pudor.

Quando chegar a hora da justiça não é a estatua do marquez de Pombal que se ha de erigir, é a de D. José que se ha de apear. No monumento do Terreiro do Paço o unico que merece continuar a contemplar Cacilhas é o cavallo. Cumpre rehabilitar na estima que se lhe deve o nobre e util animal, desaffrontando-o do cavalleiro, que nunca prestou para nada n'este mundo, e honrando-o em nome do trabalho honesto com o appenso de uma charrua



## V

As «corridas» do Campo Grande — Extraordinário successo de dandysmo!

Não assistimos, mas lêmos que esteve o *high-life*, o famoso *high-life*, com o qual temos sempre o infortunio de nos desencontrar.

Estamos todavia d'aqui a vê-lo, a imaginal-o, rico, elegante, bello, no Campo Grande, em volta do lago — o *high-life*...

A aristocracia nos seus *landeaux*, com enormes cocheiros gordos, de barrigas de pernas phenomenaes e bizarras.

A alta finança em carruagens de posta com os senhores na almofada, e os creados, recamados de galões de ouro, dentro da berlinda, immoveis, empoados, descobertos, com os tricornes na mão.

Os diplomatas, nedios, sorrindo na dôce bestialidade espirituosa de quem sente no paladar os succos perfumados de uma aza de codorniz *truffada*, repimpados em *daumonts*, com um *carvajal* nos beiços e uma marta zibelina debaixo dos pés.

A galanteria, com as suas representantes de cabellos de côr de manteiga e a pelle especial dos extranhos climas do *cold-cream*, da decocção indiana aromatica e tonica, e da balneação mucilagínosa do leite de morangos e de *ess-bouquet*, dentro dos seus *broughams* ou em pequeninos coupés de flecha e oito molas, levando ao lado no logar devoluto da carruagem um ramalhete de cem francos ou um microscopico *kings'charles*, descendente, aperfeiçoado em pequenez, da cadellinha que Henrique III trazia mettida na manga...

Depois os picadores, de librés verdes, os batedores de encarnado, os postilhões, as *victorias*, as *americanas* os *poney-chaises*... os *grooms* em finos cavallos inglezes, nervosos, descarnados, de olhos scintillantes e ventas altas, abertas, redondas, frementes. Os *sportmen* em *breaks* ou em *dog-cart*...

Sente-se o fluxo e o refluxo do grande luxo, a marésia da elegancia. Respira-se entre as arvores um ar empregnado de fina perfumaria, como n'um salão. Vae-se a passo por causa da agglomeração das carruagens e dos cavallos. De quando em quando succede mesmo que os cocheiros se empinam de repente para traz, e que se é obrigado a parar.

Ouve-se então o respirar dos cavallos, o ranger dos arreios e os finos dictos que partem do fundo dos *coupés*.



De carruagem para carruagem trocam-se as palavras que fazem estremecer, e encontram-se os olhares que fazem scismar.

Por baixo dos guardas-soes de seda branca mostram-se as cabeças loiras das mulheres, que estão de costas para nós, deixando vêr a nascença dos seus cabellos penteados para a nuca, tocados de sol, luminosos como fios de ambar. Cada mulher que passa traz consigo a excitação particular do seu genero de belleza. Umás reveem as finuras do amor moderno, calculado, scientifico. Outras inclinadas para traz, dormentes, languidas, obrigam a phantasiar as caricias orientaes.

As sedas, cingindo a curva do peito e cahindo em pregas quebradas de reflexos, as sedas da moda, de tons verdes aquaticos, dão ás mulheres esbeltas a côr das visões dos lagos, das heroínas das legendas druidicas e dos cantos de Ossian.

Sob a palpitação dos leques sentem-se estremecer no espaço correntes aerias de voluptuosidade indefinida.

Pela estreiteza das testas, pela espessura dos beiços, pela carne polpuda das pequenas orelhas, pelas frias expressões do olhar indagador e critico, percebe-se porém que essas delicadas creaturas que passam, ondulantes e harmoniosas como sereias, têm o bom gôsto pratico de preferirem aos suspiros de

Fingal e de outros bardos os camarotes na Opera, os fofos *coupés*, os quentes *cachemires*, e os finos jantares.

Pela qual razão vae cada um pensando vagamente em se lançar nas finanças, no jôgo dos fundos, nas grandes companhias, nos empréstimos ao governo, nos bancos, no dinheiro emfim, no vasto dinheiro, no profundo dinheiro illimitado...

E enquanto as carruagens esperam ou rodam em volta de nós, os cavalleiros passam, e as *toilettes* scintillam, a pobre natureza ao longe, nas collinas, parece envergonhada na sombra das suas arvores, na humildade dos seus limos e dos seus musgos, porque ella é verdade que tem os altos montes e os fundos mares, tem o Niagara e o Etna, mas não tem os braceletes de Sampère, as luvas de oito botões, e as rendas de Malines!

Tal é o perfil das «côrridas»; tal é o *high-life*.

Dizem as folhas que elle esteve no Campo Grande, e nós piamente o crêmos. — Pelo que, d'aqui enviamos os nossos parabens ao *Collete Encarnado*.

Não se inscreveram no Derby lisbonense os Hamilton, nem os Lagrange, nem os Rothschild, nem os Mouchy, nem os Dudley Stuart. Inscreveram-se apenas, com os seus trens, o João Russo e o Chico Perfeito, cocheiros da praça... *Alea jacta est!*



Elles partem nos seus fiacres, ao trote. — *Mont-joie et Saint-Denis!*

O Russo venceu o Chico com a distancia do comprimento de uma pileca. *Hurrah!*

Muito devemos esperar, para a civilisação e para o dandysmo, da boa estreia d'estes hippicos torneios, especialmente destinados a apurarem em Portugal a famosa, a incomparavel, a unica raça — das tipoias!

Parabens a todo o *Sport* europeu, e ao nosso defuncto Lagoia!

Abril 1873.

## VI

Hontem no theatro de D. Maria — primeira representação da *Magdalena*, especie de *Dalila*, de Octave Feuillet, localisada entre o Arco do Bandeira e o da Rua Augusta, como presente malicioso de Pinheiro Chagas ás curiosidades do *chic*, na Baixa.

N'este drama ha tres typos dominantes, que consideramos outros tantos — symptomas sociaes.

*O amante*—Um Hamlet de aldeia, um Conrado, um Cavalleiro Negro—de Figueiró dos Vinhos. Dandy melancholico, como um Satanaz em uso de figados de bacalhau. Um Alcibiades quebrado. Um pallido cherubim portador de uma paixão e de uma ténia. Typo lamartineano, o anjo caturra da velha ode, a personalisação do antigo amor lyrico.

*A noiva*—Menina educada no convento. Creada com dôces de freiras e com livros de versos. Organisação de ovos de fio e de romances baratos. Amor e dispepsia. Pouco cerebro e muita cuiã. Não faz saborosos coscorões, não deita alvas teias de linho nem gordas ninhadas de perús, como sua mãe, casta e sábia Penelope. Ella corta a serena tradição burgueza e rural da familia. Despreza com ascos as conservas do lombo de porco em vinho e alhos. Cultiva a orthographia e a arte poetica com mais desvelo mas menos proveito que o tirado pelos seus do cultivo modesto das alfices, das finas hervas, dos primores horticulas. Não ama finalmente senão uma cousa—o talento!... Pobre rapariga! desditosa burgueza! que esteril e que perigosa idolatria a tua! *O talento!... a divina inspiração!... o supremo encanto!...* Coitada! se acreditas n'isso, estás perdida. A tua imaginação doente entregar-te ha submissa, humilhada, ridicula, ao primeiro noticiaria de *soirées* que te appareça, á primeira *bas-*



*bleu* que te escreva cartas, ou á primeira actriz que te dê um beijo. O talento!... Mas não ha nada verdadeiramente respeitavel senão o trabalho, a abnegação, a perseverança, a força e o sacrificio. O talento é uma simples fanfarronada. O talento é uma invenção dos mandriões e dos bohemios para substituirem o estudo, o trabalho, a *toilette* e a roupa branca. O talento é um falso titulo clandestino de apresentação, fabricado por aquelles que não têm titulos legitimos para que a sociedade os receba e os respeite. O talento finalmente é o seguinte typo d'esta peça.

*A amante do noivo* — Uma actriz, que foi educada no convento com a noiva e que, passados annos, a noiva recebe em sua casa com reconhecimento, com adoração, com enthusiasmo, apesar da actriz não ser senão uma *cocotte*, uma artista *aux camelias*; grande genio de *petit-lieu*; celebridade baptisada com Champagne barato, em gabinetes reservados de segunda ordem. Um martyrio, se quizerem, mas um martyrio que exige um bracelete e uma nota do banco para se estender na sua cruz. Uma paixão, se isso lhes apraz, mas uma paixão Rigolboche, que adopta a arte como canalisação da patuscada; que pede talvez uma mortalha, mas talhada pela Aline e paga pelos parceiros. Caso commum de magdalenismo penetrado do peccado moderno, barato, para

84

todo o mundo, cheirando aos sitios publicos, ao cigarro, á cerveja azêda e ao gaz extravazado.

*O drama.* O noivo acha que *Tant-de-charmes*, é mil vezes mais interessante do que *La vertu-même*. Portanto o noivo abandona a noiva virtuosa e corre atraz da impudica amante. A burgueza abondonada vae então chorar aos pés da comica. Esta resolve devolver-lhe o noivo, com tanto mais vontade quanto é certo que o noivo é a semsaboria toda d'este mundo na figura insignificante de um provincia-no piegas, em primeira mão de conquista, que desmaia de puro amor, ao declarar a sua chamma, — de sorte que é preciso gastar tanto com elle em sal ammoniaco para lhe restituir os sentidos quanto elle gasta em rhetorica para os fazer perder aos outros.

O noivo pois regressa para a noiva. A actriz faz uma phrase. E o panno cae.

Ha n'esta peça uma personagem secundaria, sem accção nenhuma no enredo e no desenlace, para a qual nos parece um bom serviço á moral o chamar a attenção do publico. É uma burgueza que apparece no segundo acto em casa da noiva, onde está hospedada a actriz. Essa pessoa, de notavel juizo, que diz cousas justas a respeito das creadas e dos arranjos de casa, apenas sabe que ha na reunião



para que a convidaram uma mulher cujos appellidos e cujos diamantes não se sabe d'onde procedem, toma sem mais cogitações o braço de seu marido, de-seja á dona da casa o juizo que lhe falta, e retira-se em pleno escandalo.

O publico ri, e tanto na scena como na sala é um pouco apupada esta *ménagère*, que se declara abertamente incompativel, dentro do mesmo recinto e debaixo dos mesmos tectos, com uma actriz *cocotte*.

Pois bem: é essa mulher que se vae embora — notae-o bem, minhas queridas burguezas! — é essa mulher que se vae embora, a que ahi, deante de vós, está dando o unico exemplo que deveis seguir. Todas as demais pessoas d'esta peça têm o lyris-mo, a eloquencia, a convenção litteraria; só esta é que inteiramente possui a verdade.

O que todas vós tendes que fazer perante a concorrencia e o cotejo a que vos queiram sujeitar com as mulheres artistas, celebridades no mundo ou no *demi-monde*, é tomardes o braço dos vossos maridos e irdes para vossas casas.

Os maridos portuguezes estão péssimamente educados; foram creados com as operas de Verdi, com os romances de G. Sand, com as poesias de Musset; têm o systema nervoso exaltado, a imaginação plethorica, o temperamento irritado, e o juizo das cousas praticas derrancado ou extincto.

As creaturas artificiaes, morbidas, irritantes pelos poderosos contrastes do desvergonhamento da alma e das finas delicadezas da pelle, serão sempre as que dominarão esses homens. Ellas têm um prestigio de vicios triumphantes, de elegantes indolencias, de altos desdêns, de serenas voluptuosidades perennes, com que vós, mulheres honestas, dignas, impeccaveis, não podereis nunca lutar.

Os homens educados pela sociedade, por si proprios, e em grande parte por vós mesmas, minhas senhoras, nas corrupções litterarias e poeticas, nos falsos ideaes epidemicos do sentimentalismo, da melancholia, da paixão, dos amores fataes, os homens assim educados, quando lhes accorda o temperamento e a imaginação, começam — por enjoar a virtude.

Não queiraes reagir. Vêde bem! A lucta humilha-vos e deshonra-vos. Evitae-a. O espirituoso drama do nosso amigo Pinheiro Chagas é um grande aviso, maior talvez do que o auctor suppunha: As *Magdalenas* não sobem as escadas das casas em que ha mulheres honestas.

E então os direitos do talento? E as rehabilitações pelo amor?...

Oh! meus senhores, mas desde 1830 que os romancistas e os dramaturgos pouco mais têm feito



do que procurar convencer a sociedade d'esses direitos e d'essas rehabilitações, ao passo que a sociedade tem constantemente e invariavelmente refutado sempre os romancistas e os dramaturgos!

Não lhes parece que vae sendo tempo de darmos a velha questão por discutida?...

Não! não é para que nos tragam o premio da austeridade e da virtude! Não somos nós os que fugimos para a Thebaida, a flagellar o nosso pobre corpo, ao aspecto das peccadoras espirituosas a cujos pés passou a sua vida, em extase, a geração litteraria que nos precedeu. Sómente, para que levemos a essas damas a visita da arte, achamos de bom gosto deixar arejar um pouco os tapetes em que estiveram por tanto tempo prostrados os nossos antecessores.

## VII

Chegamos do palacio das Janellas Verdes. Vimos de assistir ao leilão do espolio de sua majestade a imperatriz, ultimamente fallecida.

Grandes salões enormes, altos, quadrados, angulosos,—á marquez de Pombal.

Nas salas de honra, estôfos de damasco e moveis do Primeiro Imperio, no estylo chato, *parvenu*, pretencioso, mas rico, do seculo de Bonaparte, esse Luiz XIV de caserna.

Mesas, sofás, tremós, de formas rectangulares, riscados pela régua, guarnecidos de columnas paralelas, de capiteis de bronze.—O que quer que seja de fortaleza, de baluarte, de ariete, de escudo, e de templo do genio!

As guarnições de chaminé, as taças, os candela-bros, os lustres — tudo bronze, massiço, pesado.

As pendulas douradas são rematadas pela aguiá imperial ou por assumptos de fria inspiração bucolica bebida com assucar e agua de flôr de laranja na contrafeita natureza dos parques de Versailles delineados a cordel.

Uma multidão compacta, plebeia, suada, conservando os chapéos na cabeça e os cigarros nos beiços, cuspindo nas alcatifas, limpando com o dedo molhado em saliva o pó das telas e das estatuetas, ou apoiando a sola da bota nas almofadas das poltronas para tomar notas sobre o joelho, enche os salões e vae deitando os lanços.

O pregoeiro — *Uma mesa offerecida pelo imperador Napoleão I, o grande!*



Um adelo — *Ponha lá uma libra por ter sido d'esse sujeito... e, enfim, porque é de mosaico!*

Os licitantes animam-se, os preços sobem, os objectos em praça são rapidamente adjudicados ao maior lanço, e tudo quanto enchia aquellas régias salas vae successivamente passando para o povo que as invade.

Não era sómente um leilão aquillo, era uma liquidação prompta e solemne dos ultimos restos de um imperio extinto, de um cesarismo arruinado e falido, de um mundo inteiramente acabado e desfeito. — Extranho espectáculo, de tal modo significativo que é quasi doloroso!

Passa-se aos aposentos particulares da imperatriz.

Lá fora, nos salões, revelava-se uma época poderosa.

Aqui transparece apenas uma individualidade feminina, delicada e modesta.

N'estes quartos em que a viuva de D. Pedro IV se conservou por tantos annos recolhida e occulta n'uma clausura inviolavel, sente-se perfeitamente a sua personalidade em todos os detalhes da existencia. Nenhum aspecto de luxo, de pretensão ou de apparatus. O chão é coberto com simples esteiras; todos os cortinados são de cassa branca, e todos os

estôfos de chita, em pequenos ramos de flôres sobre fundos pallidos. Os aposentos estão cheios de étâgères de todas as formas, com todas as disposições. Pequenas bibliothecas e pequenos armarios, dispostos por toda a parte. Uma infinidade de mesinhas de escripta, de leitura, de costura ou de bordado. Cadeiras de todos os formatos e das mais diversas proporções, sem nenhum estylo, sem genero artistico, sem época, sem o minimo labor, sem concessão alguma á elegancia ou á simetria,—uma visivel exigencia da vida sedentaria e doente, a necessidade physica de mudar a todo o momento de posição, para deslocar a sua dôr, para motivar o seu pequeno exercicio e povoar por si mesma, com as suas diversas attitudes, a sua solidão. Defronte das janellas ha pequenos biombos de chita franzida para impedir as correntes de ar, formando uma especie de kiosques, subdivisões minimas de abrigo e de recolhimento. Ha muitas estantes de leitura, mesas de desenho ao crayon ou á aguarella, e uma caixa cheia de lapis aparados, de diversas côres e de differentes numeros. Uma grande secretária, larga, pesada, lisa, e defronte d'ella uma enorme poltrona ingleza, estofada de carneira escura, usada, tendo aos pés uma almofada esfarpada e gasta. Era a cadeira em que a imperatriz se sentava ordinariamente, e que se vê em todos os seus ultimos retratos. Sobre uma



mesa apparece um crucifixo, antigo, marchetado, trazido de Jesuralem, deante do qual, por muitas vezes, decerto, se ajoelhou a soberana. Ao lado d'esta sagrada imagem, e como diversão á gravidade do seu dolorido e pallido aspecto, encontrámos dentro de uma caixa aberta um instrumento de uso demasiadamente intimo de sua majestade, o qual objecto suppunhamos que não era licito expôr em publico senão como accessorio da scena triumphal do ultimo acto do *Malade Imaginaire*, ou como vinhetta illustrativa nas obras de Avicenna, ao lado do aphorismo *Medicamen clister nobile est*.

E aqui suscita-se-nos o meditar, deante d'este estorjo aberto, quaes serão os principios politicos de suas excellencias os executores testamentarios da fallecida soberana

Porque, realmente, não nos occorre como os posamos classificar...

Se são republicanos, democratas, socialistas, suas excellencias deveriam saber que nunca se abrem as caixas reservadas da *toilette* de uma senhora.

Se são monarchicos, deveriam comprehender que n'estes tempos de discussão implacavel é perigoso para o prestigio das testas coroadas denunciar aos povos, por via de uma imprudencia de suas excellencias, que se os soberanos que os governam estão por um lado tanto acima d'elles pelo direito divino,

não são por outro lado mais que seus simples eguaes pelo direito da therapeutica; e que finalmente pode ser um novo e terrivel argumento inesperado em favor da egualdade dos homens — a constipação intestinal dos principes!

O pregoeiro do leilão é acompanhado pelo sr. barão de S. George, consul da Suecia e representante de sua majestade a rainha, irmã da imperatriz falecida.

O sr. consul faz a historia de alguns objectos postos em praça, garante a sua authenticidade historica, e encarece com tocantes discursos o valor de cada cousa.

S. ex.<sup>a</sup> o sr. barão, delegado de sua majestade a rainha da Suecia, em beneficio da qual se faz a venda em hasta publica do espolio de sua irmã, attesta-nos que tal cama é a mesma em que dormia na sua tão breve mocidade sua alteza serenissima a princeza do Brazil; tal chavena, aquella por que sua majestade bebia os seus remedios; taes bonecos, os mesmos com que a infeliz infanta D. Amelia brincava em pequenina, e que sua mãe conservava como um piedoso penhor de saudade!

Graças a todos estes preciosos esclarecimentos, amavelmente dados por s. ex.<sup>a</sup> o consul á multidão



dos licitantes, dos adelos, dos ferros-velhos e dos cabeças de pau, sua majestade a rainha da Suecia terá a dôce consolação — tão sensível ás almas sublimes — de receber duzentas libras a maior da somma em que haviam sido avaliados os saudosos e queridos despojos d'aquella que duas vezes fôra na terra sua irmã — como mulher e como rainha !

Oh ! como deverá ser bom e suave, na ultima estação da vida, quando os rheumatismos rangem nas frias articulações da nossa velha ossada, embrulhar-mo'-nos trémulos na purpura real, no alto do nosso throno, — tendo aos nossos pés os nossos vassallos inclinados e a nossa cova aberta, — fitar serenamente no espaço a branca apparição d'aquella que amamos e que nos espera entre as estrellas nas esfumadas sombras do crepusculo, e podermos então exclamar em nossa consciencia :

«Sim, ella morreu... mas abençoado sejas tu, nas alturas infinitas, ó Deus meu e dos meus exercitos, pois quizestes permitir que aquelle objecto que lhe pertenceu, e que ella tinha occulto por detrás de uma cortina no seu quarto de lavatorio, fôsse venturosamente arrematado — por tres mil e seiscentos!»

## VIII

O sr. marquez de Vallada mandou correr este mez os reposteiros brazonados dos seus salões para inaugurar as soirées elegantes do presente inverno com um jantar *prié*.

Assistiram todos os membros do gabinete e varios outros personagens illustres na politica e na burocracia.

Sentia-se apenas uma falta n'essa reunião selecta: a ausencia absoluta de senhoras no palacio do nobre fidalgo. Bem sabemos que um jantar não é precisamente como uma valsa para a qual a gente não ha de ir convidar a lagosta, nem dançar com o Perú. Mas mesmo para o que é comer não basta apenas a comida. O sr. marquez sabe a este respeito a opinião de Savarin: o bruto pasta, o homem come, só o homem de espirito é que sabe jantar. Ora uma duzia de barbatolas postos a mascar trufas uns deante dos outros em volta de uma mesa não nos parece que dêem o espectaculo da espiritualidade mais fina. É preciso que concorram



tambem as senhoras, com a *toilette*, com a fina pelle, com os perfumes, com as rendas, com as perolas, com as frescas risadas crystallinas, com os agudos dictos penetrantes, com a elevação finalmente, com a idealidade, com o espirito.

Atravessar a gente por entre duas filas de creados gordos e graves como embaixadores, indo por baixo dos lustres, pisando um tapete espesso, dando o braço a alguém, ou seguindo mesmo, atraz, sósinho, na turba dos obscuros, com a claque debaixo do braço; entrar na sala de jantar, tépida, fulgurante de luz; contemplar a mesa de um aspecto tropical pela natureza das fructas e pela forma das flôres trasvazadas do plateau, procurarmos o nosso nome nos bilhetes que estão em cima dos guardanapos; sentarmo'-nos ao dôce murmurio dos vestidos que se enfôfam ao nosso lado e dos talheres que telintam; desdobrar nos joelhos um amplo guardanapo, frio, lustroso e pesado, de linho de Irlanda; aconchegarmo'-nos, unirmos os cotovellos ao corpo e inclinarmo'-nos sobre o prato; metter na bôcca a primeira colhér de sopa; sentir estalar e derreter no dente o primeiro rabiolo, escorrendo no paladar o acre succo dos espinafres, em quanto a nossa vizinha da esquerda mette a sua luva enrolada no copo do Madeira, e a nossa vizinha da direita morde atre-

90

vidamente no pão deixando-nos vêr de lado todos os seus pequeninos dentes mais lindos que as suas perolas... isto é realmente acharmo'-nos n'um dos momentos mais augustos que a civilização concede ao homem em paga dos sacrificios, que elle lhe tem feito nos esmeros da educação e na alta cultura do espirito. É então que as mulheres, sómente as mulheres — ellas que vivem na graça e no mimo como os solitarios vivem no egoismo e no tédio — desenvolvem o talento especial de fazer romper os alados assumptos ligeiros e subtis, em tórno dos quaes adejam as conversações, as phantasias, as réplicas, os repentes, como douradas abelhas famintas sobre um ramo de rosas.

Se n'esses momentos os homens se acham sós, ou caem na bestialidade indolente e calada dos deuses de Epicuro, ou discutem, questionam, falam alto, gritam, põem os cotovellos na mesa, fazem gestos, fazem bolas de pão, dão estalos com a lingua, limpam as unhas, e quebram palitos nos dedos — o que ha mais implicative dos nervos e mais offensivo do gôsto!

Consta-nos que pelas razões referidas o jantar do sr. marquez tocou um pouco no tetrico. O silencio era a principio tão solemne que apenas se ouvia confusamente o ruido da maioria parlamentar engo-



lindo pelo esophago do ministerio e a ordem e a guarda municipal mastigando pela bôcca do sr. barão do Zezere. Tinha-se o ar de se estar n'uma sessão deliberativa e não n'uma festa; parece até que o sr. marquez de Avila, o illustre parlamentar, dirigindo-se a um creado, se mostrara gravemente preocupado ao ponto de que, sendo a sua intenção pedir-lhe Sauterne, lhe pedira a palavra.

Por fim parece que o dono da casa usara da fala para expôr o objecto d'aquella reunião, o qual, segundo referem os jornaes, foi :

*Affirmar a adhesão do sr. marquez à monarchia.*

Achamos extremamente louvavel e digno de ser imitado por todos os fidalgos portuguezes o exemplo dado pelo sr. marquez de se sacrificarem pelo throno ao ponto de não hesitarem um momento, para o salvar, em irem... para a mesa!

Os vossos avôs, quando queriam dedicar-se ao esplendor da corôa iam bater-se em Arzilla, em Ormuz, em Ceuta, em Tanger, descobriam terras, venciam batalhas, conquistavam reinos.

Quereis provar-nos que ainda guardaes nos vossos archivos as antigas cartas do roteiro dos mares? Que ainda tendes nas vossas panoplias as duras armaduras e as famosas lanças dos vossos maiores?

Muito bem! Visto que não podeis refazer o que está já feito por elles, começae pelo menos a realizar o que elles tantas vezes omittiram: jantae!

E a corôa verá, pela maneira como vos mostrardes aptos para comer, quanto sois capazes de amar.

Assim como o Castro forte dizia que por cada pedra da fortaleza de Diu elle daria um filho, mostrae vós que por cada perna de Perú trufado sereis capazes de dar um avô. E o soberano, jubiloso e grato, contemplando por cima da gloriosa terrina da historia contemporanea, os feitos volorosos dos vossos garfos invenciveis, apreciará os vossos titulos de immortalidade, discriminando, no ardor e na confusão das refregas, os que se lhe dedicam até ao pato com arroz, os que o estremeceem até ao frango com hervilhas, os que o idolatram até ás salchichas com couve lombarda!

Mas por Deus, meus senhores, consenti que vol-o repitamos: Não excluaes dos agapes patrioticos com que preparaes a entranha para a communhão monarchica, o dôce elemento feminino, o melhor encanto do triumpho, o mais alto premio do heroismo, o mais precioso complemento da gloria! Se a promiscuidade dos sexos insuperavelmente vos repugna, que alguns de vós pelo menos se sacrifiquem ás conveniencias da arte, ás prescripções do bello,



e salvem sequer as apparencias—vestindo-se de mulheres!

Animo, senhores commandantes dos corpos! animo, senhores ministros de Estado! É por ellas, que vós pedimos isto, pelas que tiveram sempre o seu logar nas gloriosas tradições dynasticas! Lembrae-vos d'ellas, e consenti em decotardes os vossos hombros! Elanguescei, meus senhores, reclinae meigamente as frontes, cerrae levemente as palpebras, agitae um pouco os vossos leques, dae suspiros, ponde tacões de setim escarlata, vinde de cuia! e, sobretudo — não o esqueçaes — trazei *tournaire*... Que vos custa trazer *tournaire*? Uma cousa tão facil, que se traz como as patronas!

É pelo throno, pelo mesmo throno de que vos declaraes adeptos, que vos supplicamos isto! é pelas vossas excelsas e augustas soberanas, não representadas no vosso banquete... Em nome de Mecia Lopes, meus senhores! Em nome de D. Urraca!

## IX

A qualidade mais verdadeiramente sympathica da população lisbonense é a estima dos seus habitantes por todos os animaes domesticos. Em nenhuma outra cidade da Europa ha mais cães e mais gatos, gordos e nedios, sustentados pela dedicação publica. A Sociedade Protectora dos Animaes, ultimamente instituida, parece ter em vista contestar a existencia d'esta virtude.

É certo que um ou outro cavallo carreia pelas calçadas pesos um quasi nada superiores ás suas poses, mas isto é o effeito de uma lei geral, que uma corporação particular não tem poderes para derrogar :

*Em Lisboa a somma total dos pesos é extremamente superior á somma total das forças.*

Que quer a Sociedade Protectora que se lhe faça?



Os empregados publicos, com mães, irmãs, mulheres e filhos, têm 800~~000~~ réis de pêsso que puxar, e 300~~000~~ réis de força que exercer.

Os estomagos reclamam, para poderem com o jôgo do machinismo humano, dois kilos, e recebem apenas—meio arratel de alimento.

Na sciencia sobre cada gramma de habilitação pesa uma tonelada de responsabilidade.

Na litteratura uma idéa com fôlego para um quarto de papel e para um quarto de hora guinda, durante quinze dias, a prosa reunida e compacta da imprensa inteira.

Na economia publica sobre cada débil cifra de receita escarrancham-se 200 contos de despesa.

Na economia domestica ha um fiozinho de 10 réis para içar á altura das mandibulas de cada um as costelletas de dois tostões de pêsso. E n'este mesmo momento em que escrevo, pela meia noite, com os pés ao fogão, a geada escorrendo pelas janellas, creiam, meus senhores, que ténues paletots — inventados para 25<sup>o</sup> Reaumur por uma sociedade protectora das lãs dos carneiros—estão voando pelo Chiodo abaixo, batidos por um frio que os obriga a procurarem refugiar-se dentro dos rins de quem os leva ás costas, a elles—e aos pleurizes.

N'este desequilibrio geral entre a força e o movimento, entre os deveres e as responsabilidades, en-

tre as posses e as precisões, quaes são os animaes excepcionalmente opprimidos que a Sociedade emprehende proteger?

No mesmo dia em que o *Diario de Noticias* annunciava que a Sociedade se tinha instituido, contava o *Diario Illustrado* que nas ruas do Porto tinha morrido um preto — de fome.

N'esse mesmo dia, no tribunal da Boa Hora, soffria a pena de tres mezes de cadeia um sujeito accusado de ter dado tres facadas, o que — equivalendo a um mez de prisão por cada facada —, nos parece garantia extremamente insufficiente para a tranquillidade dos ventres indefesos que transitam na cidade.

Pela parte que pessoalmente nos toca, devemos communicar á Sociedade Protectora dos Animaes:

Que nunca mordemos nos cães, e que já dois cães nos morderam. Que nunca demos coices nos cavallos nem os atirámos ao chão, e que já um cavallo nos atirou ao chão e nos deu coices. Que nunca nos aproveitamos do somno dos bois para lhes ir comer o lombo enquanto elles dormiam, e que ainda no ultimo verão, nas estalagens da Beira e do Minho, nos achamos convertidos em casa de jantar de percevejos, não sendo aquillo que hoje existe de nós mais do que uns tristes restos de banquete, ar-



rojados á face da litteratura amena pelos convivas saciados da iguaria que escreve estas regras.

Parece-nos pois que n'um paiz onde as camas das estalagens são um covil de cannibaes; onde os cães mordem, e os cavallo atiram; onde o jury tolera as facadas, comtanto que não seja elle que as leve mas sim o jury que o precedeu ou o que se lhe ha de seguir; onde as idéas faltam tanto nos cerebros como os bifes nos estomagos; onde se morre ainda de miseria; onde o numero dos suicidios tem ultimamente attingido uma cifra aterradora,—o animal que mais precisa de protecção, isto é—de principios, de carne e de panno piloto,—é o homem.

Emquanto aos irracionaes, elles são apenas objecto de dois espectaculos barbaros. Um é o *Tiro aos pombos*, o outro é a *Matança dos porcos*.

O tiro aos pombos é mantido por uma sociedade figadalmente opposta á Sociedade Protectora dos Animaes. Esperamos da justiça divina que estas duas sociedades um dia se encontrem—e se devorem.

A matança dos porcos faz-se em todas as ruas de Lisboa, nos bairros mais habitados, no primeiro páteo, no primeiro quintal disponivel, á vista das mulheres, das creanças, da população inteira. Impugna-se a toirada hispanhola, a morte do boi ou do ca-

vallo nos combates do curro, como offensiva da delicadeza e da brandura dos costumes nacionaes. O espectaculo da morte do porco é muito mais cruel, porque o porco não combate, não tem defesa e tem uma voz aguda, lamentavel, dolorida. Tres homens amarram-o, atam-o a um poste, cravam-lhe uma faca. O sangue corre em jôrro e suffoca a voz do animal. Faz-se então uma fogueira e o desgraçado bruto, arquejante acaba de morrer—queimado.

A Sociedade Protectora dos Animaes podia fazer alguma cousa para remedio d'este mal. Lembraria por exemplo, que ella fizesse—um matadouro. Mas esta idéa vae talvez offender a delicadeza da sociedade... N'esse caso que francamente ella o diga; e chamaremos—um pedreiro.

## X

Referem se os jornaes d'este mez a algumas dadas trocadas entre varios personagens.

O sr. infante D. Augusto traz do estrangeiro para seu augusto pae,—um veado.



O sr. Fontes Pereira de Mello, presidente do conselho de ministros, obtem para o sr. marquez d'Avila a grã-cruz da ordem dos Seraphins, distincção honorifica em virtude da qual o agraciado adquire um direito e contrae um dever: o direito de tratar por tu o rei da Suecia e o dever de defender a religião protestante.

Um actor do theatro das Variedades pinta uma paizagem da Suissa e offerece-a á sr.<sup>a</sup> condessa de Edla.

Um musico faz uma mazurka sentimental, intitula-a ternamente *Á toi*, e consagra-a — ao sr. Gaspar, mestre da musica de Infanteria 5.

Estado dos espiritos correspondente aos sentimentos que os referidos factos denunciam:

A majestade preoccupa-se do papel que pode ter o veado na vida correlativa dos povos. O couro d'esse interessante quadrupede presta-se ao fabrico de dois ou tres pares de botas; dos appendices da sua fronte podem-se extriar quatro castões de bengalas e um cabide; com a sua carne ensaccada obtem-se optimo paio. Um grande e poderoso principe vive immerso em ininterruptas cogitações, prescrutando, de dia em pensamentos, de noite em sonhos, os dados formidaveis d'esse problema tão complexo

—o veado. Se tal principe existe na historia, quer a lei da harmonia universal que junto d'esse principe cogitativo exista outro principe em egual maneira dadivoso, e que aquillo que o primeiro medita, o segundo o ponha em obra. Não, augusto sonhador! o veado não é talvez uma enganadora miragem, não é uma risonha mas falaz chimera! O veado em que tu meditas, o veado que te absorve, o veado que é o teu *dadá*, existe talvez sobre a face do orbe! E n'isto o feroso principe parte, correndo mundo, á procura do veado, como em busca do vello de ouro, levando em uma das mãos a espada coruscante, na outra o ramo da oliveira, atraz um homem com o bahú. O principe volta, o principe chega, e o *Diario de Noticias* affirma que o principe trouxe o veado!

Que mais podes tu imaginar, ó phantasia, ó estasis, ó ambição?! Imaginas ainda outro veado?!... Dize-o se tal é, e dá cá tres libras para elle, que se te vae buscar.

O sr. marquez d'Avila, o mais honrado cidadão e o mais convicto catholico apostolico romano, acceita uma cruz protestante. Israelitas, por outro lado, acceitam e solicitam a cruz de Christo. Protestantes põem ao peito a commenda de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa. Um celebre



poeta portuguez reunia a ordem de Malta e uma commenda de Constantinopola. «Se Malta fôr um dia cercada pelos turcos, dizia elle, eu ataco-a por fora e defendo-a por dentro.» Qual é o homem do mundo moderno que não sente em si esta dualidade de opinião? Quem é que, no estado actual das instituições, as não defende um pouco por fora e as não ataca um pouco por dentro? Significativos factos da tolerancia religiosa! Symptoma profundo da geral indifferença nas materias da Igreja!

O artista das Variedades reproduz a paizagem de uma região, que nunca viu, e offerece-a a uma senhora, que nunca conheceu.

É o somnambulismo na arte.

O auctor da mazurka dá-lhe a consagração mais terna, a mais amante, a mais recatada na paixão e no mysterio. Um pagem, poeta e namorado, não faria melhor pela sua rainha amante e amada. E todavia a mão fina, perfumada, aristocratica, cujas unhas, rosadas e lustrosas como pequeninas e esguias conchas do Mar do Sul, elle daria a vida para poder beijar, trémulo de commoção, n'uma volta de valsa, ao clarão da lua, no turbilhão do baile, n'um terraço veneziano, essa gentil e mysteriosa mão adorada é simplesmente a grossa mão vermelha, túmida de frieiras, inficionada de tabaco e de aze-

bre, que dedilha á frente do regimento, nas revistas, os pistons de uma corneta!

É o somnambulismo no sentimento.

Nunca em sociedade alguma idéas tão confusas foram reveladas por actos tão nitidos.

## XI

Estamos no anno de 1800, — no limiar do presente seculo.

O antigo regimen acabãra seis annos antes despeçado pela Revolução Franceza.

As bases do novo systema social estavam lançadas pela philosophia e pela litteratura que levantou durante o seculo xviii todos os problemas da sciencia e todas as curiosidades do espirito.

O profundo estudo das mathematicas e das sciencias physicas e naturaes havia dado ao homem em criterio novo para os phenomenos do Universo.

O espirito da observação e da analyse experimental imprimira uma face nova ás idéas na religião, na moral, e na politica.



O contôrno geral da physionomia scientifica do seculo XIX estava definitivamente traçado.

Abertas pelos grandes sabios do seculo passado, — pelos seus astrônomos, pelos seus chimicos, pelos physiologistas, pelos seus portentosos encyclopedistas, — as portas principaes da sciencia, o mundo ia entrar finalmente nos vastos dominios modernos; no direito e na liberdade.

Em Portugal, o seculo a todos os respeitos novo, — o millenio —, que assim se lhe podia chamar —, era aberto por mão da monarchia com chave de ouro.

Do fundo embiocado do palacio de Queluz, o governo do sr. D. João VI fazia transpôr os mares, circumdar o globo de um ao outro hemispherio, o seguinte pregão:

«Para D. Francisco de Sousa Coutinho, governador e capitão-general do Grão-Pará — O Principe Régente Nosso Senhor manda participar a V. S.<sup>a</sup> que na *Gezeta da Colonia* do primeiro de abril do presente anno se publicou, que *um tal barão de Humboldt*, natural de Berlim, havia viajado pelo interior da America, tendo mandado algumas observações geographicas dos paizes, por onde tem decorrido, as quaes serviram para corrigir alguns defeitos dos mappas e cartas topographicas, tendo

feito uma collecção de 1:500 plantas novas, determinando-se a seguir suas viagens pelas partes septentrionaes da capitania do Maranhão afim de examinar regiões desertas e desconhecidas até ágora a todos os naturalistas; e porque *em tão criticas circumstancias e no estado actual das cousas*, se faz suspeita a viagem de um tal estrangeiro, que debaixo de especiosos pretextos, talvez procure *em conjuncturas tão melindrosas e arriscadas* surprehender, e tentar *com novas idéas* de falsos e capciosos principios os animos dos povos, seus fieis vassallos, existentes n'esses vastos dominios, além de que pelas leis existentes de S. A. R. é prohibida a entrada nos seus dominios a todo e qualquer estrangeiro não auctorizado com especiaes ordens de S. Magestade: Ordena mui expressamente o Mesmo Augusto Senhor que V. S.<sup>a</sup> faça examinar com a maior exacção e escrupulo, se com effeito o dicto barão de Humboldt, ou outro qualquer viajante estrangeiro tem viajado ou actualmente viaja pelos territorios d'essa capitania, pois que seria summamente *prejudicial aos interesses politicos da corôa de Portugal* se se virificassem semelhantes factos; e confia S. A. R., que V. S.<sup>a</sup>, pelo seu zêlo e efficaz desvelo, empregará em um negocio de tanta importancia toda aquella *destreza e sagacidade*, que é de esperar das luzes e circumspecção de V. S.<sup>a</sup> pelo bem do seu real serviço;



precavendo V. S.<sup>a</sup> sendo assim, e atalhando a continuação de taes indagações, que pelas leis são vedadas não só a estrangeiros, mas até aquelles portuguezes, que se fazem suspeitos, quando não são auctorisados por ordens régias, ou com as devidas licenças dos governadores das respectivas capitánias. E cónfia finalmente S. A. R. que V. S. informará de tudo que achar aos dictos respeitos, por esta secretaria de Estado, para que o Mesmo Augusto Senhor possa dar as ultimas providencias, que exigem factos de tal natureza. Deus Guarde a V. S.<sup>a</sup> Palacio de Queluz, em 2 de junho de 1800. — *D. Rodrigo de Sousa Coutinho.* <sup>1</sup>

A 12 do mez de outubro seguinte accusa o governador do Maranhão a recepção das ordens régias, dizendo que fica na intelligencia de «embarçar por todos os meios a viagem do barão de Humboldt e de o remetter directamente para Lisboa, se chegar a apprehendel-o».

O mesmo povo que na Renascença tivera um dos primeiros logares na renovação do mundo, chegara

<sup>1</sup> Este valioso documento é citado pelo sr. Augusto de Carvalho, auctor de um importante livro, *O Brazil*, recentemente publicado no Porto.

pelo atrophiamiento imposto pelo cesarismo catholico, a essa derradeira abjecção!

Um *tal barão de Humboldt* é a designação critica dada pelos restos imbecis da monarchia despotica ao guia da intelligencia nos segredos do universo, ao revelador do cosmos!

Quando um homem que representa a sciencia na sua esphera mais transcendente e mais inviolavel calca o territorio portuguez, privilegiado para a ignorancia e para a rotina, os árbitros dos destinos intellectuaes da nação mandam «deitar-lhe môscas» segundo o expressivo calão policial da época; mandam segui-o de espiões, como fizera em Lisboa o intendente Manique ao estadista francez Calonne; mandam finalmente captural-o e remettel-o aos tribunaes da metropole. Pela razão que:— estudar geographia, estudar zoologia, estudar botanica, explorar e classificar a flora e a fauna de regiões desconhecidas e desertas, é proceder em sentido diametralmente opposto e adverso á *politica da corôa de Portugal*. . . . . Principalmente no estado actual das cousas. . . em conjuncturas tão melindrosas e arriscadas. . . . . isto é: quando a razão humana emerge timidamente da confusão dos velhos systems, principia a bruxolear nos cumes sociaes e a alumiar o mundo!



Pobre espirito portuguez! A ordem da captura do barão de Humboldt, com que se abrem os teus fastos intellectuaes d'este seculo, é a vaccina fatal inoculada no teu braço, assignalando-te para muitos annos com a cicatriz da lanceta despotica, com a mancha affrontosa do virus estúpido.

Ficou-te a marca da vaccina, ó desgraçado seculo! ficou-te a marca da vaccina!

As mesmas influencias morbidas, que então dominavam a tua natureza, existem ainda em germen mal suffocado no interior do teu organismo.

Tu não reformas a tua instrução secundaria e a tua instrução superior dentro da ordem jerarchica dos conhecimentos modernos — pela razão porque mandaste capturar o barão de Humboldt!

Tu não procedes á tua organização economica pela industria dos teus fertilissimos campos e pela liberdade commercial dos teus riquissimos portos — ainda pela razão porque mandaste capturar o barão de Humboldt!

Tu não reformas o teu codigo politico, não reconstitues os teus serviços publicos, não restringes o teu funcionalismo ás suas justas proporções, não reorganisas as tuas jerarchias pelas competencias mentaes e pelas capacidades praticas, — sempre pela razão porque mandaste capturar o barão de Humboldt!

Finalmente, ó paiz do governo de Queluz! ó paiz de D. João VI! a injustiça, a iniquidade, a violação do direito, a transgressão do dever, a anarchia moral, são cousas que te affligem pouco, com tanto que não dêem tão grande brado que te expertem o somno. A dignidade que resiste incommoda-te mais que a torpeza que se concilia, que se dobra, que cede, que se deixa ir na corrente. E sentes-te feliz, confiado, forte, poderoso, porque te achas capaz d'esta cousa: — mandar prender outra vez o barão de Humboldt!

Ainda que, — graças ao progresso da hypocrisia nas modificações modernas por que têm passado os teus systemas de governação, — tens agora para inutilisar o talento e o trabalho um meio mais energico do que captural-o, e vem a ser — corrompel-o.

## XII

Ha uma cousa que está sendo tão vulgar como ter febres: é contrahir um titulo. Os mesmos condados, que ha pouco tempo ainda tinham um carácter quasi exclusivamente hereditario, rebentam hoje no



corpo social com a frequencia dos unheiros e das espinhas carnaes. Para o individuo que se deitou simples João Fernandes e que de repente accordou visconde Fernandes ou conde João, a mudança de condição equivale á mudança de paiz. João Fernandes acha-se de um modo subito empenhado nas obrigações e nas responsabilidades do seu novo estado social exactamente como poderia achar-se, despejado de um balão, nas ruas de Pekin.

Ha n'esta conjunctura um serviço relevante que prestar a João Fernandes: é dar-lhe um guia. Convidamos a litteratura patria a produzir essa obra de uma importancia capital e de uma necessidade extrema.

Anciosos de sermos uteis a João Fernandes, á sociedade que o recebe, e ao paiz que o deita, temos a honra de offerecer ao escriptor que o quizer preencher o plano do livro urgentemente reclamado pelo paiz, pela sociedade e por João Fernandes.

*Titulo da obra.*— Carta de guia de João Fernandes nos usos e nos costumes das altas condições sociaes.

*Introdução.*— Demonstre-se a João Fernandes que o espirito de imitação é a primeira das faculdades nas naturezas subalternas como a sua. Que,

destinado a viver de imitar os outros, elle deve prohibir-se absolutamente de inventar ou de produzir o que quer que seja, pondo todas as forças do seu ser unica e exclusivamente em procurar modêlos bons e em imital-os bem.

Em abono dos triumphos a que pode levar na sociedade o espirito de imitação convirá citar a João Fernandes, afim de lhe inculcar confiança e persistencia no emprego dos seus recursos, o celebre romance de Thomaz Love Peacock, cujo herce, sir Oran Hautton, era apenas um orangotango. Este orangotango, graças á sua grande aptidão imitativa, adquiriu as maneiras do grande mundo, entrou na melhor sociedade ingleza, foi baronet, foi membro do parlamento, admiraram-o os sportmen pela sua grande força e pela sua incomparavel destreza, veneraram-o os sabios pelo seu philosophico mutismo imperturbavel e profundo, amaram-o muito as mulheres porque, sobre a mais alta distincção das maneiras e sobre a mais correcta elegancia da *toilette*, elle tinha no mais subido grau as qualidades que mais promovem o amor: a coragem e a discreção.

Que João Fernandes tenha sempre os olhos fitos em sir Oran Hautton, o seu bello ideal, o seu perenne modêlo! Se João Fernandes é homem que o prove realisando pelo supremo esfôrço da sua intel-



ligencia este phenomeno culminante do seu victorioso exito no mundo: ser macaco!

João Fernandes é ignorante, é mazorro, é grosseiro. Tem as mãos ordinarias, gordas, papudas, intumescidas de frieiras. Tem pés chatos e molles, — de pato. Tem um collete de pellucia. Prega o peito da camisa com um alfinete de brilhantes seguro por dentro ao pescoço com um barbante. Usa botas de elasticos e punhos postiços. Põe na cabeça pomada barata perfumada a lucialima. Refocilla-se nas mesas-redondas dos hoteis baratos. Janta de chinelas, cospe no chão, risca o papel do quarto com as cabeças dos phosphoros. Padece um vicio de pronuncia. A sua cabeça tem a forma aguda, piramidal, dos imbecis e das pinhas. As suas pernas curtas grossas, elephantinas, mettem para dentro nos joelhos e divergem nas articulações do artelho como as dos camelos. É a imagem viva do burlesco revelado pela pelintrice. As mulheres delicadas só consentiriam em apertar-lhe a mão com as pontas de uma tenaz. No portal das casas nobres os creados tratam-o por você, e nos salões de baile os convivas entregam-lhe os pires vazios em que se serviram os gelados. Pois bem! se João Fernandes tem, com tudo isso, dez ou quinze contos de renda, cinja-se ás prescrições do seu guia e será o primeiro e o mais distincto gentleman do seu tempo.

*Capitulo primeiro. — A casa de João Fernandes.*

Faça-se n'este capitulo comprehender a João Fernandes quanto o aspecto da sua casa pode contribuir para revelar a sua baixa procedencia, a sua falta de educação e de gôsto, a sua natuzeza ordinaria, se elle não consagrar a este assumpto os cuidados mais minuciosos e aturados em seguir os altos modêlos

Uma vez conde, por exemplo, leve-se João Fernandes á convicção de que, não tendo nem podendo fingir a nobreza antiga, elle será rídiculo se não encher essa lacuna com todo o prestigio do luxo e da elegancia moderna.

Dêem-se-lhe sobre este ponto alguns conselhos.

Inspire-se-lhe o odio figadal ás mobílias de mogno, ás casas forradas de papeis dourados, aos quadros baratos, ao *papier-maché*, á porcellana ordinaria, ás flôres de papel, ao Champagne fingido, aos creados alugados, e finalmente: a todos os grandes luxos — de pequenos preços.

Articulem-se lhe alguns preceitos:

As alcatifas de Gobelins, os tapetes persas, os pannos de raz, os guadamecins, as armaduras do seculo xv, as chaminés e os armarios da Renascença, as commodas e os canapés Pompadour e Maria Antoinette, os esmaltes de Limoges, os azulejos arabes, os antigos marfins italianos, as pratas da



épochas de Benvenuto, as antigas louças artisticas, os vidros de Veneza e da Bohemia, as sedas da Índia, as cachemiras da Persia, são a base de todo o luxo serio na decoração das casas modernas.

Toda a peça de mobilia, uma cadeira, um tamborete, um bufete, um armario, um contador, uma moldura, deve assignalar uma época historica e conservar o estylo da arte ornamental da época a que pertence.

Para regular todos os serviços de jantares, de *soirées*, de viagens, que João Fernandes se não esqueça ao tomar posse do seu titulo, de tomar tambem um *maître d'hôtel*, um mordomo, um secretario, um guarda-roupa, um chefe de cavallariças, e um cozinheiro parisiense, de quatro mil francos por anno de categoria.

*Capitulo segundo. — Horario de João Fernandes.*

8 horas da manhã: Banhe-se, lave a cabeça e tire a caspa. Escove os dentes e as unhas. Barbeie-se ou faça-se barbear pelo seu creado de quarto. Vista-se do alfaiate Poole.

(Poole, é o Goupil da *toilette* assim como Goupil é o Poole das Bellas-Artes. Que nem em arte nem em *toilette* João Fernandes se regule jamais pelas suas idéas! Poole e Goupil são os seus polos).

10 horas — audiencia ao *maître d'hôtel*. Monte a

cavallo, jogue as armas, visite a cavallariça e a estufa, ou guie a quatro.

12 horas. — Almoce. Receba o seu secretario, veja a correspondencia, dicte as suas cartas e leia a *Revista dos Dois Mundos*, repetindo a leitura de cada fasciculo até receber o fasciculo seguinte. Decore a *Revista dos Dois Mundos*.

4 horas. — Saia de carruagem, faça visitas ou compras, estude o bric-à-brac, abstenha-se de namorar na rua.

6 horas. — No seu quarto. Dispa-se. Lave a cara e os dentes. Faça-se friccionar pelo seu creado de quarto com uma luva turca embebida em agua de *toilette*. Polvilhe o corpo com *veloutine*. Penteie-se. Ate uma gravata branca e enfie uma casaca preta.

7 horas. — Jante. Beba Champagne.

Das 9 horas até recolher. — Passe a noite como quizer comtanto que não entre nunca nos cafés e só depois da meia noite appareça no seu club.

*Capitulo terceiro. — Idéas de João Fernandes.* Desde que saia barão até que chegue a par do reino e a marquez — inclusive — João Fernandes precisa de tres idéas :

1.º Idéa sobre os destinos das sociedades modernas. Procure na *Revista dos Dois Mundos* até achar n'este ponto uma idéa que lhe agrade. Mande for-



mular pelo seu secretario essa idéa em termos resumidos e claros, e decore essa fórmula.

2.º Idéa sobre as formas do governo. Procure *Revista*. Faça formular secretario. Decore fórmula.

3.º Idéa sobre o movimento economico, litterario e artistico. Vid. *Revista*. Secretario. Fórmula de cór.

De dois em dois annos reformem-se estas tres idéas com alguma modificação ou com o appendice de alguma particularidade nova.

*Capitulo quarto.* — *Dictos de João Fernandes.* Para crear e manter a sua reputação do homem mais espirituoso do paiz, tenha João Fernandes dois dictos por mez: Um sobre o acontecimento mais notavel, outro sobre a personagem mais celebre.

Para obter estes dictos procure no *Figaro*, na *Vie Parisienne*, no *Punch* e nas comedias de Alexandre Dumas. Faça pelo seu secretario modificar, inverter ou imitar esse dicto em uma phrase nova. Decore essa phrase e diga em sociedade.

*Capitulo quinto.* — *As maneiras de João Fernandes.* Não podendo ter o grande ar desafectado que dá a educação e a raça, procure João Fernandes adquirir o ar correcto.

Seja o mais que possa perpendicular, reservado e frio.

Fale baixo e sem gestos.

Nas casas para que fôr convidado, jante com atenção, soboreando, com uma voluptuosidade discreta e delicada, com o seu corpo em dois angulos rectos, o guardanapo nos joelhos, o peito da camisa em grande evidencia, uma rosa fresca na casaca.

Ao passar do salão para a sala de jantar nunca, nas casas dos outros, se metta a offerecer o braço a quem lh'o não pedir. Afaste-se um pouco, reservadamente, n'esse momento, metta a sua claque de baixo do braço ou encrave no ôlho o seu monoculo, deixe desfilhar os pares e, senão sobrar uma senhora que o solicite com um olhar, siga atraz do cortejo, pausadamente, cingindo os passos com o tapete para não pisar a cauda do vestido que o preceder.

Na casa de jantar é de urbanidade e de rigor uma rapida vista de olhos, entendida e apreciadora, ao lustre, ao aspecto geral da mesa, á baixella.

Em seguida procure o prato em que se achar o seu bilhete e passe a jantar sem outra distracção que o perturbe.

Accete benevolmente a conversação no pé em que os outros a puzerem e colloque, se a opportunidade se offerecer, uma das suas tres idéas ao assado, e um dos seus dois dictos á sobremesa (vid. cap. III e cap. IV).

Depois do jantar, no bilhar ou na sala em que se



fume, ficar-lhe-ha bem um ligeiro movimento desleixado afim de pôr em contraste a sua linha habitualmente correcta. Convirá, por exemplo, que encruze os pés sobre o braço de um fauteuil deixando vêr as solas dos seus sapatos de baile lustradas de novo.

Nos bailes procure durante as contradansas os logares devolutos junto das senhoras velhas mais bem educadas, faça-lhes respeitosamente a sua cõrte e abasteça-se n'essas sábias praticas incomparavelmente prôveitosas, das idéas, dos principios, dos pontos de vista criticos sobre que deve julgar as mulheres e os homens que constituem o elemento elegante.

Fuja sempre da abundancia provinciana dos cumprimentos. Deante de uma senhora incline-se profundamente. Para os homens um movimento de hombros é bastante. Tornar difficil a familiaridade é o melhor meio de a fazer valiosa.

O habito da e-grima dar-lhe-ha a distincção e a firmeza indispensaveis na maneira de andar.

No theatro applauda pouco e a tempo. Nao se arrebate, não dê bravos.

A cavallo adquira no sellim a posição determinada pelos grandes mestres da cavallaria moderna, Baucher e o general Daumas. Tenha em mão as duas rédeas e enfie todo o pé nos estribos. Não

monte senão cavallos de raça inteiramente adestrados e monte-os despreziosamente, sem o minimo apparatus equestre, sem presilhas e sem esporas, tendo por unico equipamento umas luvas, de pelle de cão ou de castor, e uma bengala.

*Capitulo sexto. — A mulher de João Fernandes.*

Tenha-se em vista n'este capitulo que a mulher de João Fernandes é uma creatura muito mais intelligente do que elle. A estupidez é como um pêso que se não sustenta sem uma certa fôrça de musculos. A mulher é um ente extremamente débil para poder ser extremamente boçal.

Tres simples qualidades bastam para tornar qualquer senhora perfeitamente delicada e distincta; a simplicidade, a bondade, a modestia.

A razão por que a mulher da burguezia é geralmente mais mal creada do que a mulher aristocrata é que a burgueza pelas luctas da vida em que se achou empenhada com seu pae ou com seu marido, pela sua intervenção nos negocios, pela sua constante aspiração ao exito, á fortuna, á riqueza, ao ingresso nas classes superiores, sendo muitas vezes humilhada, repellida, derrotada, creou naturalmente na sua alma o despeito, a amargura, a inveja.



Ainda depois de vencedora, de enriquecida, de nobilitada, no meio feliz da opulencia e da dignidade, a pontinha de fel da antiga luctadora transparece na sua nova pelle e alastra-se na sua personalidade com uma nódoa grosseira.

As fidalgas têm geralmente as maneiras, e têm o fino criterio porque não endureceram nas experiencias da vida a sua sensibilidade nativa. Viveram sempre no mesmo meio sereno e pacifico, na plena naturalidade do seu ser, sem aspiração a outra coisa, e por isso mesmo sem inveja á outra gente. O *sangue azul* é uma dôce expressão, finalmente achada, que dá bem o tom d'essa bondade innocente — o *azul do character*, qualidade que, de resto — consolem-se as burguezas — é mais um prestigio de salão do que um prestimo na humanidade. Quando os maridos succumbem, quando se arruinam, quando empobrecem, as fidalgas caem na apathia, na prostração, no desleixo desconsolado e esteril. A burguezia em eguaes circumstancias reage, lucta, moireja, economisa, lança-se ao trabalho no encalço da fortuna perdida, espanca com o cabo da vassoura a desolação e a miseria, e é para seu marido a digna companheira benefica e valorosa, culpada talvez de o haver um dia mettido no declive da ruina, mas egualmente capaz de o fazer entrar e de entrar corajosamente com elle no aspero dever.

A falta da simplicidade e a falta da modestia constituem pois o principal dos defeitos que esta carta de guia deve corrigir na mulher de João Fernandes para o fim de lhe dar a alta apparencia aristocratica de uma viscondessa preparada á pressa, artificialmente, como um fructo de estufa. Isto emquanto á expressão das maneiras.

Perca a senhora João Fernandes o habito execravel de percorrer todos os dias as ruas, as lojas e as confeitarias.

Evite egualmente estar em todas as primeiras representações, em todos os beneficios, em todas as festas.

Fuja como da peste da triste distincção de vêr figurar o seu nome, sob qualquer pretexto que seja, nos noticiarios dos jornaes.

A notoriedade mancha um pouco o primor senhoral. Apparecer em toda a parte é para uma senhora cahir em celebridade de rua, é confundir-se com as cousas vulgares, com as taboletas, com os cartazes, com as lithographias, com os lettreiros das esquinas, é demittir-se, é abdicar para as graves cousas austeras e respeitaveis, para a dignidade da sua casa, para a estima de seu marido, para o respeito de seus filhos. Os moços de fretes postados ás esquinas das ruas conhecem-a, e dizem: *Lá vem ella!* Os cocheiros da praça sorriem lhe do alto dos seus



coupés. Os caixeiros das lojas de modas offerecem-lhe a mão, ou tocam-lhe com o dedão no hombro, e murmuram uns para os outros: *A nossa elegante*,... Os grupos da casa Havaneza e do Baltresqui falam d'ella como dos gaiatos da esquina do Baldanza, dizem *A Fulana* como dizem o *Rei Bamba* ou o *Meio Arratel*. Põem-lhe uma alcunha. Chamam-lhe o *Phosphoro de escada*, se ella é alta; Chamam-lhe *A Pilula*, se ella é pequena. E quando ella falta uma tarde, pergunta-se: — *Que diremos que lhe succedesse?* — E responde alguém que se informou: — *Agravou-se-lhe um callo no pé direito*. E ás duas horas da noite o typographo, que compõe o nome d'ella na lista das pessoas presentes no ultimo baile, exclama enfatiado com um bocejo de tédio... *Cá está o diabo!*

E é d'esta creatura, assim enxovalhada pelos encontrões do publico, com o seu nome encebado como uma carta de taberna, cheia das dedadas e das nódoas que imprimem os contactos da publicidade, que um homem serio ha de dizer: — *É minha mulher!* E que um rapaz digno será obrigado a confessar: — *É minha mãe!*

Que a mulher de João Fernandes procure portanto entreter-se em sua casa, com sua familia, com o estreito circulo dos seus amigos. Dirija a cultura

do seu jardim. Tenha uma estufa e um aquarium. Borde ou desenhe, pinte ou faça musica.

Nunca nas suas *soirées* intimas deixe de se occupar em algum trabalho. Nada mais ordinario que o aspecto de uma senhora passando um noite inteira espreguiçada n'um *fauteuil*, de braços cruzados. Um jornalista, contando ha dias no *Diario da Manhã* como passara uma *soirée* em casa de Lord Lytton, embaixador inglez em Lisboa e n'este momento governador da India, refere que enquanto Lord Lytton lia uma tragedia inedita de seu pae, o celebre escriptor, Lady Lytton, com duas ou tres das suas amigas em volta da mesa, cosia na sua costura.

Lady João Fernandes não é Lady Lytton, e, não obstante, talvez se offendesse se nós a aconselhassemos a que fie na roca!

Adquira a senhora João Fernandes o habito de lêr todos os dias antes de sahir de casa seis ou oito paginas de um bom livro. Depois, dentro da sua carruagem, passeando, nos intervallos da opera no camarote em S. Carlos, no baile quando não tiver com quem conversar, pense na sua leitura, procure coordenal-a de memoria com a leitura do dia anterior, faça mentalmente o inventario dos seus conhecimentos sobre o ponto suggerido ou sobre os diferentes factos relacionados com elle. Advertindo que nada contribue para dar á physionomia o ar in-



significante e o ar imbecil do que não pensar em cousa alguma. Um condiscipulo de Goethe perguntou-lhe como elle, com feições grossas e vulgares, tinha conseguido tornar-se bello. Goethe respondeu: «Pensando em cousas justas.» Uma intelligencia occupada em pensamentos elevados transparece nos olhos e espiritualisa a physionomia. O amor proprio, a preocupação de nós mesmos, bestifica o semblante e dá, além d'isso, ás mulheres nervosas uma inquietação especial conhecida de todos os observadores, á qual poderíamos chamar a *Dansa de S. Tolinho*. Sentindo-se observada, a menina de temperamento vaidoso começa por olhar para si, nota que a sua mão tem as veias injectadas e agita-a no ar para a tornar mais pallida. Para disfarçar essa intenção abre e fecha o leque, move-o convulsamente... Logo depois pensa no penteado e compõe a madeixa que traz cahida na testa... Lembra-lhe em seguida o nariz e precisa de se assoar... Immediatamente lhe come a ponta da orelha e sente a urgencia de ir tocar com o dedo e de bulir no brinco... Parece-lhe então que se está mostrando perturbada, e córa... Quer cahir em si e torna a abanar-se com o leque... Diz palavras sem nexo e sem sentido á pessoa que estiver ao pé d'ella... Mas — coitadinha! — não sabe como ha de pôr as mãos!... Abre e fecha a luneta, applica-a,

olha vagamente para um ponto no espaço... Lembra-lhe de repente que lhe convirá essa attitude, que poderá descançar assim um momento... Finge-se interessadissima em considerar no espaço o ponto indefinido... Mas occorre-lhe que se poderia descobrir que ella não olha para nada... Sente que vae córar outra vez... Pegue-se no leque!... Mas não: seria já pegar no leque de mais... E melhor bulir nas pulseiras para ganhar tempo... Uma idéa:—Calçar as luvas!... Bom! que bella idéa! como isto vae levar tempo! Calçal-as, retesal-as, apertar-lhe todos os botões... Oh! mas nota que tinha a perola do annel voltada para dentro, que se lhe veja pelo menos a sua perola!... E volta para fora o engaste do annel... E torna a pegar no leque, para tornar a largal-o, para bulir no brinco, para pegar na madeixa, para tirar o relógio, para fingir que vê as horas... Até que tem uma resolução extrema: olha para o homem que a observa, olha-o, com humildade, com ternura. «Tu és feio e vulgar, pensa ella, mas tens um olho fino; tens um sorriso cheio de sagacidade e de ironia! Percebeste tudo. Descobriste a minha vaidade. Perdoa-me. Prefiro a esta reputação de idiota deixar-te crêr que foi a tua presença que me perturbou. Rendo-me. Adoro-te: aqui está o que é!»

E a pobre martyr deixa-se namorar como uma



doida. Para que? Oh! desgraçado contrasenso! para fingir que tem juizo.

Ter sempre o espirito occupado, eis o contraveno soberano dos falsos gestos, das falsas attitudes e dos desconcertos nervosos originados na vaidade.

A vaidade tem a sua hygiene, tem a sua educação. A vaidade é um bom elemento de sociedade, é— a emulação no estado de innocencia. Governada por um justo criterio é a vaidade que leva a mulher á posse dos principaes recursos que a tornam estimada e querida. É pela vaidade que a mulher adquire o talento da conversação, a arte da *toilette*, os discernimentos artisticos, a delicada escolha dos habitos e das maneiras, as curiosidades de erudição, os mil meios de ser agradável e beneficente, todos os pequenos dotes finalmente que constituem o mimo de uma personalidade e o encanto da sua convivencia.

Não diremos outro tanto do orgulho. Que a senhora João Fernandes eduque a sua vaidade, mas que extinga até o ultimo vestigio a tendencia do seu character para o orgulho! Elle é no meio dos sentimentos delicados o grande bicho indomesticavel. A vaidade é sempre inoffensiva; o orgulho morde, arranha, dá couces, e produz uma prole intratavel: a

insolencia, a grosseria, a cegueira, o mau modo e o mau genio teimoso, cabeçudo, damnado.

São inadmissiveis as joias falsas e as joias de phantasia, a que os ourives costumam chamar *a alta novidade*. Um brinco, um broche, um collar, um botão de camisa não podem ter senão a forma de um brinco, de um broche, de um botão de camisa; aproveitar esses pretextos para trazer uma espada, uma rabeça, uma môsca, um molho de chaves, uma fava ou um lagarto é tão ridiculo como seria usar um vestido fingindo um armario ou um chapéo imitando um candieiro.

Nas mesmas joias verdadeiras a agglomeração produz um effeito mercantil de *vitrine*.

Dois ou tres aneis com rubis estrellados, com grandes esmeraldas ou com uma perola negra circulada de brilhantes, em solidos engastes ingleses, e uma grossa haste massiça de ouro polido vergada em tres ou quatro espiraes em tórno do antebraço, bastam para adornar uma mulher sensata.

O luxo mais delicado da *toilette* feminina é o das perolas e o das finas rendas.



*Capitulo setimo. — A popularidade ao alcance de João Fernandes. Seus meios de corrupção*

Ensine-se a João Fernandes que as grandes sympathias e as grandes popularidades indiscutidas se não alcançam na sociedade portugueza senão pelo emprego systematico dos pequenos meios. Nas grandes aquisições do affecto publico, conquistado em globo, é-se constantemente logrado. A cidade inteira nos está reconhecida; vejamos individualmente quaes são os cidadãos que se nos consideram obrigados: não se encontra nenhum!

Os grandes beneficios pessoaes têm tambem este contra: obrigam á gratidão — pêso terrivel que não sustentam senão as grandes e extraordinarias organizações moraes; as naturezas vulgares alijam esse pêso, porque não podem com elle.

Em regra geral os grandes favores não se fazem senão aos grandes inimigos de quem pretendermos afastar-nos. Quer João Fernandes metter a muralha da China entre elle e um cavalheiro desagradavel? Dê-lhe um conto de réis, que esse cavalheiro não possa restituir-lhe. Salve-o assim da deshonra, da cadeia. Equivale a ter-lhe puxado as orelhas ou a haver-lhe quebrado uma bengala nas costas. Infligiu-lhe a eterna humilhação. Ha mil probabilidades contra uma de que o cavalheiro beneficiado nunca mais lhe torne a apparecer.

As affeições verdadeiras, as puras dedicações, as permanentes solicitudes grangeiam-se com as pequeninas atenções imponderaveis.

Ter o talento especial de semear as corrupçõesinhas é possuir o segredo de conquistar o vasto mundo apodrecido.

Eis a lista de alguns meios soberanos e infalliveis postos á disposição de João Fernandes:

Distribuição de bilhetes de visita na mais larga escala pelo Anno Bom e por occasião dos anniversarios natalicios de todas as pessoas das suas relações sem excepção alguma.

Assista a todos os enterros de personagens celebres.

Inscryva-se a perguntar noticias de todos os enfermos illustres.

Faça-se apresentar a todas as pessoas importantes, e vá impreterivelmente cumprimental-as no dia immediato ao da apresentação.

Com a mesma prodigalidade com que derrama bilhetes de visita sobre os seus conhecidos, lance phrases, dictos, allusões amaveis sobre todos os extranhos com quem não tenha relações e que, por qualquer modo que seja, se lhe possam tornar hostis. Diga de cada um d'elles em presença das pessoas que possam repetir-lh'o :



— Não tenho relações com elle, mas estimo-o cordialmente pela activa exempção do seu character, tão digno, tão independente, tão recto, tão etc., etc

Ou fingindo não o conhecer :

— Quem é este sympathico moço a quem acabam de tirar o chapéo?... Ah!... Não o conhecia senão de tradição. Mal sabe elle que ainda hontem foi em minha casa o objecto dos maiores louvores...

No dia seguinte esse desconhecido começará a ser um adepto.

Sempre que da mocidade revolucionaria, inquieta, perigosa ás falsas virtudes e ás falsas grandezas, sobresahir um escriptor que se affirme poderosamente com a publicação de um livro ou de um mero artigo verdadeiramente notavel, dirija-se João Fernandes directamente a esse escriptor, apeie-se da sua carruagem para se encontrar com elle, tire o seu chapéo, peça-lhe desculpa de lhe dirigir a palavra sem o conhecer. Mas tendo-o lido, não pôde furtar-se á obrigação moral de lhe manifestar a admiração sincera, a profunda estima, os sentimentos de respeito que lhe inspira o auctor d'aquelle escripto. E accrescente: «Não lhe direi quem sou. Seria fraudulento arrancar do testemunho dos meus sentimentos mais desinteressados o ensejo de me tornar conhecido de um homem tão eminente. Que im-

porta, de resto, o meu nome obscuro? O que basta é que v. ex.<sup>a</sup> veja em mim uma parte da grande legião anonyma que o admira e o ama.»

Por mais duro e por mais glacial que seja o temperamento do escriptor cumprimentado, as palavras de João Fernandes hão de impressional-o, commovel-o. O terrível demolidor inflexível, o rude plúm-tivo de bota abaixo pensará de João Fernandes: Foi elle que me me disse uma boa palavra affectuosa e benevola, que me deu um instante do alento e da animação de que tanto precisam os trabalhadores despremiados e obscuros. O meu espirito comeu em certo momento o pão d'aquellê homem: a sua individualidade tornou-se-me sagrada.

Ainda depois de publicadas estas linhas, de divulgado o segredo d'esta mola, persistirá a efficacia da sua força.

A mim proprio, que o digo, se um dia me couber a honra de poder ser desagradavel a João Fernandes, que elle não hesite um momento no emprego d'esse forte expediente para me desarmar. Diga-me as mesmas palavras que lhe estou dictando. Conheço o truque, e defender-me-hei. — Embora! Vá dizendo sempre! Que mais delicada maneira de captivar-me do que seguir-me os conselhos? Eu pensarei: O espirito d'este homem comeu o meu pão. Perante a leal e verdadeira hospitalidade é o mes-



mo que haver eu comido o pão d'elle. É-me igualmente sagrado.

Vá a todos os bailes, a todas as primeiras representações, a todos os bazares de caridade, a todas as festas de inauguração, a todos os *Te-Deums*, a todos os festejos de datas gloriosas. A notoriedade, essa grande mácula n'uma senhora, é o principal relêvo da importancia para um homem. Torne-se constantemente lembrado, suggerido, citado. Seja de todas as commissões honorificas, promotoras, iniciadoras; das associações philantropicas, do Gremio, do Club, de Jockey-Club, do Club Naval, da Sociedade Humanitaria, da Sociedade Protectora dos Animaes, da Sociedade Primeiro de Dezembro, da Associação Promotora das Bellas Artes. Seja tambem um tanto ou quanto do maior numero de companhias, do maior numero de bancos, do maior numero de empresas industriaes e fabrís. Que os jornaes não deixem um só dia de imprimir o seu nome, sob qualquer dos seus numerosos titulos! Não empregando em tudo isso nem a minima molecula de actividade cerebral, João Fernandes acabará todavia por assombrar o paiz com a multiplicidade das suas aptidões. Além d'isso dê bailes, dê jantares, dê concertos, inscreva um ou dois cavallos em todas as corridas. Consideral-o-hão assombroso. Tornar-se-ha indigitado para as responsa-

bilidades mais altas, para os encargos mais difficeis. Em quanto durar o constitucionalismo portuguez será ministro todas as vezes que quizer, em todos os gabinetes eclecticos e de transição. Quando o constitucionalismo acabar, se o paiz lhe sobre-viver, será João Fernandes o individuo mais apontado para presidir á republica. Perseverança e discreção!

Não tenha jornal seu. É mau. Cria inimigos, cria incompatibilidades. Restringe a orbita da influencia pessoal. Lança no caminho das contradicções. Despedaça os methods, os systemas, os planos mais sériamente concebidos.

Não compre tambem nem subsidie os jornaes dos outros. Comprar um jornal é a mais ridicula das lograções em que pode cahir a innocencia. Para o effeito da doutrina o jornal é uma entidade imponderavel, incoercivel, inorganica. Politicamente ou litterariamente falando, o jornal é um acto mental reduzido a quatro paginas de impressão. Por mais que o vendam e o revendam, esse acto ha de ficar sempre pertencendo ao individuo que o concebe. Portanto o unico meio de possuir o jornal é comprar o jornalista.

Eis como o jornalista se compra :

Nenhum ajuste, nenhum apparatus de aquisição!



Sempre que a delicada operação de comprar o jornalista toma o character ostensivo e claro de um contrato, as partes contratantes desacreditam-se logo, por esse mesmo facto, aos olhos uma da outra, as susceptibilidades encontram-se, melindra-se a delicadeza, surge quasi sempre a revolta. N'esta parte, como em todas as outras de um plano geral de dominação — nunca o esqueça João Fernandes — sempre os pequenos meios! Está n'uma sociedade estreita, pequenina, onde os characteres são como a caça miuda: espantam-a os grandes apparatus cyneticos, o som das trompas, o latir das matilhas, o galopar dos cavallo, todos os processos da grande altenaria. Convem caçar escondido, ir de rastos, devagarinho, sem fazer bulir as hervas tenras nem estalar as palhas, atravessar a rêde, armar os laços, collocar os viscos, pendurar o chamariz, pôr nos alçapões o lambisco, e ir esperar confiadamente, occulto na espessura.

O jornalista que recalcitra espavoridamente deante da grande offerta, vem ingenuamente á pequena dádiva, e ata elle mesmo o pé na armadilha da *reciproca sympathia* e da *mútua amizade*.

É certo que nem todos os jornalistas podem, sem derrogação das conveniencias, ser recebidos no salão aristocratico de João Fernandes. Ha-os de cabellos sujos, de dedos queimados pelo cigarro e de

collarinhos de papel. Mas assim como o vicio, a convivência tem escala. Os que não podem ser convidados para um baile convidam-se, mais amigavelmente ainda, para as pequenas visitas matinaes, para o *tête-à-tête*. Diz-se-lhes assim:

— Para que é ingrato commigo?... Sabe quanto me é agradável a sua convivencia, quanto me interessa a sua conversação tão espirituosa, tão artistica... Não lhe direi que venha á noite: não quero de modo algum roubar-o aos seus trabalhos jornalisticos, ás suas locubrações litterarias! Mas appareça de manhã, nos seus momentos de ocio, do meio dia ás tres. Venha sem cerimonia fumar um charuto, beber commigo o seu bitter, refazer a mão no meu alvo, experimentar umas pistolas que recebi hontem. Espero-o amanhã, quer?

E no dia seguinte não esteja em casa para mais ninguem. e receba-o no seu quarto, em chinelas e de *vareuse* de flanela, como um intimo. Faça-lhe servir por dois creados um sandwich de «fois gras du Perigord» e um copo de Grâves. Abra-lhe a gaveta do contador de sandalo em que estiverem as brêvas e offereça-lhe o seu proprio lume. Elogie o abundantemente, e, sempre que se tratar de qualquer outro escriptor, sem dizer mal d'elle — porque João Fernandes não diz mal de ninguem — profira-lhe o nome desdenhosamente, estirando se no fau-



teuil, retirando o charuto dos beiços e soprando para o tecto um esguicho de fumo. De resto não lhe peça cousa alguma, senão que volte frequentemente, *sempre sem cerimonia*, como entre rapazes, como entre amigos. Leve-o pela escada de serviço e ensine-lhe essa entrada particular dos seus quartos. É inutil que as visitas o encontrem na escada grande.

Não receba nunca senão um jornalista de cada vez. Um só escutal-o-ha com respeito, com timidez, com subservencia; dois juntos — para mostrarem um ao outro que têm espirito — desfructal-o-hão.

Vêl-os a miudo e a um por um é o que importa. O que mais custa não é escrever de alguém uma linha desagradavel, não é atraiçoar a amizade, não é faltar ao compromisso, não é morder na mão do bemfeitor; é arranjar a physionomia com que se lhe ha de apparecer de cara a cara no dia em que essa linha se achar publicada.

*Capitulo oitavo. — As viagens de João Fernandes.*

São indispensaveis a João Fernandes, para complemento da sua perfeição, dois mezes de viagem por anno: um, da primavera, em Paris; outro em Londres, na *season*, pelo verão.

Na subtil e espirituosa sociedade franceza, na grave e elegante sociedade britannica, a personalidade de João Fernandes não resistiria por muito

tempo ao melindroso contacto da conversação e da convivencia. Mas com uma *toilette* perfeitamente irreprehensivel, renovada tres vezes por dia, para passeio, para visitas, para *soirée*, com um quarto no *Grand Hôtel*, um salão e um *dressing-room*, com um *valet de chambre* e um *coupé de maître*, a barba e o cabello bera talhados ao genero da sua physionomia, uma corôa na portinhola da carruagem, um titulo euphonico e uma grã-cruz para cortar á noite a monotonia do traje de baile, João Fernandes poderá, com uma simples recommendação á embaixada, atravessar os salões officiaes, obter uma ou outra noite logar n'um primeiro camarote dos *Italianos* ou de uma das duas Operas de Londres, e beber Champagne em *partie fine* com a celebridade do *Demi-monde* a que se dignar de atirar o seu lenço.

Além das suas altas noções de dandysmo ministradas ao espirito de João Fernandes pelo simples aspecto da moda, da dissipação e do luxo, estas breves excursões na sociedade estrangeira fecundal-o-hão com a erudição anecdotica, a unica especie de erudição que torna um homem verdadeiramente considerado nos salões lusitanos.

Eis o modo de usar a referida erudição:

Na maior parte das salas portuguezas conversa-se pouco, pela razão de que se conversa mal. Temos um genero nacional chamado o *cavaco* que destituiu



a conversação. O cavaco é a conversa relaxada, de palito nos dentes e de chinelos. Quando estão senhoras, como o cavaco tem de tirar o palito e os chichelos e de pôr luvas, o cavaco acha-se fora dos commodos habituaes e esmorece. Vae então alguém para o piano e organisa-se a contradansa. Como as senhoras andam pouco, como não marcham de dia nos longos e saudaveis passeios ao ar livre, como os homens se não dão aos exercicios musculares, como são em grande maioria sedentarios burocratas ou effeminados ociosos, a dansa é bem vinda sempre — para desferrujar as pernas e para sarrotar a conversação em boccadinhos pequenos e faceis.

Ha porém ainda, como excepção, uma ou outra sala em que é preciso falar, estar na pequena roda, visto e ouvido ao pé, em que é preciso responder, replicar, ter idéas, ter opinião, ter criterio. Estes salões são os escolhos da reputação de João Fernandes, os quaes elle deve ter escrupulosamente apontados na sua carta de navegante. É n'essas passagens perigosas que João Fernandes pode tirar grande partido da erudição anecdotica. Um pouquinho de tacto da sua parte fará instantaneamente saltar a discussão das idéas e dos principios para a citação das personagens. Então João Fernandes, que por exemplo ignora completamente o character philosophico e a importancia historica da missão de

Gambetta na politica da França e da Europa, dirá modestamente :

— Estive com elle ainda o mez passado no salão do sr. Thiers, onde se serve chá todas as noites ao mundo official, ao mundo politico, ao mundo litterario. Sobre a mesa do sr. Thiers ha um grande album, onde cada um lança em duas linhas o seu pensamento. Fui eu, casualmente, que passei a penna a Gambetta.

Todos perguntarão a João Fernandes o que foi que escreveu Gambetta. João Fernandes tornar-se-ha repentinamente um centro de attensões, trinchará o assumpto aos espiritos, começará a ser olhado com interesse, com respeito, quasi com admiração, pela simples circumstancia de haver uma noite atravessado o salão do sr. Thiers atraz de um benevolo segundo addido de legação.

É — em outro exemplo — de Victor Hugo que se trata. João Fernandes não leu Victor Hugo, ou leu-o sem o criterio applicavel á grande obra tão complexa do seu vasto genio; não tem a minima idéa da evolução litteraria que elle iniciou, do elemento heroico, enthusiastico, poetico, eminentemente popular, de que elle é o symbolo artistico, o representante official, virtude do ultimo suffragio que lhe deu o mandato imperativo do sentimento, o subestabelecimento na sua palavra e na sua penna, de uma



das maiores forças immanentes na grande alma de um povo: a sua aspiração artistica, o seu desinteresse no ideal.

Que tudo isso ignore João Fernandes! Que importa, se elle estiver habilitado a affirmar simplesmente que o viu! que esteve com elle! Sim, senhores, João Fernandes esteve em casa de Victor Hugo. Graças ás relações que obteve na legação americana, elle poudé encorporar-se na colonia dos Estados-Unidos; o seu *coupé* entrou no cortejo das carruagens que desfilam á porta do grande poeta; elle subiu, na noite de tantos de tal, a escada do grande homem; elle poz um ramallete de jasmims do Cabo e de cravos vermelhos, junto com um grande cartucho de setim cheio de bonecos e de *bombons*, nos braços da pequena Jeanne; elle inclinou-se descrevendo dois respeitosos raios de circulo, um em reverencia a madame Charles Hugo, outro deante do mesmo Hugo, collocando respeitosamente a sua *claque* sobre o coração, ao som da phrase solemne cahida da bôcca do seu introductor: — O conde Fernandes, um portuguez illustre!

E em sociedade, a mera narração d'este singello factó abonará mais a importancia intellectual de João do que o livro de critica mais subtil, mais lucido e mais erudito consagrado ao auctor das *Contemplations* e dos *Châtiments*.

As suas intimidades com a celebridade do *Demu-Monde* á qual acima ensinamos que poderia ser lançado, á descida do Epsom ou do Bois, o fino lenço com as iniciaes coroadas do sultão lusitano, proverá João Fernandes de importantes informações para transmittir ás senhoras de meia-tigela excitadas ás curiosidades mais indiscretas pela preocupação fetichista da moda e do dandysmo.

Quantas benções agradecidas não cahirão sobre o espirito tão interessantemente erudito de João Fernandes quando elle explicar baixinho, confidencialmente, no mundo da meia-tigela: que as meias de seda se usam com o anagramma bordado no sitio do artelho; que as luvas de dezeseis botões se não abotoam senão até o decimo botão e que o resto do canhão se traz cahido para baixo, negligentemente, sobre o ante-braço; que os espartilhos de setim, etc., etc., etc.!

*Capitulo nono. — O filho de João Fernandes.*

Mostra-me o teu filho, dir-te-hei as manhas que tens.

Temos visto frequentemente o filho de João Fernandes, e offerece-se-nos observar que elle dá uma triste idéa de seus paes.

Até aos cinco ou seis annos, quando tem todas as graças nativas da primeira infancia, vestem-o ri-



diculamente, de setim e velludo, n'um traje de phantasia que lembra o boneco dos theatrinhos mechanicos adaptados a antigos relogios, nos quaes, ao dar a hora, soava a aria da *Maria Cachucha* e um dansarino apparecia a fazer equilibrios na corda, emquanto á direita um balão subia e á esquerda um beija-flôr empalhado dava bicadas em uma fonte de vidro.

O filho de João Fernandes, de gorrozinho de pluma, cabellos annelados sobre os hombros, costume de Puritano, de Huguenote ou de pagem de Henrique IV, parece o referido boneco sôlto no Chiado ou no Passeio Publico. Deveria apparecer a cavallo n'um cão de agua e prêso por um cordão a um realejo, para o confundirmos pelo menos com um macaco, e perdermos o receio de que elle seja uma pura curiosidade mechanica a que se acabe a corda antes de chegar a casa.

Aos seis annos começa a ir para a escola, a cheirar ao tabaco de fumo do creado que o leva pela mão, a andar sujo de tinta de escrever, a arregalar os olhos com o espanto amedrontado de um malfeitor no primeiro degrau do patibulo e a metter o dedo no nariz com uma insistencia morbida caracteristica do primeiro periodo do amollecimento cerebral.

Aos quinze annos fuma cigarros, namora, faz excursões ao Dá-Fundo, estaciona no Chiado, rima

quadras *As tranças de Laura*, e escrevinha romances que principiam assim: *Alberto contava a esse tempo dezeseis annos, e era o que podemos chamar um bello moço...*

Logo que estes derradeiros phenomenos se manifestam, que João Fernandes não hesite um momento em inutilisar nas costas de seu filho a sua bengala, passando em seguida a consagrar-lhe uma bengala nova e um trabalho honesto que lhe absorva todo o tempo e todas as faculdades dentro da disciplina austera de um character sisudo.

Emquanto elle fôr pequeno, lembre-se que os meos principios da caridade nos obrigam a respeitar as creanças como se respeitam os velhos, que não têm força para se defenderem e para protestarem, e vista o seu filho simplesmente, com uma blusa e um collarinho lizo, grande, redondo, virado sobre os hombros, fazendo consistir o seu luxo em falar igualmente tres linguas, em trazer o cabello escrupulosamente cortado á escovinha todos os oito dias, em tomar um banho frio todas as manhãs, em cheirar bem como um canario, em estar escovado, lavado e nitido como a propria dignidade, como a innocencia em pessoa.

Ponha-lhe sapatos grossos com largas solas e ensine-o a marchar.

Ensine-o a não ter medo. O medo é a cousa mais



estupida que ha desde que se descobriu que elle não serve absolutamente para nada.

Desenvolva-lhe por todos os modos a força physica e o sentimento da bravura. Ser perfeitamente valoroso é possuir uma especialidade rara. É o mesmo que conhecer uma sciencia a maior que os seus semelhantes, sciencia importantissima — a de os desmandibular com um sôco. A bravura pode ser em muitos casos um officio glorioso. É sempre um caminho, é uma carreira, e pode substituir optimamente uma posição social. O homem de pulso, ainda quando intellectualmente não passe de uma besta, tem sobre os seus semelhantes a vantagem de que ninguem lh'o diz.

Custume-o a estas duas cousas capitaes: ser sobrio e levantar-se de madrugada. Superioridade enorme! É ganhar sobre a sua geração o tempo immenso que ella perde a dormir de mais, a digerir difficilmente e a medicar enfermidades gastricas.

Se o dedicar ás grandes carreiras publicas, ás altas posições sociaes, á politica, á dominação, ao governo, ensine-lhe de pequenino a intriga, a astucia, o egoismo, a doblez.

Faça-o forte e matreiro; rijo, mas safado:

Não despreze ninguem para poder utilizar todo o mundo.

Aperte indifferentemente todas as mãos, para a direita e para a esquerda.

Ao passo que fôr subindo, vá successivamente inutilizando o degrau em que poz o pé, para levar o menor numero de gente atraz de si.

Mostrem-se emfim a João Fernandes os bellos exemplos: o exito dos grandes devassos triumphantes, a ruidosa victoria dos embusteiros e dos cobardes, ao lado da humildade obscura dos caracteres irreconciliaveis com a deslhonra, com a hypocrisia, vivendo no seu canto e imaginando-se felizes— felizes os mesquinhos! os miseraveis!— felizes por viverem no integro dever, na plenitude moral, na profunda affirmação da consciencia!

*Conclusão :*

Se João Fernandes seguir á risca as instrucções d'este guia, elle chegará a tudo o que pretender; a todas as honras e a todas as dignidades sociaes: á distincção, á elegancia, ao espirito, á celebridade, ao triumpho, á gloria. Será deputado, ministro, conselheiro de Estado, embaixador, par do reino. Será finalmente tudo o que quizer... tudo com excepção d'esta só cousa, a mais difficil, mas tambem a mais inutil de ser :

Um homem de bem!



## XIII

Um nosso amigo, mr. Ward, que ultimamente esteve no Tejo com a corveta *Franklin*, um fino observador americano, natural de New York, educado em Paris, tendo feito mais de uma *season* em Londres e viajado por toda a America e pela Asia como official da marinha dos Estados-Unidos, dizia-nos que nada o impressionara mais vivamente em Lisboa do que a *toilette* dos seus habitantes. Não que o vestuario obedeça geralmente aos mais garantidos modêlos da alta moda; não que muitas senhoras não tenham—pelo corte exaggerado dos seus vestidos, pelos seus chapéos postos com demasiada intrepidez e pelas suas botinas á Mabile—um ligeiro ar de exhibição premeditada para impressionar a galeria; não que muitos homens não offereçam uma apparencia dura, canhôtá, como de actores de provincia pouco familiarizados com o character das personagens que representam; não que muitos mancebos elegantes não soffram o que quer que seja das objecções a que se presta o dandysmo especial do

sargento aspirante. O que caracteriza o traje em Lisboa, o que n'elle feriu a attenção do nosso amigo, é a superior qualidade dos pannos, o seu aspecto novo e caro, o ar recém-nascido dos chapéus altos, a intacta frescura de loja que têm as luvas parecendo que estão nas mãos á venda como nas *vitruines*.

Sobre isto uma particularidade notavel: toda a gente, homens e mulheres, vestidos pelos mesmos moldes, pelo mesmo gôsto, e — o que é mais — pelo mesmo orçamento.

Entre as senhoras que vemos na rua quaes são as fidalgas de raça, quaes as mulheres dos burguezes ricos e dos donos de loja, quaes as filhas dos banqueiros, quaes as dos empregados a 600,000 réis por anno, quaes as peccadoras inclassificadas filhas de ninguem e esposas de todo o mundo? Extremamente difficil distinguir. Ellas discriminam-se apenas por uma quasi imperceptivel differença no andar, não na maneira de pôr o pé, mas na de o levantar do chão, o que complica com o movimento dos quadris; mais pela intenção do olhar, pelo geito do sorriso, e principalmente pela expressão do nariz.

Algumas vezes estes característicos contradizem-se. Uma mulher, por exemplo, de sorriso casto e sobrio, tem o andar suspeito e o olhar apagado; n'este empate é exclusivamente da expressão do nariz



que é preciso arrancar-lhe a sua certidão moral. Ora entre dois mil homens haverá apenas um que distinga lucidamente as expressões do nariz. O que geralmente se observa no nariz é a forma, o volume, a linha do perfil; a expressão está na curva da aza, n'esse pequeno vinco affectado pelo movimento de todos os musculos que determinam o jôgo da physionomia.—Cousas longas de apprender e impossiveis de ensinar de repente a um estrangeiro que chega.

De resto, pelo geral aspecto exterior todas as senhoras são eguaes em Lisboa. As meninas têm todas na rua a mesma attitude. Os tacões excessivamente altos, dobram-lhes o corpo inclinando-lhes o tronco para deante e rebaixando-lhes os quadris. D'ahi a moda do *pouf*. Agora, extincto o *pouf*, as meninas para não andarem curvadas e para recolherem o defeito que o *pouf* exaggerava, fazem um esforço muscular que dá a todas absolutamente o mesmo ar: os joelhos muito salientes, a nuca fincada para traz, os hombros encolhidos e o mais que pode ser recuados, os cotovellos cerrados ao corpo. Trajam todas as mesmas modas, usam os mesmos estôfos, fazem o mesmo numero de vestidos.

Os homens são egualmente unanimes de *toilette*. Quem é capaz de differençar na multidão de Lisboa

os dandys, os ociosos ricos, os capitalistas, os amanuenses, os artistas, os caixeiros, os escriptores publicos?

Para se chegar a este apparente nivelamento economico de todas as condições sociaes, tão interessante para um *yankee*, haverá a riqueza geral? Não. O que ha é uma superstição unanime—a superstição do dandysmo.

Esta superstição é, removido dos interiores de estufa para o ar livre das praças, o fructo da civilisação *de boudoir*, que nasceu na Provença com as côrtes de amor, atravessou cheia de finura, de malícia e de elegancia os palacios dos principes na Italia, tornou-se pomposa e épica na Hispanha e foi acabar o seu primeiro periodo, o periodo nobre da sua existencia, nas ceias de Marly e d'Auteuil, em França.

Depois d'isso principiou para a civilisação de *boudoir* o periodo de democratisação; e o que até o seculo passado se chamava ainda a *çavallaria* principiou a tomar os diversos nomes por que até hoje tem sido successivamente designado o *dandysmo*.

Extinctas as tradições da antiga nobreza feudal, principios novos começaram a reger a elegancia, o teor de vida, o espirito de conversação, o traje e as maneiras. O velho ideal da honra, do amor, da



bravura foi-se pouco e pouco obliterando. O cavalleiro e o trovador primitivo modificaram-se successivamente até se chamarem o conde de Chesterfield, de que Richardson tirou o seu Lovelace, e lord Byron, que copiou de si mesmo, ao espelho, D. Juan, para virem a acabar definitivamente — porque se não pode descer mais na escala dos seres — no moderno *crevé* ou, como se está cantando n'um *couplet* celebre no boulevard: — no *petit bonhomme pas plus haut que ça!*

A litteratura peculiar d'esta civilização seguiu a mesma evolução que trouxe o homem desde o paladino coberto de aço até o *estoiradinho* forrado de um *maillot* de seda. Deve-se-lhe o soneto, o dithyrambo, o madrigal, o elogio academico, o sermão florido, a *Dama das Camélias*, os romances de *cocotes*, o discurso parlamentar da presente legislatura, a poesia *Espinhos d'Alma*, e a secção noticiosa do *high-life*.

Os sentimentos e os costumes obedeceram aos mesmos impulsos que affectaram as creações litterarias. Ao amor seguiu-se a galanteria, á galanteria a affectação, á affectação a frivolidade, á frivolidade o egoismo, ao egoismo a perversidade macia, o vicio delicado e correcto.

A altivez poderosa da nobreza feudal e das velhas aristocracias monarchicas produziam no povo os vi-

cios grosseiros, mas davam tambem os rancores intransigentes dos burguezes, o espirito de lucta e de rivalidade, o fecundo amor de classe, elementos de que sahiam as honradas dynastias dos negociantes e dos mercadores da Renascença e a rigidez democratica da Revolução. O burguez, mercador, negociante ou letrado, tinha então a sua personalidade distincta, fortemente accentuada, o seu typo especial, os seus usos domesticos, as suas tradições de familia, o seu traje, as suas modas, que não se confundiam nunca nem elle queria que se confundissem com os usos e os costumes, as tradições e as modas da nobreza de espada. O povo pela sua parte accumulava na servidão o immenso odio que afo-gou no sangue de 93 as velhas instituições tyrannicas.

Abolido o poder aristocratico, cahiram pouco e pouco os intrincheiramentos em que se fortificavam as classes subalternas. A distincção característica dos typos desapareceu. O modelo-senhor, o ideal-fidalgo, poz-se ao alcance de todos os imitadores sem estirpe, sem linhagem, sem a espada de herança que os outros se habituavam a cingir de pequenos, sem as tradições de valor que os outros apprendiam desde o berço a imitar, sem os retratos de avós e sem as convivencias de familia, em cujas figuras os outros se habituavam logo na infancia a



formar o gesto, a fazer a physionomia, a ganhar as maneiras e o ar.

Burguezes e plebeus começaram então a imitar, até o ponto de se confundirem com e les, os typos cada vez mais degenerados dos antigos senhores de côrte e de guerra. Os verdadeiros fidalgos, pela sua parte, sem o prestigio que lhes dava a protecção do cesarismo antigo, sem privilegios, sem foros, sem o novo poder que vem da sciencia e do dinheiro, tristes, desalentados, acanalhavam-se progressivamente, facilitando a immergencia das classes novas.

Na burguezia, como cada mancebo queria mostrar-se mais brilhante e mais luzido que seu pae, como cada menina se presumia com mais aristocratico ar que sua avó, a estima e o respeito de familia dissolveram-se. Os bachareis filhos de sapateiros esqueceram-se da casa paterna. As jovens viscondessas, filhas de antigas bacalhoeiras enriquecidas, tendo esposado titulares arruinados, obrigavam as mães a ir morrer de tédio para sitios longinquos onde o cheiro do seu antigo commercio não nau-seasse a gente limpa.

Como no seio de uma sociedade moralmente constituida por este modo faltava um pouco a comprehensão da dignidade e o sentimento do dever, para substituir essas cousas perante o respeito e perante a consideração imaginou-se a ostentação e o fausto

como medida geral, e, não havendo o ar, inventou-se a moda; não havendo a elegancia, creou-se o *chic*. E assim foi que nasceu o dandysmo contemporaneo.

A fascinação exercida por esse novo poder social é de tal modo profunda que merece ser assinalada. O dandysmo é o *in eo vivimus et sumus* do tempo moderno. É pelo dandysmo-apparencia que havemos de ser vistos, é pelo dandysmo-conversaço que havemos de ser ouvidos, é pelo dandysmo-arte que havemos de ser lidos nos livros e olhados nos quadros, é pelo dandysmo-codigo que havemos de ser processados, approvados ou excluidos no tribunal da opiniào.

O dandysmo tem penetrado em toda a parte como a intima essencia da vida moderna. Tudo lhe está subordinado. Não é só o traje. É a casa, a mobilia, a hora de comer e de dormir, o numero e o sexo dos creados, os usos domesticos, a forma do travesseiro e a do *prie-dieu*, o penteado da nossa mãe, a religião da nossa mulher, a educação dos nossos filhos, as nossas convivencias, as nossas antipathias ou as nossas predilecções, os nossos prazeres e o nosso trabalho.

Escolhei o salão de Lisboa em que se reünam as pessoas mais dignas, mais intelligentes e mais sen-



satas, e apresentae ahi pela primeira vez um homem desconhecido das pessoas que o vão receber. Fazei préviamente o retrato moral d'esse homem. Seja a mais esclarecida intelligencia e o mais honrado character, uma natureza privilegiada, energica e amante, dedicada e forte—o ideal perfeito do homem. Que em seguida appareça a *rara avis*, e que tenha joelheiras nas calças e um fraque antigo de panno preto rapado pelo uso, com reflexos brancos nas costuras, enfiado nos hombros e com mangas até os nós dos dedos! Bastará esse fraque e essas calças para que a presença do desgraçado manche como uma nódoa o logar que occupa no tapete; e será um bom negocio infallivel para elle apostar uma casaca á moda e umas calças novas que de entre cem meninas nem uma só lhe dará um sorriso benevolo e um aperto de mão affectuoso, se elle se atrever—o que não é crível—a sustentar por um momento o confronto do seu aspecto com o dos homens á moda, penteados á Rabagas e vestidos por Poole, que conversam com as senhoras, sentados defronte d'ellas, dobrados para deante, tendo os cotovellos nos joelhos, e pegando-lhes familiarmente nas mãos para examinarem um anel ou para darem o seu voto ácerca de uma particularidade interessante na *toilette* das unhas.

Esses bellos senhores, de apparencia tão nitida,

tão grave, tão fresca, tão perlumada, têm talvez defeitos que revoltariam a nobre alma do das joelheiras; são, por exemplo, pusilânicos, poltrões, cobardes, grosseiros, mentem de quando em quando, calumniam uma vez ou outra, e o contacto d'elles emmurchece e queima a fina flôr da candura na consciencia das pobres meninas exaltadas que os admiram. Não importa. Muitas senhoras sabem tudo isto, e não obstante—em particular não, mas em publico—todas ellas transigirão mais facilmente com uma infamiasita elegante do, que com umas joelheiras ridiculas.

Supponhamos ainda que o vosso apresentado se senta á mesa do jantar, e que parte o pão com a faca, que faz o mesmo ao peixe, que confessa nunca ter provado os vinhos do Rheno, que não gosta de espargos, que deita gêlo no Bordeus, que o não distingue do Borgonha, que separa as trufas do peito da codorniz e as deixa ficar na borda do prato... Oh! então elle, que primeiro fôra apenas desprezado, torna-se odioso e repulsivo. As senhoras a quem fôra apresentado, voltarão a cara quando o encontrarem na rua, os homens não lhe tirarão o chapéo; e o conceito em que o terá toda a gente será o de uma nullidade indecente.

Para penetrar, para fazer caminho, para chegar



a ser alguma cousa, não ha outro remedio: é preciso ter a pratica da elegancia, ter os habitos do luxo, gostar do que é bom, ter bebido Johanisberg com pasteis de truta e com filetes de salmão, ter tido as enxaquecas do Champagne, as irritações das trufas, o refrigerio dos espargos, as convalescências de simples gallinhola e de vinho de Bourgogne. É preciso ainda conhecer: os estôfos e os tecidos da moda, as tapeçarias de Gobelins, os setins de Lyon, as rendas, os quadros, as mobílias e as suas respectivas épochas, o estylo gothico, o estylo Renascença, o estylo Rococo; as armas; os vidros de Veneza e da Bohemia; o antigo e o moderno Sevres, o antigo e o moderno Saxe, a faiança Palissy, os *biscuits* de Weidjood; os esmaltes de Limoges; os nomes por que se distinguem os diversos generos de carruagens, e as diversas maneiras por que se atrelam as parelhas; as principaes raças de cavallos e de cães de caça; os primeiros fornecedores da *toilette* e da perfumaria; a sciencia de dictar um *menu*, e a arte de governar um *cotillon*.

Estas diversas noções constituem o curso do dandysmo, que habilita muito mais do que qualquer curso universitario. O dandysmo abre o caminho das collocações mais rendosas: a diplomacia, as empresas de crédito, as direcções de caminhos de ferro, as agencias financiaes. Deante de um perfeito

dandy solidamente garantido, — com mais de quarenta annos de idade, com cabellos brancos, com uma irreprehensivel *toilette*, com um coupé de Blinder, um *valet de chambre*, meia duzia de altas relações em Paris e em Londres, — os governos portuguezes sentem uma vaga sensação de respeito e de timidez, a imprensa inclina-se, as mulheres estremecem. É uma especie de realza com os seus aulicos, os seus servidores, as suas damas de honor e os seus bobos. Não tem o criterio scientifico nem o talento pratico, não sabe manejar nem as idéas nem os homens nem os negocios. É a nullidade enthronisada pelo dandysmo. Não governa, mas reina, e é para elle que o povo, não querendo chamar-lhe reinante, inventou a palavra *reina-dio!*

O que na sociedade portugueza torna os homens differentes não é o nascimento, nem a intelligencia, nem o character, é o dandysmo. O dandysmo tem a sua aristocracia, a sua classe média e o seu povo. A egualdade social desaparece deante do predomínio que cada uma d'essas classes exerce sobre a classe inferior por via da *toilette* e do teor da vida elegante.

A distancia que separava o antigo servo do senhor feudal não é mais profunda que a que separa



hoje o gaiatito de pés nús, rôto e immundo, que apregôa jornaes no Chiado, e o menino da mesma idade, que passa calçado em meias de seda e botinas envernizadas, com knickerbokar de velludo e chapéo tyrolez carregado no ôlho. Entre este pequeno personagem, aristocraticamente leiro, creado com dôces e agua morna, lymphatico, de olhos doentes e mãosinhas brancas, molles e suadas, e esse outro ser denegrado, de cabello intonso e aspero, de pés ossudos e descarnados como os de um velho, com a pelle mordida pela *vermine* e pela sarna, e cartonado em lama, ha um insondavel abysmo, que a legislação não enche, ha uma barreira insupperavel, que a democracia não transpõe. Esse menino bonito e bem trajado ha de toda a sua vida dominar, mandar, tratar por tu o pequenito rôto, o qual nem sequer se lembra de lhe ter inveja, a tal ponto o considera um ente superior mais proximo dos anjos que dos gaiatos!

Isto não é uma fatalidade social, porque em New-York, por exemplo, não ha creança nenhuma nas condições dos pequenos pobres de Lisboa. Em New-York toda a creança empregada nas pequenas industrias, como a venda dos phosphoros, dos jornaes, etc., tem um albergue onde uma grande sociedade de beneficencia lhe ministra uma ceia, a cama e o almôço por um preço minimo, que a

creança satisfaz quando quer e quando pode, segundo o estado da sua bolsa, e do seu negocio. N'estas casas sábiamente instituidas e governadas de um modo que faz a gloria de New-York, o pequeno que vae pedir uma cama para passar a noite começa por ser introduzido n'um confortavel quarto de banho, onde encontra agua quente, sabão, esponjas, pentes, escôvas, o necessario para lhe dar a consolação hygienica do asseio, antes de comer e de se ir deitar em uma cama tão fresca e tão asseada como a de um *gentleman*. De sorte que o rapaz da rua, ao voltar pela manhã ás suas occupações ordinarias, não se considera inteiramente como um bicho asqueroso que sahiu do interior de um buraco immundo. Além d'isso as senhoras de New-York consideram como a ostentação mais brilhante do alto luxo e do fino gôsto as festas sumptuosas dadas em honra dos pequenos pobres. Assim os rapazes da rua são frequentemente convidados em turmas ou em massa a irem passar um ou mais dias nos palacios e nos jardins das pessoas mais ricas do mundo. Por occasião d'essas festas visitam os aposentos mais elegantes e mais luxuosos, comem os mais finos jantares, provam os vinhos delicados, são servidos por creados de librés recamadas de ouro, vêem os museus, os quadros, as bibliothecas. Outras vezes proporcionam-lhes pequenas viagens e



digressões de recreio, por mar ou em caminho de ferro; mostram-lhes os portos e as cidades mais notáveis, fazem-os visitar os monumentos, os theatros, as fabricas, as officinas, os estabelecimentos celebres. O rapazinho da rua desenvolve por esse modo os elementos da instrucção que recebeu na escola; apprende muitas cousas, provê-se de observações, de factos, de idéas; familiarisa-se com as pessoas mais educadas e espira a imital-as, aperfeiçoando-se pelo estudo, pela morigeração, pela economia e pelo trabalho. E quando encontra no seu caminho um menino burguez, vestido de velludo, o gaiato de New-York não o considera como um ente á parte da infancia a que elle pertence, como um anjo de altar ou um cão de regaço; considera-o como um igual; e, no ponto de vista do dandysmo, o gaiato rôto e de pés nús acha-se superior porque, no fim de contas, tem melhores relações, tem sido convidado para mais palacios, tem entrado em mais brilhante salões, tem viajado mais, tem tido mais banquetes e mais festas; e se a mamã do menino de velludo quizer noticias do *high-life*, elle, pé-descalço, pode informal-a.

Em Portugal o ingresso no mundo elegante está longe de ser assim gratuito para os pobres, como a instrucção obrigatoria. Custa caro ser ou fingir que

se é recebido. É preciso ter certas noções do que se passa para poder conversar, estar ao facto, ter um logar na Opera, vêr as peças novas nos outros theatros, pagar um coupé nas noites de lama, ter uma provisão de meias de seda, de bons charutos, de luvas côr de perola, de sapatos de baile; e para não parecer um parasita, um *japonez* como agora se diz, é ainda preciso convidar tambem de quando em quando, ainda que não seja senão para o restaurant, para um almôço ou para uma pequena ceia a Champagne, com um ramalhete e umas luvas de mulher sobre a toalha.

— Oh! perguntar-me-hão, mas quem é que não pode, com uma certa ordem, com alguma economia, fazer face em Lisboa a esses pequenos gastos de rapaz?

Esses pequenos gastos, leitor amigo, são em Lisboa as enormes despesas.

Uma senhora nossa amiga, falando-nos o outro dia da miseria, explicava-a pela falta de gôsto nas classes baixas. «Faz-me tristeza o pouco tino com que vejo arrançadas as casas pobres. Era tão facil tornal-as bonitas e agradaveis, sem despesa nenhuma! Que lindos interiores pobrissimos se não podem organizar, com papel de tostão a peça, com cortinados de chita, uma pequena mobilia de pinho, envernizada sobre a propria côr da madeira, com



simples filetes azues, e um vaso das Caldas com um ramo de rosas ou de lilazes!»

Em França havia tambem uma princeza que dava este remedio aos que se lhe queixavam de não ter pão para comer: «Que comam brioches!»

Queres saber, leitor, o que custam os pequenos gastos da vida elegante? qual é o orçamento do dandysmo? Lê os periodicos dos ultimos dois mezes. Nenhuma nova industria se creou, nenhuma importante fonte de trabalho e de riqueza se tratou de explorar. Não se agriculturam mais campos nem se abriram mais officinas. No emtanto que immensa exploração do dinheiro pelo dinheiro! Do dinheiro de uns pelo dinheiro dos outros! Para que uma quinta parte dos exploradores enriqueça é preciso que os quatro quintos restantes se arruinem. É um jogo desenfreado com proporções enormes.

As empresas bancarias surgem de toda a parte com um character epidemico, aterrador. São o banco de Bragança, o banco do Alemtejo, o de Guimarães, o de Chaves, o de Villa Nova de Gaya, o banco Nacional, o Portuguez, o do Commercio e Industria, etc., etc. Só em Lisboa, no espaço dos ultimos oito dias, fundaram-se quatro bancos e projectaram-se seis!

Além d'isso ha o jogo de fundos. Em Lisboa

abriu-se a *Bolsa da noite*, uma casa com o aspecto de um *tripot*, marcada com uma lanterna, na rua do Almada. No Porto, além da Bolsa da praça, ha a *Bolsa official*, o *Bolsim official*, a *Bolsa central* e a *Bolsa da tarde*.

Não ha negociante ou capitalista que não tenha jogado á *baixa* ou á *alta* dos fundos hispanhoes. Nomeiam-se confidencialmente os jogadores insolventes, os corretores comprometidos, os banqueiros arruinados. Os periodicos referem ainda a fuga de differentes empregados que desviaram os fundos que lhes estavam confiados.

Todos esses phenomenos têm uma origem common: o amor da ostentação e o desdem do trabalho.

Uma ambição fanatica, sem energia para as fortes resistencias e para as grandes luctas, appellando na sua inercia para o milagre economico: tal é a nossa attitude social.

A par d'isto um unico exemplo de desinteresse: o sr. Alexandre Herculano e o sr. conde do Casal Ribeiro escrevem—de graça—cartas platonicas ácerca de *agricultura*, e dirigem essas cartas ao sr. Carlos Bento, o qual as recebe—egualmente de graça.

Tendo-se geralmente um rendimento inferior á



despesa, quando as especulações abortam appella-se para os supprimentos eventuaes, para a loteria, para os recursos do crédito; conta-se com a promessa de um emprego, com a morte de um tio; contraem-se empréstimos, assignam-se lettras de cambio ou obrigações de fiel depositario para garantir a restituição em prazo dado do dinheiro levantado no agiota. Estas transacções repetem-se e complicam-se. Antigas contas de fornecedores esquecidos apparecem. Inventam-se as evasivas, as desculpas, os subterfugios, os promettimentos. Tornam-se vedados certos sitios habitados por crédores exigentes. Os prazos fataes de uma liquidação irremediavel approximam-se. Compram-se successivos bilhetes da loteria, que saem brancos. Vae chegar finalmente a penhora, a prisão. Ha um supremo expediente para que appellar: o soccorro de um velho amigo, de um parente rico. Esse expediente falha. Os parentes desculpam se, os amigos esquivam-se. É a semana fatal de que fala Balzac. Tenta-se um derradeiro esfôrço ao jôgo, e perde se na roleta a ultima libra. Occorre então a idéa do suicidio, mas geralmente prefere-se a embriaguez. Perde-se então, como dizia Juvenal, o respeito á pobreza. No mez seguinte, quando se não está na cadeia ou no hospital, está-se na crápula e na miseria, sem roupa branca, sem banho, abotoado n'uma sobrecasaca

cheia de nódoas, com os dedos ennegrecidos do cigarro, o cabello immundo empastado do suor da batota e da poeira do macadam, as botas rôtas, os dentes sujos, e o espirito conformado á repulsão e ao desprêzo.

Nas mulheres a preocupação do dandysmo compromette apenas o criterio, o senso moral, os principios da educação.

Em Lisboa, nas altas classes, as meninas são em geral mais instruidas do que os homens. Sabem musica, sabem as linguas, falam o inglez, o francez, o italiano, escrevem adoravelmente, no mais bello cur-sivo inglez, com uma grande propriedade de locução e com os mais finos toques de estylo. Têm incomparavelmente mais graça, mais agudeza, mais alegria, mais scintillação e mais espirito do que nós. Infelizmente porém, como ellas são educadas em vista mais do exito e do applauso na sociedade do que do logar que têm de occupar na familia e na casa, faltam-lhes conhecimentos praticos, noções positivas e claras, principios solidos que sejam a base do seu character e o ponto de partida do seu criterio. Os conhecimentos litterarios que recebem, aliás imperfeitos e superficiaes, não constituem para ellas uma habilitação domestica, uma utilidade na familia. Na Edade-Média as senhoras da nobreza eram



muitas vezes as leitoras, as secretárias de seus maridos: era com esse fim que tinham uma esmerada educação litteraria, sabiam o latim, conheciam os antigos poetas e os moralistas, estudavam em livros traduzidos do arabe os elementos da physiologia e da meteorologia. Taes foram os estudos seguidos pelas condessas de Champagne, pela mãe de Godofredo de Bulhões e por Heloisa, a amante de Abelard. As mulheres romanas, educadas por escravos instruidos e lettrados, recebiam as mesmas licções que os homens, estudavam nos mesmos livros. As raparigas pobres iam ás escholas publicas no Forum, juntamente com os rapazes, como presentemente na America. A meiguice, as sensibilidades, as morbidas ternuras eram attributos exclusivos da cortezá. As mulheres de Plauto nunca são contemplativas, nem scismadoras, nem timidas; têm o ar reflectido e deliberado, e as palavras firmes e viris. Em França as mulheres celebres pela sua influencia de salão no gôsto, na arte e nos negocios publicos, eram superiormente instruidas. Os biographos de Madame de Sévigné attribuem as suas exemplares qualidades de esposa e de mãe, a sua rigida e inviolavel dignidade de mulher no meio das seducções que a cercaram, á grande elevação do seu espirito, á sua vastissima erudição, aos seus constantes e profundos estudos.

A missão das mulheres modernas é muito complexa. A vida democratica das sociedades actuaes exige da esposa os conhecimentos mais praticos. É preciso que possua todas as noções da economia domestica, que saiba escripturar as suas despesas, dirigir os seus creados, alimentar sua familia, educar a infancia de seus filhos. É preciso além d'isso que tenha a cultura indispensavel para se poder entreter a si mesma, para exercer a actividade intellectual, para se não aborrecer quando estiver sózinha, para poder acompanhar seu marido para qualquer parte do mundo, e estar habilitada para reorganisar, em qualquer sitio que seja, um forte centro moral de que o seu espirito deve ser o foco. Precisa de ter aptidões especiaes, precisa de ter conhecimentos e idéas.

Ora a educação geral, inspirada pelo dandysmo, dá instrumentos para adquirir as idéas, ou para as transmittir, como são o conhecimento das linguas e a facilidade da redacção e da escripta, mas não dá as idéas, as quaes deviam pelo contrario constituir a base fundamental da educação feminina.

De que serve a uma mulher na convivencia de seu marido ou na de seus filhos a faculdade secundaria de poder exprimir em quatro ou cinco linguas differentes o enredo de cem ou duzentos romances, que são todo o fundo da sua riqueza mental? Co-



mo ha de ella, com esses unicos recursos intellectuaes, actuar sobre o mais simples incidente da sua vida domestica?

Imagine-se, por exemplo, uma noiva no primeiro semestre do casamento, em plena florescencia conjugal. Ella e seu marido adoram-se. Têm um delicioso interior de casa, fresco e delicado como um estojo do mimo. Jantam em *tête-à-tête*, sob o abat-jour de um candieiro de aço, em pratos de Sevres, n'uma salinha quadrada com tapete estrellado de botões de rosas. Ella tem todo o encanto da *toilette*, as mangas de setim justas, côr de perola, para cima das quaes se voltam os punhos brancos; as mãos finas, esguias, pallidas, com unhas côr de rosa; um ramo de violetas no peito, mettido no vertice de um angulo de *tulle*; a madeixazinha da provocação, fôfa, sêcca, perfumada, cahida na testa.

Ha porém uma pequenina nota que desafina d'esse concerto elegante:—a sôpa não sabe bem, tem um segundo gôsto de caçarola suja, e o aspecto da mais graciosa mulher do mundo não pode obstar a que pensemos no esfregão e na agua morna engordurada da lavagem dos pratos. Admoesta-se o cozinheiro, mas o terrivel phenomeno persiste, contamina-se mesmo a outros pratos. Substitue-se a bateria da cozinha por uma bateria nova,

mas a tremenda calamidade volta. O jantar enjôa. Ao cabo de dois mezes de insistencia n'este regimen, não é só o jantar que se torna enjoativo, é a casa, o ramalhete das flôres que está no centro da mesa, o guardanapo, o copo, a pessoa que está defronte de nós, o seu ar, a sua *toilette*, a sua physionomia. Sobre todas essas cousas se dilue a influencia fatal de uma caçarola que persiste em pôr mau gôsto. A esposa procura distrahir a attenção do esposo de cima d'este incidente vil. Manda-lhe um beijo nas pontas mimosas dos seus dedos, diz-lhe palavras ternas: «Augusto, como eu te amo!» Mas elle contempla os beiços que articulam essas doçuras e ajuiza baixinho que elles devem saber como os d'elle á caçarola pertinaz, insistente n'um cheiro que não é bom com uma paixão igual á que se pode pôr n'um amor que não é legitimo.

Ora quando uma caçarola chega a tomar esta resolução desesperada, é inutil laval-a, esfregal-a, lustral-a, escaldal-a, ferver-a: o gôsto que ella communica é cada vez peor. Ha um meio unico de obrigar a caçarola a transigir.

Sabem as meninas bem educadas em Lisboa qual é esse meio? Não sabem. Querem que nós lh'o digamos? Tambem não querem.

Pois fazem mal! A nossa existencia está essencialmente ligada á caçarola. A caçarola é o princi-



pio fundamental da vida pratica. É da caçarola que depende a saude, o trabalho, a alegria, o talento e até o amor.

A simples falta de nitidez no fundo de um tacho basta com a sua acção lenta e occulta para dissolver a familia pelo tédio e pelo desprezo.

A vida solta de muitos maridos, o seu despêgo da casa conjugal, os seus habitos de café, as suas relações illicitas são frequentemente os resultados accumulados d'este simples facto domestico — a caçarola com mau cheiro.

Sim, minhas bellas senhoras, saber desinfecar uma caçarola é tão importante cousa para a felicidade de uma mulher, para a dignidade da sua casa, para a estima e para o respeito da sua pessoa, que nós, no fim de contas, não podemos deixar de dizer como isso se faz, mesmo áquellas que menos quizerem saber-o!

É muito simples: Pega-se na caçarola, mette-se-lhe dentro um carvão acceso, e tapa-se hermeticamente. A braza, apagando-se, absorve os gazes contidos na vasilha, e esta fica inodora.

Estamos ouvindo d'aqui as finas ironias, os agudos epigrammas, as frescas risadas cheias de desdem e de perolas com que nos hão de pagar a posse d'esta preciosa neção chamando-nos bicho de cozinha, descobridor do segredo de limpar panellas!

Oh! mas como nós riremos também! Porque é exactamente a isso que queríamos chegar: a vê-las escarnecer, como sendo uma cousa desprezível e abjecta, um facto perfeitamente scientifico que muitas cozinheiras ignoram, mas que todas as senhoras da aristocracia ingleza apprendem em pequenas, quando estudam as propriedades dos corpos, na chimica elementar!

Merimée nas suas *Cartas a uma desconhecida* escreve as seguintes linhas memoraveis: «Estive n'um baile dado por um dos meus amigos a todas as comparsas da Opera. Vi e estudei de perto essas mulheres: ha apenas um vicio que as distingue das senhoras da melhor sociedade. Esse vicio é a pobreza.»

Que se conclue d'estas palavras terriveis? Que as senhoras da sociedade conhecidas de Merimée tinham sido educadas — como as comparsas da Opera.

Ao tempo porém a que Merimée escrevia estas linhas achava se talvez em Paris Lady Morgan, ácerca de cuja instrucção e de cujo espirito bastará dizer-se que os seus livros de critica da arte são por alguns considerados como superiores aos de Taine. Lady Morgan vestia com tão original e fina elegancia as *toilettes* de *soirée*, que de uma vez, em



um salão, algumas senhoras parisienses ousaram perguntar-lhe quem era o seu costureiro. Soube-se então que os vestidos de Lady Morgan eram feitos por ella.

Assim se explicava o extraordinario bom senso, o profundo criterio philosophico dos seus livros. Que admirava sahir a obra perfeita, quando o auctor era a mulher completa!

Ora eis ahi uma senhora que Merimée não confundiria com uma comparsa.

Em Portugal não sabemos qual é o vicio que distingue as mulheres das differentes jerarchias sociaes. O vicio que as confunde esse sabemos que é o dandysmo.

Applicado á educação das mulheres, o dandysmo, como vimos já, dá instrumentos mas não dá idéas. As idéas não se tiram das linguas, nem da musica, nem dos romances. As idéas criam-se no conhecimento do mundo physico e do mundo moral, nos estudos da natureza e da sociedade, na physica, na chimica, na botanica, na geologia, na physiologia, na historia. As idéas criam-se principalmente sobre a intervenção do nosso espirito nos problemas da vida pratica.

Encarregae uma senhora intelligente de ensinar a instrucção primaria a seu filho ou a seu irmão, incumbi-lhe a complicada direcção de uma cozinha,

interessae-a na exploração horticola de um jardim, na piscicultura de um lago, na classificação dos insectos e das vegetações de um parque, dae um emprego util, pratico, sensato, superior, ao exercicio das suas faculdades, e essa mulher adquirirá dentro de um só anno mais principios solidos mais idéas profundas do que as que poderia grangear durante a sua vida inteira passada a receber em casa licções de piano e a correr na rua as lojas de modas.

Meninas que não têm idéas aggravam esta falta pretendendo ter ideal.

Que ideal, santo Deus!

Ellas imaginam possuir um ideal na musica, na poesia, na pintura, na arte. Pobres meninas, como se enganam! A arte é uma interpretação da natureza feita, como diz Proudhon, em vista do nosso aperfeiçoamento intellectual e moral. Como ha de pois entender a arte quem desconhece absolutamente os interesses do mundo moral e os segredos da natureza physica?

Cuidam ter um ideal domestico, suppõem poder crear sob a realisação do seu desejo um perfeito interior de casa. Como?

Na parte material ignoram as artes do desenho e do ornato, de que procedem as leis da harmonia nas formas e nas côres.



Na parte economica não sabem contabilidade nem escripturação. São absolutamente inaptas para fazer um orçamento, para dar um balanço, para organizar o trabalho essencial de uma simples conta geral de receita e despesa.

Na parte hygienica ignoram tudo: a questão do ar, a questão do banho, a questão dos alimentos. Não poderiam precisar as condições em que deve achar-se um quarto de dormir. Não estão habilitadas para determinar qual deve ser a temperatura da agua com relação ao modo como tem de operar um banho, e pensam geralmente que a agua fria constipa quem tem calor.

Dos problemas da cozinha são ordinariamente tão ignorantes como se fôsem cozinheiras. Não sabem qual é chimicamente a differença que existe entre um prato de legumes e uma fatia de roast-beef. Não sabem qual é a relação physiologica entre a alimentação e o temperamento. Não podem de modo algum ordenar e regular technicamente um jantar, porque não sabem como é que opéra no organismo de quem o come a acção de cada uma das substancias de que elle se compõe. De resto, nunca lhes passou pela mente que o homem com quem se casarem possua um tubo gastrico, nem comprehendem em que parte do seu corpo elle esconderá o fígado, se o tiver!

Estão igualmente convencidas de que comprehendem o ideal no homem. Mostrae-lhes tres ou quatro entes vivos da nossa especie, e dizei-lhes que escolham entre elles o que mais se approxime do seu typo ideal: de entre cincoenta meninas de dezoito annos, quarenta e nove escolherão exactamente o mais tôlo, o mais ridiculo, o mais feio! Porque? Porque o julgam pelo mais falso criterio: pela convenção litteraria dos romances e pelas gravuras de modas.

Da falta de idéas produzida nas meninas pela preocupação do dandysmo não resulta sómente o ignorarem o mundo externo, resulta ignorarem-se a si mesmas!

Perdem a personalidade. Não têm propriamente uma existencia. Não vivem de si. O que fazem no mundo é apenas representar um papel. Falta-lhes a poderosa concentração moral, subjectiva, psychologica. De sorte que os homens instinctivamente não as tomam a serio, não lhes confiam os seus segredos, não lhes falam nunca das cousas graves e sérias da vida, em que se tempera o character, em que se eleva a intelligencia, em que se forma o senso moral. Não trocam nunca com ellas pensamentos, observações, idéas. Dizem-lhes novidades, contam-lhes pequeninos escandalos, tecem-lhes lisonjas, e,



se as vêem muito frequentemente, como não têm mais nada que lhes dizer—namoram-as.

Taine diz que é impossível com as meninas inglesas, mesmo ao homem mais vaidoso, tratá-las de outro modo que não seja como irmãs. E isto porque? Porque ellas não pensam na *toilette*, nem na belleza. Vivem de si. Não têm papel que representar. São plenamente sinceras nas suas opiniões e nos seus actos. Querem principalmente instruir-se, apprender, tornar-se uteis. Nos museus e nas galerias de quadros vê-se frequentemente as meninas mais graciosas e mais bellas tirarem das competentes caixas os seus oculos, e collocarem-os como velhos advogados que vão lêr e estudar um processo. Têm uma infatigavel actividade de espirito. Passam seis mezes do anno em uma casa de campo sem nunca se enfadarem, porque não estão nunca ociosas; remam, pescam, colligem insectos, fazem excursões botanicas ou geologicas, desenhão, pintam aguarellas, fazem gravuras a agua forte, lêem as revistas scientificas, e nunca—mas pela palavra nunca!—põem seus olhos n'um jornal de modas.

Vestem-se mal, caminham como granadeiros em marcha, têm os pés grandes, e representam têt-os ainda maiores com as suas longas botinas de grandes bicos e tacões rasos. É verdade. Por esse motivo têm menos quem as namore, mas em compen-

sação muito mais quem as estime, porque ellas são as mais amaveis companheiras e os mais honrados amigos.

Febrero 1875.

#### XIV

O impulso amoroso no coração lusitano, em vez de impellir a phantasia a voejar por instantes no paiz do azul, excita apenas o temperamento a marcar a fundo, espesso e resfolegante, nas trevas.

A emoção, que deveria ser acariciadora e risonha, adejante e leve como as azas de uma abelha, a portuguez converte-a em uma especie de vesania, de character funebre, parada e fixa como um espantalho, vigilante e sinistra como uma coruja, pesando esmagadoramente em chumbo irremovivel sobre o destino da creatura eleita.

Onde toca o nosso amor, fica uma cicatriz ou uma contusão. Desde que nos enamoramos, cahimos doentes. Apodera-se de nós uma especie de hypochondria erotica, morde-nos o sangue uma ponta esbrazeada de satyriasis, compromettem-se-nos as funcções digestivas, engorgita-se-nos o figado, vem-nos olheiras, e doe-nos a barriga.



Na evolução pathologica dos sentimentos, o amor é o anthraz maligno da nossa raça. Uma vez apaixonado, o portuguez é um enfermo, é quasi um irresponsavel. Perde a faculdade de estar alegre e de estar attento. Torna-se estúpido e sombrio. Devora-o um ciume permanente, e para o alimentar promove elle mesmo toda a especie de crises: mexerica, intriga, mente, calumnía; e, para que verdadeiramente elle se convença de que exprimiu ao objecto amado o sentimento que este lhe inspirou, precisa de lhe ter batido.

Somos inacessiveis á galanteria... Bem sei o que disse Montesquieu: a galanteria não é o amor, é a delicada, a leve, a perpetua mentira do amor... Mas pergunto eu—pobre de mim—o que fica do amor, além das mais profundas e mais horriveis penas da vida, desde que d'elle se arranque a leve, a perpetua, a delicada flôr de que fala o moralista, e que não é tanto como parece uma mentira, uma vez que é um factó psychologico, uma realidade do espirito, concebida, creada, alimentada e vivida na phantasia do homem!

Amar—como deve ser—successivamente ou simultaneamente todas as mulheres amaveis—não com toda a alma, que não é preciso e é inconveniente, mas com esse cantinho de alma, terno, bondoso e galante de que todo o homem bem conformado

tem obrigação de dispôr para estas cousas: — amar, rendido interinamente e *in partibus*, pela espiritualidade de um olhar, pela frescura de um sorriso, pela flexibilidade de uma estatura, pela maneira de pôr ao peito uma rosa ou de envolver no pescoço uma renda, por qualquer, emfim, d'essas multiplas formas superficiaes e ephemeras em que se revela o mimo e o encanto peripherico da mais linda metade do genero humano; amar assim, unicamente para retribuir, unicamente para agradecer á mulher a contribuição que por cada um dos seus dotes de *sympathia* ella traz ao augmento da graça e da doçura com que á providencia benefica aprouve attenuar o aspero rigor da existencia, sem lhe pedir outra qualquer cousa, além do que se deixe ser o que é, como as demais cousas bellas da natureza, como as flôres e como as estrellas; amar assim — digo — é negocio inteiramente incompativel com a arrevezada constituição da nossa natureza sensitiva e cerebral. A haste de que brota em nossa alma a fragil e delicada flôr do affecto, é refractaria á flexibilidade: tocando-lhe o capricho de uma borboleta, ou persiste insensivel, inabalavel e inerte, ou tem uma convulsão de terremoto. No triste destino extremo do nosso coração, d'estas duas cousas uma: ou insensibilidade absoluta, ou derrocada completa.

Victor Hugo escreveu esta linda phrase *Frémir*



*n'empêche pas la branche de fleurir*; mas escreveu a a proposito dos tremores de terra da Andaluzia. Nos tremores da sensibilidade no coração portuguez o ramo esgalha e não torna a dar flôr; desde que a paixão o sacode e o esterilisa, o mais que elle pode dar é lenha.

Guy de Maupassant diz que todo o homem que conserva no coração a chamma dos ultimos seculos, envolve as mulheres em uma ternura profunda, dôce, commovida e ao mesmo tempo viva e agil. Ama tudo o que é d'ellas, tudo o que vem d'ellas, tudo o que ellas são, tudo o que ellas fazem. Ama-lhes a *toilette*, os *bibelots*, os enfeites, as simplicidades, as perfidias, as mentiras e as gentilezas. Ama-as a todas, ricas e pobres, moças e velhas, morenas, louras, magras e gordas: aquella com cujo olhar se encontrou o d'elle fugitivamente e por acaso, a que passa triumphal e morbida ao canto de um caleche, a que vae a pé, diligente, timida ou petulante, com um laço de fita azul no cabello ou com um ramo de flôres no cinto, e a que está parada, pensativa, a uma porta. E estimaria dedicar-se um pouco por todas, pelas que conhece, pelas que não conhece, pelas que nunca viu. Foi para ellas e por ellas que elle aprendeu a conversar e a *ter espirito*, o espirito que passa, o espirito que fica, o espirito que corre as salas, o espirito que vem nos livros. O espirito

que passa, é um dos mais vivos encantos da existencia, é a alegria da vida, é a amenidade dos costumes, é a consolação intelligente, sceptica e amavel. O que fica é o espirito no sentido mais largo da palavra, é o grande sopro expandido sobre um povo inteiro, desde que elle pensa ou que elle fala; é o estro de Montaigne e de Rabelais, é a ironia de Voltaire, de Beaumarchais e de Saint-Simon, é o riso de Molière.

Escusaria de acrescentar que não é portuguez o homem depositario do facho intellectual dos ultimos seculos, ao qual se refere Guy de Maupassant Mas sempre o accrescento e especifico. A Academia das Sciencias, as secretarias do Terreiro do Paço, o Gremio Litterario e os botequins do Rocio não levariam a bem que eu parecesse deixar correr como de um compatriota o retrato de tal homem. Folgo portanto de o repetir: o sujeito da referencia de Guy de Maupassant não existe, senão por ventura em estado de excepção, quer na sociedade, quer na litteratura portugueza.

O unico dos nossos poetas que soube amar com espirito, foi Luiz de Camões, cortezão e aventureiro, soldado e artista, engenhoso e bravo. A sua nobre figura, á qual tão bem diria o elegante verso em que elle proprio define Manuel de Sepulveda, *liberal, cavalleiro e namorado*, domina radiante-



mente aquella *apagada e vil tristeza* característica da sua patria. Nos variados e numerosissimos madrigaes, que matizam toda a obra de Camões, ha um fino sorriso enigmatico, ao mesmo tempo malicioso e meigo, sensual e cavalheiresco, libertino e bom, n'essa expressão tão carnalmente subtil com que os grandes retratistas flamengos da Renascença accentuavam a virilidade intelligente de uma bôcca aristocratica, entreabrindo a n'uma quente palpitação de carmim e arqueando-a com petulancia a cada canto, n'uma aguda ponta de bigode. Essa expressão energica, orgulhosa e dôce desapareceu dos labios descorados do nosso tempo e da nossa raça. Camões é indubitavelmente o unico dos nossos que, adeantando-se ao proscenio com a mão pousada nos copos rendilhados de uma esguia espada de côrte e de duello, a longa pluma azul no sombreiro alvadio, soube dizer sem exaggero emphatico, sem declamação melodramatica, simplesmente a meia voz, niidamente esmorçado, o gracioso *couplet* da ternura.

Poderia continual-o Garrett, mas Garrett tem já o sangue desbotado e empobrecido de um fim de casta: era anemico, e—desdita sobre todas lastimavel n'um artista—era ministro de Estado!

Em tudo mais dentro da poesia amorosa da litteratura portugueza, desde o proprio Bernardim Ri-

beirão, de Sá de Miranda e de Rodrigues Lobo, até o advento do romantismo estrangeirado, falta completamente a espiritualisação alada, o toque de ironia, a graça ligeira e enternecida, o senso galante. Tudo quanto não é pornographia fradesca, é soltura dithyrambica, banalidade pastoril, allucinação hysterica, deliquio methaphysico, choradeira piegas, imprecação satanica, ou simples cantochão.

Antecedentes hereditarios explicam essa particularidade da nossa compleição affectiva.

A lacuna do feudalismo entre as nossas instituições da Edade-Média privou-nos do tirocinio galante da vida de castello, com os seus pagens e os seus menestreis, com as caçadas e os saraus a que presidia a graça da castellã, influindo correlativamente toda uma litteratura heraldica, tendo por objecto, como nos torneios, os direitos da valentia e do amor, e encerrando, com os elementos primitivos da cortezia e da lealdade, todos os germens da futura poesia lyrica e romanesca.

Restava-nos a vida de côrte, de uma tão alta e distincta cultura no tempo de D. Diniz. Mas a vida de côrte suspendeu-se desde o fim do reinado de D. Manuel até os tempos modernos, pela intervenção do dominio clerical nas relações da sociedade portugueza.

A Igreja, dominadora absoluta, com a Inquisição



e com o Santo Officio, reduziu-nos, por espaço de tres seculos, a um povo de beatos, de espiões e de hypocritas.

A palavra galã deixou de correr e tornou-se obsoleta. O amor cultivado na sordidez claustral dos conventos ou commercio com as barregãs, que por um singular instincto de conservação se acolhiam muitas vezes á sombra propicia das cathedraes, não tinha naturalmente nem o mimo artistico, nem o encanto cavalleiroso de que o revestiam em França, desde o tempo da rainha Branca, amada e cantada por Theobaldo de Champagne, os costumes da nobreza.

Desde D. João III até D. João VI, a aristocracia portugueza reza o terço; flagella as carnes a golpes de disciplina; jejua; faz novenas; entôa ladainhas; queima judeus; persegue Camões, Bocage e Francisco Manuel do Nascimento; encarcera Damião de Goes; supplicia Antonio José; arma-se com um ro-sario e com uns bentinhos, em vez de se armar com uma espada; bate nos peitos; roja-se no chão; espiona e prende por conta da Inquisição, e veste-se de farricôco

Em França, atravez da sôlta orgia da velha monarchia, ha a todo o momento um lampejo viril de espadas que se desembainham. Ao menor desaire da dignidade pessoal, *on met flamberge au vent.*

Da alma da cavallaria andante ficou pelo menos na devassidão dos descendentes dos cruzados a marcialidade do brio e o arranque da coragem.

Os de Nemours, os de Guise, os de Beaufort, os de Coligny, os de Jarnac, os de Chategneray, pelo menos batiam-se.

Por mais corrompido que estivesse o character, um ponto ficou illeso e limpido: o da valentia. Do legado da cavallaria ter-se hia talvez perdido a lealdade, mas ficou sempre de pé o valor e a cortezia. Bussy de Amboise não hesitaria um momento em medir a sua espada com a de Amadis ou de Roldão. E todo o fidalgo estava prompto, a toda a hora, a todo o momento, a derramar o sangue e a dar a vida, com uma flôr ao peito e com um madrigal nos labios, pela simples idéa transcendente e abstracta, alheia a todo o interessante e todavia superior a tudo, á qual se convencionara chamar — a honra.

Em cêrca de sessenta annos, oito mil fidalgos francezes morreram em duello. Os proprios *mignons* de Henrique III alinhavam-se para o combate com os *mignons* do duque de Guise, e os cabellos frisados sobre os olhos, a perola negra fixada na polpa da orelha, o espartilho de setim e as rendas perfumadas da gargantilha não isentavam esses filhos do amor, promptos para toda a aventura, de se vararem ás estocadas e de deixarem o seu corpo



de prostituidos tão correctamente estirado no terreno como o dos homens honrados.

Escreveu-se sobre a galanteria um bem piegas e bem insipido livro intitulado «*La carte du pays de Tendre,*» mas n'essa mesma carta o cachôpo em que a todo o momento se esbarra é o da morte.

A noção do valor não era exclusiva da nobreza. Tinha naturalmente passado por infiltração ás classes contiguas. Alguns jovens *abbades* brandiam a espada como jovens mosqueteiros. O cardeal de Retz esgrimia como um *bretteur*, e o litterato Bergerac provocava ao combate, segundo os chronicistas, todo aquelle que olhasse para elle, ou que não olhasse.

Henrique IV, assim como Luiz XIII e Henrique III, prohibiu severamente o duello; mas assignou, só elle por sua parte, sete mil cartas de perdão aos que postergavam a lei. Os que se submettiam aos editos reaes, tendo por fim restringir o direito de morrer, eram desprezados pelo proprio clero. Baseando-se na disposição legislativa, de que quem tivesse de queimar-se de uma affronta recorresse á justiça e não ao combate, um fidalgo bordelez foi dizer a Richelieu que um outro fidalgo lhe escarrara na cara. O cardeal, tomando-o por um braço e pondo-o fora da porta, disse-lhe esta phrase *evangelica*: «Villão, vae-te lavar!»

Em Portugal dava se a inversão opposta: em vez de serem os padres que, para resolver as questões de honra se faziam cavalleiros e cingiam uma espada, eram os cavalleiros que se faziam padres, e andavam de opa e balandrau, pelas novenas e pelos oitavarios.

O seculo xviii, em Portugal tão lugubrememente tenebroso de embiocamento beato, de crasso maugôsto, de nojenta hypocrisia, foi em França dos de mais brilho para a historia do talento e das artes. Da propria Regencia, com toda a sua devassidão, diz Michelet, que atravéz de todos os vicios e de todos os erros, ella tinha esta particularidade benefica e sympathica:—era do partido do futuro. O inimigo era o passado, era a Hispanha representante da Edade-Média, a Hispanha abrazada em fogueiras, a Hispanha que, victoriosa retardaria cem annos a marcha da humanidade, porque teria queimado Montesquieu e Voltaire.

Em França o seculo xviii, é quasi exclusivamente rigido e dominado pelas mulheres. Em nenhuma outra época ellas exerceram no machinismo social uma influencia tão directa, tão profunda e tão decisivamente marcada.

A galante figura de Madame de Pompadour enche toda a época de Luiz XV, e sobresahe d'ella, entre os attributos caracteristicos da sua graça e do



seu talento, como na grande tela em que Boucher a retratou.

Tudo quanto a reveste e tudo quanto a rodeia é obra sua, em que ella imprimiu o cunho indelevel da sua vontade e do seu gôsto; a seda e a forma do vestido, o ponto da renda, o modo de pentear-se, o estylo das joias, das alfaias e da mobilia nos infimos pormenores da decoração e do ornato, a ordem dos sentimentos, a corrente das idéas e a evolução dos factos.

Michelet detesta-a. Essa natureza de cortezã, ambiciosa, calculadora e vingativa, revolta a alma apaixonada e carinhosa do grande sacerdote do amor desinteressado, contemplativo e profundo, envôlto n'uma serena poesia brahmanica santificando tudo — o homem, o lar, a familia, o trabalho.

Mas apesar de todo o piedoso respeito que eu devo ao amado e venerado pae do meu espirito, ao philosopho encantador, ao aliciante estylista da historia da França, o meu capricho não pode deixar de ir, com mal escondida attracção irreprimivel, para essa *fade entretenue, poitrineaire, faneé et molle*, tão duramente expulsa pelo mestre do santuario da sua estima.

A Pompadour é para mim no passado historico um conhecimento galante de philosopho, quasi uma amiga de contrabando, que eu vou de quando em

quando ver, *en escapade*, ás escondidas da minha severa familia intellectual, e em casa da qual, em Bellevue, em Evreux ou em Versailles, francamente me divirto muito tocando as mil lindices da sua colleção de arte, ouvindo-lhe a conversação picante, extra-palaciana, entrecortada dos mais arrojados *pompadourismos*; vendo-a vestir-se e despir-se; ir e vir, em *toilette* de cõrte ou de manhã, de pantufos, no delicioso *négligé*, a que ella deu o nome, e em que a pintou Vanloo; dedilhar um acompanhamento de *volata*, no seu cravo decorado por Boucher; esgaravunhar as suas trinta cartas por dia; desenhar e gravar a buril; estudar ao espelho um papel do theatro de Corneille ou de Racine; offerecer um laço para os copos da espada ao duque de Saxe ou uma cadeira na Academia e uma carta de gentilhomen da Real Camara ao seu amigo Voltaire.

Que me importa a vil intriga contra Maurepas, que ella fez cahir do governo, ou contra o cavalheiro de Ressegnier, que ella fez condemnar a vinte annos de prisão? Que me importa que, recebendo os ministros e o corpo diplomatico estrangeiro, ella chegue á audacia de dizer «Nós» para se referir ao rei, e que nos seus aposentos de aparato em Versailles, em que ella resuscitára para o seu uso toda a etiqueta de Luiz XIV, não haja mais que uma cadeira para que em audiencia ninguem lhe fale senão



de pé? A insolente favorita pertence agora á historia, pertence á litteratura: é do paiz eternamente sympathico em que o amante é sempre o amado, em virtude do privilegio que tem a visão artistica de seguir humilde e fielmente todo aquelle que a evoca, assim como o olhar de um retrato fixa para todos os lados todo aquelle que o contempla, assim como o reflexo da lua espelhada na agua acompanha n'um exclusivismo individual cada um que caminha solitario por uma ribanceira ao luar.

De sorte que, em casa da Pompadour, á falta de cadeiras em que se sente um simples mortal, eu sento-me no braço do proprio fauteuil da soberana, como o marquez de Souvré, ou em cima da sua cama, como o principe de Conty: «*Voila, Madame, un excellent coucher!*»

Á minha imaginação de artista e de dilettante, Madame de Pompadour apparece sem o rigoroso e miudo recorte das suas deformações moraes. Como eu a vejo é na dôce e como que fluctuante claridade de um pastel de Latour, vaporoso e vago, deixando esbater-se e diluir-se no polen avelludante do esfuminho a accentuação do contôrno exterior, e pondo unicamente em luz e em palpitação, o traço essencial, o retrato do olhar ou o retrato do sorrir.

Essa linda mancha, tenra, luminosa e fugidia, enquadra-se aos meus olhos nas mais acariciantes cur-

vas da *rocaille*, entre ondulantes movimentos de leques que se desdobram, de grinaldas que se arqueam, de festões flexuosos que se atam em laçarias, no meio de dansantes e cantantes allegorias campestres e olympicas, n'um torvelinho enfeitado de zephyros, de cherubins e de amores, nadando na mais delectavel luz, na mais larga jovialidade das linhas e das côres de Watteau, de Du Fort, de Oudry e de Falconnet; e o latejante esboceto de mulher vem para mim n'uma melodia de minuete, n'um polvilhamento de perolas e de turquezas, n'um roçar de seda perfumada a jasmim, destacando-se de um fundo de espaço e de tempo, de um fundo de seculo côr de rosa pallido, salpicado de pequeninas flôres azues.

Pobre Jeanneton! pobre Pompadourette! toda a tua enorme audacia de mulher linda, toda a tua ingenua vaidade de burgueza triumphadora, levando-te a passar constantemente a vida *sur les grands chemins*, não impediram que tu mesma chamasses ao amargado redemoinho d'essa permanente e luzida cavalgada — o *grande tormento de viver!*

Quantas invejas, quantas calumnias, quantas perfidias em tórno de cada uma das ambições realisadas e dos desejos satisfeitos d'essa fragil e combatida mulher, que por alguns annos teve o rei de França aos seus pés, submisso e docil como um cão; que



promoveu a guerra dos sete annos ; que montou a fabrica de Sévres ; que instituiu a eschola militar ; que fez triumphar a Encyclopedia, e que pela influencia do seu gôsto determinou a mais bella phase que nos tempos modernos teve a arte da decoraçãõ, fazendo nascer os mais lindos moveis, os mais encantadores estofos, as mais graciosas joias, os mais elegantes, os mais finos, os mais gentis *bibelots* que jámais se fizeram para encanto do mundo e para gloria da França!

Emquanto na côrte de Versailles reinava a galanteria, dando á seducçãõ das *marquises* o dominio absoluto dos espiritos e a direcçãõ dos acontecimentos, os fidalgos de D. João V, com os celebres bandos do duque de Cadaval, do marquez de Marialva, do conde de Obidos, do conde de Aveiras, enchiam as ruas de Lisboa de arruaças nocturnas de fadistas e de caceteiros.

O conde de Tarouca vivia de casa e pucarinho com a mulher de um creado.

O conde de Valladares, disfarçado em trajes femininos, de touca e mantéo, ia dormir no convento de Santa Clara com uma servente da communidade.

Varios padres de alta categoria nos mosteiros ou na Patriarchal tinham tido processos de rapto e de adulterio.

O escudeiro do marquez de Abrantes seguia-o

para toda a parte com uma opa vermelha e uma campainha para que o marquez, onde quer que se encontrasse, pudesse acompanhar o viatico sempre que este sahisse á rua.

Havia praxes consagradas para o namoro: de *estafermo*, de *alcoriice*, de *escudeiro*.

Estava em giro a fórmula familiar: *ter freira*.

A espada, atrophiada em espadim rudimentar e platonico, tomára o nome achincalhante de *quitó*.

O galã das salas, das sacristias, dos outeiros, das grades e das novens chamava-se genericamente e caracteristicamente *bandalho*.

A antiga capa de aventuras, côm de muro de jardim, perdeu a amplidão romanesca, tornou-se estreita e esguia como um balandrau, guarneceu-se de um pequeno cabeção como o das batinas, e passou a denominar-se o *josézinho*.

Os *paniers*, postos em moda pelas damas de Versailles, obscenisam-se sob a denominação portugueza e obstetrica de *guarda-infantes*.

O casquilho do tempo, de uma ignorancia quasi alphabetica, piegas, poltrão, beato, *pelas pias encostado*, *alvo palito na bócca*, *branda varinha na mão*, é fielmente retratado por Nicolau Tolentino em *croquis* á Callot, que são a expressão viva do derradeiro grotesco a que pode chegar a diluição do gajanteio na carolice:



Posto na insipida grade,  
Em almiscar perfumado,  
Todo amor, todo saudade,  
Comendo em dôce babado,  
Os sobejos de algum frade.

Com a revolução e com o reinado da piedosa senhora D. Maria I ainda se afunde mais o gôsto, o espirito, a decencia.

Em Lisboa, onde as idéas francezas se infiltram pelas relações internacionaes da aristocracia erudita e voltaireana e dos homens de sciencia, o Estado persegue como jacobinos perigosos para a religião e para a ordem o duque de Lafões, o abbade Corrêa de Serra, monsenhor Gordo, o padre Antonio Pereira de Figueiredo, Jacome Ratton, João Guilherme Muller, o livreiro Lequens, o livreiro José Dubie, o cavalheiro Lebseltern, o poeta Bocage, Filinto Elysio, todos emfim quantos directa ou indirectamente parecia terem conhecimento do que se escrevia ou do que se pensava em França.

Todos os livros dos encyclopedistas, desembarcados clandestinamente, quasi sempre pela barra de Setubal, são implacavelmente destruidos.

*A Historia de Gil Braz de Santillana* considera-se perigosa para a mocidade.

Tudo é symptoma de jacobinismo para a vigi-

lancia do intendente de policia Pina Manique: ter retratos de mulheres decotadas na tampa das tabaqueiras; estar relacionado com estrangeiros; frequentar os botequins; jogar a bola; usar luvas.

A personagem culminante, a summa influencia na orientação dos sentimentos e das idéas no meio de tal sociedade é o confessor de Sua Majestade a Rainha, pegureiro do rebanho das suas açafates, o adiposo e tympanico arcebispo de Tessalonica, odre de gulodice e de luxuria, transpirando gordura e cio por todos os póros do cachaco a da corôa, escorrendo obscenidade pelos refegos da barba, suando anho, leitão e ovos molles por todos os botões da loba, por todos os gomos do solidéo, por todas as malhas das meias, por todas as costuras dos calções. O braço anonymo que, sovando com um sacco de areia este ex-cabo de esquadra, agora principe da egreja, môdêlo de frades e espelho de cortezãos, o poz por algumas semanas em lençoes de vinho, deixando-o extendido como um cevado morto na matta de Queluz, praticou uma das raras gentilezas salutiferas que as equidades da historia têm de levar em conta de attenuação aos dissolvidos costumes do seculo pôdre.

Que fazem no emtanto as senhoras de Lisboa na grande nitreira que fermenta ao sol, cheirando a



chibo, a incenso e a simonte, sob o rumuroso fer-vilhar das môscas de Manique?

As senhoras merendam sentadas no chão, en-cruzadas na esteira de esparto ou de tabúa.

A comadre e a amiga fazem roda.

Comem-se com a marmelada e com o dôce de calda as mais doçuras do tempo, *feitas por mãos de aneis*: a fructa de siringa com graxe, o manjar real em tigelas coradas, os pasteis de bôcca de dama e as barrigas de freira.

As meninas beberricam licôr e geropigas.

Assistem as môças, a um canto, de roca á cinta, derriçando a estriga, lambendo o fiado, torcendo o fuso.

O *louro* papagueia á janella pedindo pão de ló, ou esbraveja em berros estridentes, de cabeça para baixo, suspenso por um pé.

O tótó, guedelhudo e languido, ou de pêlo curto, amacacado, inteirido, retêso de gordo, velho, com um dente de fora, o pescoço em refegos, o rabo tor-cido em sacatrapos, resomna adormecido nas saias da sua dona.

O frade, de olhos, faceira rubra e pingue, mãos papudas, unguido de transpiração e de nódoas, pre-side sentado de alto ao familiar convívio.

Sobe escada acima á vizinha de frente e a vizinha do lado, a contrabandista, a benzedeira, a vendedora

dos dices, das aguas de cheiro, do alvaiade, dos signaes para o rosto, e o andador da irmandade de Santo Aleixo ou de S. Bento, que vem receber a annuidade paga pelas familias áquelles santos para que elles as livrem dos persevejos e do uzagre.

O frade lê alguns trechos das obras em voga: as historias de Bertholdo, de Bertholdinho e de Cacaseno, o *Lunario Perpetuo* em que se tiram as *sinas*, as prophcias da Madre Leocadia e do I retinho do Japão, ou alguma das farças de cordel, em que são interlocutores: Maranhôa, regateira; Carapota, regateira; Periquita, atravessadeira; um Pinga malsim; um Frangalho malsim; um Ferçura malsim: um escrivão e um almotacé.

Tambem se lêem juntamente com a *Gazeta de Noticias*, que sae de sete em sete dias, e com os folhetos vendidos avulso pelos cegos papelistas do taboleiro da Sé ou dos Arcos do Rocio, algumas obras do classicismo precioso da época, uma das quaes se intitula «*Instantes do heroe subtil e mariano, precursor da mais celestial aurora, trovão da sua primeira graça, raio da sua primeira gloria, luz da sua primeira duvida, etc*»; ou alguma das dissertações amenas sobre os pontos propostos a certamen pela Academia dos escolhidos:—*Se foi tão grande a molestia de S. M. como a affectuosa piedade dos seus vassallos?*—*Se foi n'este reino tão grande o senti-*



*mento da queixa ae S. M. como o gôsto na sua melhora?*

Quando se não lê cantam-se as modinhas brasileiras e os londús chorados; ou se dá á lingua sobre casos de feiticaria e de bruxedos, sobre os escandalos dos conventos, sobre os desacatos que cada dia se perpetram nas duzentas egrejas de Lisboa, sobre as arruaças nocturnas, sobre o adulterio, o incesto ou o sacrilegio da vespera, e sobre o milagre do dia

Além das merendas ha os passeios e as funcções: os oitavarios das canonisações em S. Roque, na Sé e em Todos os Santos; a entrada das esquadras com boiando as náus dos Quintos, que se vae ver do Alto de Santa Catharina; as apparatusas e imponentes execuções na fôrca quasi em cada dia; as procissões de Penitencia, a dos *Fogaréos* e a do *Ferrolho* ou a dos *Nus*; a passagem do prestito de sua eminencia ou a dos coches de sua majestade; as festas da Patriarchal em que cantam os *castrati* e tigem os *menestrins*; os outeiros; os *copos d'agua* nas grades; e os incomparaveis autos de fé, com os seus luzidos cortejos de dominicanos e de inquisidores, as estatuas dos judeus homistados, as carochas, os sambenitos, os diabos pintados em pendões, e os caixotes com os ossos dos que morreram na tortura; a queima do Judas; a visita aos presepios

e ao lagarto da Penha; as tardes de touros; a comedia do Bairro Alto; as Novenas, os Terços, as vias-sacras; a serração da velha; e os alcides, que se mostram ás tardes na rua dos Odreiros, ou que vão pelas casas, mediante ajuste, fazer habilidades, ligeirezas de mãos e extraordinarias posturas do corpo.

Nos conventos sabe-se o que ellas faziam. A este respeito apenas transcreverei uma phrase, breve mas profunda, do reverendo padre Manuel Velho nas suas *Cartas directivas e espirituaes*: «*Em certo convento se metteu a força como é costume. . . Foi freira para adquirir a liberdade para o tracto*».

*Liberdade para o tracto* como traducção de *amor livre* é um portuguezismo precioso, que nenhum de nós outros seria hoje capaz de inventar, e que eu agradeço commovido á vernaculidade de padre Manuel.

*Liberdade para o tracto* é muito bom: lembra egualmente a lingua technica do confessor ecclesiastico e a da mulher profissional de má vida; e em duas palavras diz tudo quanto sobre o assumpto ha que dizer.

Effectivamente durante tres seculos em Portugal, dominado pelo clero, a historia do amor versa toda sobre o conflicto casuistico do cio com o peccado: *De sexto decalogi praecepto*.



A Igreja, dirigente da evolução da nossa mentalidade, estabelece tres especies de prazer de que é susceptivel o homem: o prazer espiritual ou intellectual, o organico ou sensivel, e o carnal, — *delectatio venerea seu carnalis*. E a Igreja entende que estas tres ordens de deleite facilmente se confundem: *Ex una tamen ad aliam in multibus casibus facilis est lapsus*. O ultimo d'estes prazeres é um peccado, e deve-se execrar. Os dois primeiros são uma tentação e um encaminhamento para o outro, e deve-se lhes fugir.

Assim na prohibição da mulher — *voluptas carnalis* — a Igreja comprehende a condemnação de toda a arte, porque a concupiscencia muitas vezes resulta, como dizem os commentadores, *de lectione libri, de inspectione picturae vel sculpturae*.

Obra de arte, obra de poesia, obra de amor, para a theologia tudo é, directa ou indirectamente, a mesma obra, — *opera carnis*, a obra repulsiva e condemnada ao fogo eterno, *in stagno ardenti igne et sulphure*, segundo S. João.

Definido pela Igreja (*recte difinitur*) o amor é o *appetitus inordinatus delectationis venereae*.

Todos os elementos d'esse grande facto essencial e irreductivel, que o grande Goethe tão genialmente denominou a *affinidade electiva da especie humana*, estão methodicamente classificados pela miuda ca-

suística dos doutores da Igreja como outros tantos peccados emergentes do peccado fundamental, — *inordinatus appetitus etc.*

Todas as especies de união entre os dois sexos estão definidas e coordenadas: *De incestu, De stupro, De raptu, De adulterio, De concubinato, De sacrilegio.*

Sobre a natureza mais ou menos diabolica das diversas qualidades de beijos ha todo um corpo de doutrina critica e analytica elaborada pelos mais eruditos e conspicios padres mestres; *verbi gratia*: S. Antonius, S. Ligorius, Sanchez, Menno, Silvius, Camitolus, Salmaticenses, etc., etc.

O simples *shake-and*s entra, com todos os seus successivos desenvolvimentos, no capitulo *De tactibus impudicis.*

A graça da *toilette* — *De ornatu mulierum* — faz o objecto de dissertações especiaes, nas quaes o usar decote se exprime pelo bem fradesco euphemismo *ubera denudare*; e tudo quanto tenha por objecto augmentar a belleza (*augendam pulchritudinem*) se considera peccaminoso intuito de ruina espirital.

A valsa está prevista no anathema *De choreis seu saltationibus*, e como todas as demais dansas é tida por peccaminosa no conceito dos Santos Padres, segundo o declara o pontifice Benedicto XIV.

Egualmente peccaminoso e abominavel é não só



o requinte impudico do monoculo, mas até a simples mirada a ôlho desarmado e nu: *Oculos in formosam alterius sexus personam figere, saepe grave est peccatum.*

Ao gôsto das artes, á pintura e á esculptura tendo por objecto a belleza da figura humana, cabe a condemnação comprehendida no artigo geral *De aspectibus impudicis.*

Os espectaculos publicos e os livros tendo por objecto o amor constituem materia semelhantemente execravel, e os satanicos auctores que taes obras perpe-tram incorrem por via de regra em peccado mortal: — *qui etiam libros non graviter obscenos componunt saepe mortaliter peccant.* E aquelles que, além de provocarem pensamentos libidinosos provocam tambem o riso jovial, duas vezes peccam: como turpiloquentes e como histriões, sendo de notar a este proposito que a excommunhão de que foram objecto os comediantes no concilio Arelatense (anno 314) cahiu em desuso, mas nunca se eliminou dos Rituaes da Egreja. Querem rir vão rir para o meio do inferno, que é lá o logar dos chocarreiros e dos bobos!

Eis ahi, resumidamente expostos, os principios geraes por que, nas regiões orthodoxas da sociedade e da litteratura portugueza, se têm regido, em vir-

tude da preponderancia clerical na esphera do sentimento e na esphera das idéas as questões relativas ao amor.

Ao lado d'essa corrente official e classica na qual depois dos quinhentistas até os tempos modernos o sentimento se funde na hypocrisia, evoluciona a corrente da inspiração popular, em que o amor, como cousa prohibida e condemnada, toma quasi sempre uma palpação de catastrophe, e é cantado em plangentes melopêas, como as lendas dos grandes crimes, ao som lacrimoso do fado.

D'estas condições psychico-sociaes resulta por hereditariedade na emancipada geração contemporanea esta serie de phenomenos:

Nos homens uma tristeza vaga, de seminaristas; uma secreta nostalgia de animalidade espesinhada; um descontentamento surdo, inconfessavel; uma intima revolta pela ruina de prazeres estragados pela analyse excessivamente longa de que foram objecto, sendo preconcebidos muito antes de realizados.

Nas mulheres uma especie de vinco servil, uma curva congenita de humildade accumulada e transmittida pelos ascendentes, um singular desuso de graça trazendo comsigo o desdem dos meios por que ella se exerce e dando em resultado que só por excepcional anomalia se encontre uma mulher portugueza possuindo toda a quantidade de *coquetteri*



que lhe compete. Catastrophe enorme na missão e no destino social da mulher civilisada, cuja primeira obrigação é differenciar a sua individualidade, dando ao typo physionomico que a natureza lhe confiou o maximo desenvolvimento de sympathia e de encanto. Somente a mulher selvagem pode contentar-se em representar individualmente a feição commum da sua raça ou da sua tribu.

Nos artistas e nos escriptores artisticos dá-se pelas mesmas causas um especial atrophiamiento da sensibilidade esthetica; uma resistencia organica para a receptividade do pittoresco e do gentil; uma inhabilidade funcional para a traducção figurativa das cousas exteriores; o empobrecimento do poder creativo; a lacuna da ironia proveniente da inaptidão para sorrir com malicia e com bondade; e, finalmente, essa facilidade, caracteristica e subalterna, de assimillar toda a influção exotica,—propensão de parasitismo symptomatica do morbo a que podemos chamar a nossa —innacionalidade artistica.

Setembro 1879.

## XV

As familias portuguezas acabam de consagrar ás festas do carnaval as competentes tres noites de alegre convívio e de discretos folgares.

As Peres foram todas de *pastoras* a casa das Bragas, as quaes por seu turno foram de *vivandeiras* a casa das Peres.

Passou-se palavra aos homens conhecidos para virem de surpresa á brincadeira intima.

Houve chás abailaricados em casa de ambas as familias.

As vivandeiras e as pastoras conheceram-se logo umas ás outras,—o que derramou sobre todas uma jocundidade geral.

O Pires da alfandega, que é um vivo demonio para estas cousas de mascaras, teve um pensamento lindo :

Apresentou-se todo vestido, de cima a baixo, de cartas de jogar : chapéo de cartas, sapatos de cartas, camisa de cartas e lenço de assoar de cartas.



Mas o fino da idéa — e foi o conselheiro Pedrosa, que estava de estudante de Coimbra, o primeiro que deu por ella — era o logar que o mafarrico escolhera para coser ao casaco o az de copas.

Quando as familias repararam no az do Pires, e viram quanto era de copas, e quanto ficava proprio no sitio em que elle o tinha posto, o entusiasmo não conheceu limites na mansão das Peres por obra de um quarto de hora.

As gargalhadas foram taes que a Peres mãe se engasgou com um papo de anjo que estava a comer com o chá, e a Braga mais nova, a Guilhermina, precisou de ir lá dentro, por que já lhe doía o ventre de rir.

A alegria subiu a pontos de que se tornou preciso que o Pires se sentasse com o az para a parede para se poder arranjar uma contradansa.

As onze horas o Pires, a quem tinham cahido quasi todos os naipes, foi jogar as damas com o pae das Bragas; e as senhoras sentadas nas respectivas cadeiras dormiam com as bisnagas ao collo.

O conselheiro lembrou, para distrahir a assembléa, que se jogasse um lôto.

A Peres chegou a apparecer nos salões com a caixa dos cartões e o sacco das marcas, mas a companhia preferiu retirar-se para suas casas indo repousar de tão agradável diversão.

Os pipos das vivandeiras ficaram para se mandarem buscar ao outro dia.

As Marques são n'outro gôsto.

Se as conhecem, hão de saber perfeitamente que as Marques chegam até a embirrar com as caras.

Jogar o Entrudo quanto quizerem, porém mascarar nunca.

—As nossas caras têm andado sempre descobertas, graças a Deus Nosso Senhor!— dizem ellas, batendo no peito com o entusiasmo da dignidade immaculada.

Se alguma das tres Marques—a D. Joaquina, a D. Anna ou a D. Clarimunda—se houvesse alguma vez mascarado. ella julgar-se-hia enxovalhada por tal acto e entraria no convento da Encarnação a re-  
virginisar-se d'esse desastre pela clausura, pela frequencia do confessorio, pela prece e pelos jejuns a bacalhau e couve com azeite e vinagre.

O genero predilecto das Marques, pelo Entrudo, consiste principalmente em empanturrarem-se de cabeça de porco e de coscorões, e em falarem mal.

Para os coscorões a mais forte é a Anna; para as palavradas, a Clarimunda.

Se pelas porcarias com que Clarimunda se sae na conversação durante os tres dias gordos—domingo,



segunda e terça—lhe applicassem a ella o mesmo correctivo que ella applica ao gato quando este se sae com porcarias analogas na escada, ha muitos annos que Clarimunda não teria nariz.

Na quarta feira de cinza as almas das tres manas Marques estão regaladas, porque ellas botaram para fora quanto podiam botar em indecencia de lingua, e metteram para dentro quanto se podia metter em orelheira e chispes com feijão.

Excremento, comezaina e temor de Deus!—tal é o programma dos divertimentos carnavalescos d'esta antiga e bem conceituada familia.

As Leites, essas, durante os dias do Entrudo não pensaram senão n'uma cousa: pregar uma grande pulha ás Cardosos.

As Cardosos, ha tres annos, mandaram ás Leites seis ratos grandes, de cano, mettidos vivos dentro de um pão pôdre.

Quando o pão foi partido pelas Leites, á sobre-mesa, e que as ratazanas se espalharam na casa de jantar, houve uma revolução.

D. Felizarda Leite virou as pernas por cima da cabeça, de terror, e cahiu no chão com um flato.

D. Laura deu-lhe uma cousa pela cabeça, de que resultou ficar com os olhos esgaseados e a bôcca á

banda, a bulir com os dois braços, como se estivesse a chamar pelos ratos, durante meia hora.

As creadas fugiram em berros pelas escadas abaixo, e não tornaram a apparecer senão d'ahi a tres dias, sendo cada uma d'ellas acompanhada pelo seu respectivo militar.

Desde esse pão pôdre as Leites têm consagrado os seus dias a inventar as mais horrorosas partidas para fazer ás Cardosos.

A primeira foi mandarem-lhes dentro de uma mala, em que diziam ir um vestido para as senhoras vêrem, um cão de fila bravissimo, que as Leites tinham pedido emprestado para esse fim.

Sucedeu porém que o gallego encarregado da conducção d'esta bem imaginada pulha, sentindo no caminho que o cão se não accommodava de nenhum modo dentro da mala, o tirou para fora, levando-o simplesmente prêso por uma corda.

As Cardosos receberam a mala vazia, e deixaram o cão fora da cancella.

Depois d'isso a quantidade das cousas que em cada Entrudo as Cardosos mandam ás Leites e que as Leites mandam ás Cardosos é innumeravel.

Sómente nem Cardosos nem Leites abrem a porta a quem quer que seja n'estes dias.

Está-se agora a vêr se se poderá inventar alguma cousa que as obrigue a isso para o anno.



As meninas Ferreiras são pelos pós, tanto de gomma como mesmo de sapatos, e bem assim por todos os demais projectis proprios d'esta quadra e comprehendidos entre o tremoço e a baldada de agua.

Desde o sabbado magro até a terça-feira gorda estas interessantes jovens nunca mais tornam a andar pelas casas senão de cabello esguedelhado e coberto de pó, *mandrião* branco, e rabo.

O prédio das Ferreiras distingue-se de todos os de mais no tempo do Entrudo pela profusão de pós, de papelinhos, de tremoços, de feijões e de grãos de bico, que alastram a rua por baixo das janellas.

Raparigas mais divertidas não queremos que as haja.

Tambem, quando acabam os folguedos carnavalescos, ellas têm o corpo coberto de nódoas negras, de tanto que gosam em trambulhões, e estão quasi calvas á força de cousas com que têm esfregado as cabeças umas ás outras — por galhofa !

## XVI

Em consequencia da condemnação da praça do Campo de Sant'Anna, foi em Cintra que d'esta vez se realisou o grande acontecimento annual do sport tauromachico, a *tourada de Tinoco*, a qual se pode chamar o *Grand Prix* de Lisboa.

Com o caminho de ferro, que presentemente a prende á capital por um breve e commodo passeio, Cintra mudou muito de aspecto. Ao domingo principalmente a multidão trazida pelos comboios de recreio dá-lhe um ar popular de festa suburbana, no Beato, nas Amoreiras ou no Campo Grande.

À noite porém, com a partida do ultimo trem, a villa esvazia-se outra vez. Ao quente borborinho do povo, ao orneio dos burros, ás risadas das hispanholas, succede-se o silencio cavo do valle. A névoa, que lentamente desce da serra, limpa o ambiente da poeira impregnada das exalações da cerveja, do vinho de Collares e do peixe frito. E quando a lua desponta por cima dos castanheiros, esse astro tantas vezes invocado pelo velho lyrismo da localida-



de, não hesitaria em reconhecer na sua decantada serra, no alcantilado relêvo da penedia, nas ameias do castello dos Mouros, na densa espessura dos arvoredos, no murmurio da agua por entre os musgos, no cheiro das giestas humidas de orvalho, o eden de Childe Harold.

Na segunda-feira pela manhã constata-se que o povo, apesar de tudo quanto as classes cultas receavam da rapacidade do seu contacto, não levou consigo nada da antiga Cintra.

Cá ficou, onde estava, o real paço, com as suas lindas janellas de dois arcos, manuelinas, em troncos podados; a sua bella collecção de azulejos de typo arabe, de typo flamengo e de typo italiano; o seu carcere de Affonso VI, a sua sala dos cysnes e a sua sala das pêgas, cuja lenda Garrett tão encantadoramente narrou nas lindas trovas

Era uma pêga no paço  
Que el-rei tomara caçando. .

Na Regaleira os frondosos castanheiros continuam a ensombrar o mais lindo terraço que tem a serra.

Em Setiaes não deixou de crescer a herva no terreiro de correr touros e de jogar as cannas no tempo do marquez de Marialva, e pelo arco triumphal,

no pedantesco estylo pombalino, entra-se agora como outr'ora para a celebre quinta tão melancholicamente devastada nas alamedas, nos lagos, nos marmores das estatuas e nos arabescos de murta dos seus velhos jardins inglezes.

Na Penha verde permanece o Monte das Alviceiras com as arvores estereis de D. João de Castro e as ermidas revestidas dos lindos embrechados do seculo xvi.

Na serra, entre o convento dos Capuchos e o castello dos Mouros, o palacio da Pena, espera, insensivel, que a licitação em hasta publica ou o accôrdo amigavel entre os herdeiros de D. Fernando decida a quem aquelle senhorio tem de pertencer.

A propriedade de Monserrate, tão celebre pelas festas principescas que no principio do seculo ahi deu William Beckford, como pelo quasi lugubre encerro em que hoje a sequestra da convivencia social o sr. Franck Kook, visconde de Monserrate, seu actual possuidor, vae-se alastrando cada vez mais, ameaçando absorver tudo, porque o sr. Kook embirra de avistar das suas janellas uma copa de pomar, um muro de quinta, ou um telhado de casa, a que elle não possa mandar dar pelo seu architecto, pelo seu decorador ou pelo seu jardineiro, a linha e a côr mais adequada para pôr a paizagem circumstante em harmonia com os principios da sua



esthetica ou com os caprichos do seu temperamento.

Nos prados de luzerna da Penha Longa continuam a pastar tranquillos os carneiros e as vaccas de luxo, que dão a esta quinta, com os seus estabulos e com as suas officinas ruraes, o grande ar de uma granja ingleza.

Finalmente, na fonte da Sabuga vae correndo sempre, férrea e desnevada, a crystallina agua da serra. Fabricam se como antigamente as queijadas da Sapa, tão gratas ao paladar de Lord Byron. Abunda o bom leite, a manteiga fresca, as ameixas, os pecegos, os vinhos palhetes de Collares, as rosas de D. Mecia e os amaranthos de Bernardim Ribeiro. Na frescura das velhas mattas, no dôce murmurio das aguas correntes, na suavidade da luz coada pela verdura das alamedas, durante os lentos passeios solitarios sobre o solo fôfo de folhagem, por entre os moitas dos fetos, e das hortensias, uma vaga palpitação de saudade parece errar com o perfume da flôr das madresilvas e da seiva dos castanheiros, como se á prosaica villegiatura dos nossos dias alguma cousa se mesclasse dos poeticos ocios da côrte de D. João II e de D. Manuel, envolvendo na azulada neblina da montanha os vagos e diffusos phantasmas brancos das infantas D. Maria e D. Beatriz, das suas damas e dos seus artistas, de Paula

Vicente, de Luiza Sigêa, de Bernardim Ribeiro, de Gil Vicente, de Garcia de Rezende, de Luiz de Camões.

Emquanto á corrida de touros, é curioso observar a influencia que tem a temperatura, o aspecto do solo, a paisagem, os costumes do povo n'este divertimento nacional. As unicas touradas genuinamente populares são as de Lisboa no Campo de Sant'Anna, e as do Ribatejo, na Alhandra, em Villa Franca de Xira, em Salvaterra de Magos, etc. Nos terrenos de planicie, onde pastam as boiadas, onde o sol inclemente morde sem refrigerio os vastos campos desarborisados em que as searas de um tom fulvo ondeiam até o horisonte como um largo mar de centeio, é que o homem mais intimamente se relaciona e se identifica com o cavallo e com o boi. Entre os casaes, que alvejam a grandes distancias na chata monotonia da leziria ninguem pode transitar a pé, de modo que, como na Pampa, todo o habitante é cavalleiro. O frequente encontro das mandas obriga a apprender a evitar a pancada de algum touro trasmalhado, manejando o pampilho e governando com destreza o cavallo nas evoluções de maior ligeireza e de maior velocidade. Uma vez desmontado, só ha um meio de evitar o perigo de um encontro com o touro, e esse meio é metter-se-lhe entre as hastes e segurar-se-lhe ao pescoço. Assim,



além de cavalleiro por natureza, todo o ribatejano é mais ou menos toureador de nascença.

Em Samora a praça provisoria principia-se a construir em frente do prédio principal do sitio tres ou quatro horas apenas antes de começar a funcção. O cercado da arena é feito de carretas, de grades e de charruas juxtapostas em circulo.

Ao primeiro boi, os espectadores mais ávidos saltam para a frente d'estes obstaculos, e do segundo boi por diante a trincheira é completamente composta de gente. A cada tentativa do bicho para arremetter contra esta sebe humana, o ponto da trincheira atacada ouriça-se de varapaus ferrados, e o boi é rechaçado a pontoadas sangrentas pelo focinho. Se porventura ensarilha com os cajados, atraz de cada um d'estes, que quebra ou que vòa desempolgado pelos ares, o boi encontra um homem de pulsos de ferro que o pega de cara, collando-se-lhe na testa como uma estampilha n'uma carta.

O calor tórrido, o sol a pino, a poeira rubra, o mosquedo do arraial ou da feira, põem nos bois e nós homens uma excitação correlativa, o arranque reciproco de quem vê vermelho de parte a parte, e não ha mais valentes, nem mais animadas, nem mais divertidas corridas do que essas, a que a gente vae de mangas arregaçadas, jaleco ao hombro, a faca na cinta e uma melancia debaixo do braço.

Em Cintra, coado pela verdura das camelias, dos castanheiros do Norte, dos fetos arborescentes e das araucárias, o mesmo sol estremenho dá á luz tons brandos e neutros, que suavizam e, para assim dizer, avelludam os contornos do terreno e os aspectos da paizagem no sentido civilisado de um europeismo incompativel com as tendencias de lucta semi-selvagem com animaes bravos. A neblina da serra como que britanisa a região, envolvendo-a no fino véo côm de perola que reveste na campina ingleza as abbasdias gothicas e os castellos do tempo da rainha Maria.

A decoração humana tem de ser aqui completamente diversa da do Ribatejo. Por baixo das arvores dos Pisões, no perfume das madresilvas e das rosas chá, entre o murmurio das aguas e o gorgoio das cotovias, o campino, de cinta e collete encarnado, no cavallo lanzudo, ferrado á ligeira, de sella semi-arabe, e chairel de pelle de cabra, tem o ar nostalgico de se arripiar de frio e de bocejar de tédio.

Os divertimentos que em Cintra condizem com os aspectos da natureza são os jogos inglezes de jardim, os concursos hippicos, as corridas de cavallos, as batalhas de flôres.

A temporada d'este verão foi excepcionalmente fertil em diversões d'esse genero. Não se chegaram a realisar os concursos hippicos, os quaes em toda



a Europa têm tomado um tal incremento entre os prazeres da alta sociedade, que Francisque Sarcey exprimia ainda o outro dia o justificado receio de que esta especie de espectaculos viesse a matar em breve tempo o gôsto pelo theatro. Mas, se as pessoas que em Cintra têm cavallos e carruagens não organisaram um certamen formal, iniciaram-o indirectamente.

A batalha das flôres, organizada em beneficio dos pobres da localidade, se não foi um concurso, foi já uma grande parada e uma bella revista de sport, em que se exhibiram em grande gala no meio de um consideravel luxo de flôres, de pastilhas e de lindas *toilettes* de verão, os mais bellos cavallos de tiro e as mais elegantes carruagens de campo e de passeio.

A série dos bailes foi inaugurada pela princeza Amelia. A casa occupada pelos duques de Bragança é a da antiga quinta do Relogio. O prédio, relativamente pequeno, de um só pavimento, abre para os jardins, n'um recanto do caminho dos Pisões, por uma fachada um pouco theatral, em tres ou quatro arcos de volta de ferradura, em estylo arabe. Duas cancellas lateraes na grade de ferro que veda o jardim do lado da estrada, dão entrada ás carruagens, que torneiam um pequeno lago com o seu repuxo para chegar á casa, sahindo pela cancella do lado op-

posto á do ingresso. Para o fim de tornarem tres das suas principaes salas accessiveis aos seus convidados, os principes mandaram desarmar o bilhar que occupava uma d'ellas, e, como simples burguezes, voluntariamente sacrificados ao bem-estar dos seus hospedes e dos seus amigos, jantaram um pouco mais cedo n'essa noite, para converter em sala de jôgo a sua casa de jantar; engrinaldaram de rosas e de hortensias os espelhos e os lustres; cobriram de alegres aguarellas assignadas pelos seus nomes duas ou tres duzias de pandeiros para distribuir no *cotillon*; inventaram uma das mais saborosas bebidas de verão—uma variante de *Champagne-cup* feita de rodelas de pêcego em infusão de vinho de Bourgogne e assucar, misturado com Champagne sêcco e gelado; illuminou-se o jardim com lanternas venezianas; collocou-se o piano no vão de uma janella; e desde as 10 horas da noite até as duas da madrugada, em que terminou o *cotillon*, para se servir a ceia, os principes fizeram incessantemente dansar os seus convivas na franca e larga expansão de uma alegria patriarchal. Porque a dança tem esse bello privilegio: digam d'ella todo o mal que quizerem, a dança é a unica expressão instinctiva do jubilo humano, que a civilisação não conseguiu ainda, nem supprimir, nem corromper; é commum a todós os povos, a todas as raças, a todas as regiões do globo, a todas



as classes sociaes; dança a gente branca, a gente negra, a gente amarella e a gente vermelha; dança-se nos mais heraldicos castellos, como nas mais humildes cabanas, nas maiores capitaes, como nas mais pequenas aldeias, entre as castas aristocraticas, como entre as tribus selvagens, no velho mundo, como no mundo novo, em Paris e em Londres como na Siberia, na Senegambia ou na Patagonia, e nos bailes dos principes como nas romarias dos pastores, ou nas bôdas dos operarios. A dança é a unica grande e suprema niveladora das categorias sociaes e das altitudes geographicas, das condições dos homens e das edades do mundo. E alguma cousa de commovente, de solemne, de quasi sagrado, parece resultar da observação d'este facto: que no tempo de Zola, como no tempo de David, em casa de uma joven e elegante princeza, a gente se diverte ainda como se divertiriam Jacob e Rachel, bailando defronte do lar, em casa de Abrahão.

A dois bailes dados na quinta do Relogio seguiram-se varios outros nas principaes casas aristocraticas de Cintra, sendo o ultimo o dos condes do Paço de Lumiar na linda propriedade dos marquezes de Pombal, e o penultimo em casa dos duques de Palmell

A casa Palmella em Cintra, posto que moderna — creio ter sido construida pelos condes da Povoá

depois de 1834— é das mais interessantes. Conserva a mobilia e a decoração primitiva, o que faz d'ella um curioso typo de civilisado interior da Restauração, com salas authenticamente e genuinamente semelhantes áquellas que organisaram e dirigiram em França Madame de Staël, Madame de Remusat, Madame Récamier, Madame Guizot e Madame de Girardin. E no meio dos motivos egypcios da sua decoração mural, entre os grandes canapés rectilíneos e os altos tremós em columnas de mogno e de ebano com capiteis de bronze cinzelado, legado do primeiro imperio aos reinados que se lhe seguiram como derradeira invenção original na arte do mobiliario moderno, a silhouette da duqueza de Palmella parece achar-se em uma das molduras que mais convém á expressão das suas linhas. A figura tão especialmente distincta d'esta senhora desdiria inteiramente da confusa accumulacão de bric-à-brac, ou das excessivamente fôfas capitonagens de harem, com que de ordinario se mobilam hoje os salões novos. Pela distincção tão rara e tão inexprimivelmente ondulante das suas maneiras, por essa absoluta ausencia de desvanecimento, de banalidade e de convencionalismo, a qual principalmente caracteriza o puro genero do seu encanto, pela cultura do seu espirito, e pelo seu culminante criterio moral, a duqueza de Palmella representa, em pleno regimen da



chateza e do *snobismo* dos nossos dias inquietos, pre-tenciosos e descontentes, uma sobrevivencia tran-scendental, um mysterioso avatar da altiva graça di-rigente dos derradeiros salões em que na Europa se refugiou, da invasora plutocracia moderna a aristo-cracia dos sentimentos, isto é, o desinteressado cul-to da honra, da arte, da poesia e das letras, allia-do ao respeito mútuo d'esse conjunto sumptuoso de finas qualidades improductivas, conhecido de nossos paes pelo nome antigo de boa criação.

Na noite do baile o antigo parque através do qual se entra na casa Palmella, illuminado de mui-tos centenaes de lanternas venezianas, abria na calma escuridão da noite flexuosas e phantasticas perspectivas de uma profundidade infindavel. Por volta das 10 horas, á chegada dos duques de Bra-gança, que se dignaram de assistir a esta festa, os violinos de uma orchestra invisivel fizeram ouvir um desenvolvimento de melodia; duas filas de vinte creados, em grande libré, encarnado e preto, calção curto, cabello empoado, levantando em can-delabros as luzes de muitas vélas, adeantaram-se desde a porta do vestibulo até o extremo da *marquise* que abrigava a descida das carruagens, emquanto a dona da casa, de vestido branco em brocado de ouro, recebia á portinhola do *landau* os seus régios hospedes. E n'este lindo espectáculo,

sob os grandes castanheiros, n'uma quebrada de serra, envôlto na solidão dos campos e na abobada do céo recamado de estrellas, parecia celebrar-se uma especie de mysterioso enlace entre a poesia da noite e a graça hospitaleira da civilisação.

Com os primeiros dias de setembro, terminou o periodo consagrado pela moda á villegiatura de Cintra. Desde que o mez de agosto finda, até que S. Carlos começa, prescrevem as praxes que a estação maritima succeda á estação de montanha. Enchem-se n'esta época, até deitar por fora, as praias de banhos da bahia do Tejo e do littoral, desde Setubal até Ancora. Lisboa inteira debanda. Todos os primeiros logares ficam devolutos por um mez, e são as segundas partes que se encarregam de representar a população da cidade. Hontem diziam os jornaes, que *cincoenta e tres* gatunos, recentemente capturados pela policia, haviam sido repostos em liberdade, por falta de juizes que instaurassem o processo e formulassem o summario. As justiçaes balneiam-se, e ao mesmo tempo em que toda a gente honesta se põe á sombra, aos ladrões succede exactamente o contrario. De sorte que, para não constituirem excepção aos demais estabelecimentos do Estado, as mesmas prisões se desoccupam n'esta quadra do anno. Assim como fazem os juizes integerrimos, os malfeitores astutos vereaneiam.



Mas, de todas as praias portuguezas, é principalmente Cascaes a que herda de Cintra a *élite* do seu verão.

Para corresponder á posse d'este privilegio de *chic* balnear, Cascaes, além da serenidade azul da sua bahia e da cidadella em que por algum tempo reside a familia real, dispõe apenas de um mediocre hotel, de um club de sport e de um casino de aspecto pacato como o de uma botica hospitaleira, onde á noite se joga ou se bailarica ao piano.

O *Sporting Club* instalou-se no recinto anteriormente conhecido pelo nome de *parada*, e deu ao logar um arzinho de civilização, que não deixa de surprehender um pouco n'uma praia nacional. Varios jogos de jardim foram correctamente estabelecidos e são assiduamente frequentados. Com espanto meu, vi n'este logar meninas portuguezas, entre os quinze e os vinte e cinco annos, jogando arrojadamente a bola, á velha moda nacional, n'um terreno semelhante ao que para identico fim existia nas cêrcas dos nossos antigos mosteiros. E todas ellas tinham a alegre apparencia de não desconhecer que este elastico exercicio dos seus graciosos musculos põe muito mais em evidencia a delicadeza e a elegancia do seu garbo, do que o ronceiro e dandynado passeio de cerimonia ás lojas, ou ao Senhor dos Passos. No que folgo muito de lhes dar

razão, porque nada fica melhor ao physico de uma esbelta rapariga, do que as attitudes d'esse nobre jôgo semelhantes áquellas em que a esculptura grega representava os athletas no acto de rejeitarem o disco.

Desde que o Casino se abre, as salas fecham-se, e a convivencia faz-se n'essa especie de praça publica, coberta por um tecto e guarnecida de um certo numero de cadeiras.

No Casino de Cascaes, as senhoras conhecidas umas das outras têm a pretensão aristocratica de se não mesclarem com as senhoras que não conhecem, e nada mais impertinentemente caturra, nem mais burlesco, do que o aspecto d'essas reuniões da familia balnear, em que, entre os fardos femininos collocados em cada noite sobre as cadeiras da direita, e os fardos da mesma materia postos sobre as cadeiras da esquerda, não ha outra communicação de sentimentos ou de idéas, que não seja a que de fardo de uma banda para fardo da banda opposta se transmite a todo o comprimento do armazem pela electricidade reciproca da inveja, da aversão ou do desprezo. De sorte que, n'este alegre e amavel convivio, se vêem copos, que vieram á sala cheios de agua com assucar, e se vão embora azedos como trovisco, unicamente por terem estado um momento em contacto com os sorrisos trocados entre si pelos convivas.



## INDEX DO TOMO VI

I A alimentação, e seus effeitos nas idéas, nos sentimentos e nos aspectos da sociedade.....	5
II A estatística dos divorcios, o casamento, o namôro.	19
III A mania das grandezas e a melomania, doenças hereditarias na sociedade portugueza.....	37
IV O estado geral das idéas deduzido da apotheose do marquez de Pombal. Os politicos, os escriptores, os artistas, o povo. A tradição pombalina... ..	84
V O Sport. Primeira corrida de cavallos no Campo Grande.....	165
VI As Magdalenas perante a arte e perante a opinião..	169
VII O espolio de uma imperatriz, derrocada de um mundo.....	175
VIII Um jantar politico.....	182
IX A protecção aos animaes.....	188
X Algumas dadivas.....	192
XI O barão de Humbold, iniciação do seculo.....	196
XII Do tamanco aos arminhos — Carta de guia.....	202
XIII O <i>Chic</i> e seus desastres.....	239
XIV A noção do amor.....	270
XV Algumas familias lisboetas — Chronica do Entrudo..	298
XVI O <i>Grand-prix</i> , villegiatura de Cintra e de Cascaes, perfis de senhoras.....	304





